

Bestseller Internacional

Por um dia mais

Comovente e perturbador, um livro que fala
directamente ao seu coração e que faz acreditar
no infinito poder do amor de uma mãe



Mitch Albom

Autor de

As Terças com Morrie

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ficha Técnica

Por um dia mais

Mitch Albom

Título original: For One More Day

Tradução de Sofia Serra

Estrelapolar

ISBN: 978-972-8929-67-1

Edição: 11 07 0007

1.a edição: Junho de 2007

Depósito legal nº 259 774/07

Comovente e perturbador, um livro que fala directamente ao seu coração e que faz acreditar no infinito poder do amor de uma mãe

Sinopse

Por Um Dia Mais conta o percurso de Charles Benetto, um ex-jogador de baseball destruído pelo álcool e pelos fantasmas interiores.

Depois de perder o seu trabalho e a família, desiludido e tomado por uma profunda tristeza, Charles decide suicidar-se, mas até nisso falha. Dirige-se à casa da sua infância, onde acaba por ter uma incrível surpresa: a sua mãe, já falecida, reaparece, agindo como se nada tivesse acontecido. O que se segue é aquele dia "a mais" que todos nós tantas vezes desejámos, para fazer as pazes, explicar segredos de família, repensar escolhas e, mais do que tudo, perdoar e sermos perdoados.

Com sensibilidade e delicadeza, Mitch fala neste livro sobre o poder do amor, fazendo-nos viajar nas memórias de Charles, um filho como qualquer um de nós - ocupado demais, cansado demais, ausente demais - que se vê diante da única oportunidade de se salvar a si mesmo.

Sobre o Autor

Mitch Albom é autor dos grandes bestsellers internacionais *As Cinco Pessoas Que Encontramos no Céu* e *As Terças com Morrie*, que venderam milhões de exemplares em todo o mundo, foram já transformados em filmes e peças de teatro e várias vezes galardoados.

Ex-jornalista desportivo, dedica-se actualmente a escrever argumentos para cinema e peças de teatro. Fundou três instituições de solidariedade na área metropolitana de Detroit e está activamente envolvido em outras, ligadas aos sem-abrigo, à literacia e às artes.

Vive com a sua mulher, Janine, no estado do Michigan.

Alguma vez perdeu alguém que amasse e ficou a desejar mais uma conversa, mais uma oportunidade de compensar o tempo em que achou que essa pessoa estaria consigo para sempre? Se sim, então sabe que pode passar a vida inteira a coleccionar os dias, mas que nenhum é mais marcante do que aquele que desejaria ter de volta.

E se o pudesse ter?

"Existe uma história por trás de tudo. Como uma determinada fotografia foi parar a uma parede. Como surgiu uma cicatriz no seu rosto. Às vezes, as histórias são simples e às vezes são duras e desoladoras. Mas, por detrás de todas as histórias, está a história da sua mãe, porque é na dela que a sua começa.

Portanto, esta foi a história da minha mãe. E a minha. Gostava de consertar as coisas com as pessoas que amo."

“Deixe-me adivinhar. Quer saber porque é que me tentei matar.”

As primeiras palavras que Chick Benetto me disse.

ESTA HISTÓRIA É SOBRE UMA FAMÍLIA e, como envolve um fantasma, pode dizer-se que é uma história de fantasmas. Mas todas as famílias são histórias de fantasmas. Os mortos sentam-se connosco à mesa muito depois de terem partido.

ESTA HISTÓRIA EM PARTICULAR pertence a Charles “Chick” Benetto. O fantasma não era ele. Ele era bem real. Encontrei-o num sábado de manhã, nas bancadas de um campo da Little League, de impermeável azul-escuro e a mascar pastilha elástica de hortelã. Talvez se lembrem dele, nos seus dias de basebol. Eu conheço o seu nome a vários níveis, já que parte da minha carreira foi passada como comentadora desportiva.

Olhando para o passado, acho que estava destinada a encontrá-lo. Eu tinha vindo a Pepperville Beach, para vender uma pequena casa que pertencia à nossa família há vários anos. De volta ao aeroporto, parei para tomar café. Do outro lado da estrada, havia um campo onde estavam vários miúdos a lançar e apanhar bolas. Tinha tempo, fui dar uma vista de olhos.

Estava encostada ao batente, com as mãos agarradas à vedação de grilhetas, quando apareceu um homem a conduzir uma ceifeira nas ervas. Bronzeado e rugoso, tinha meio charuto pendurado na boca.

Quando me viu, desligou a ceifeira e perguntou se algum dos miúdos era meu. Respondi que não. Perguntou o que estava cá a fazer e contei-lhe da casa. Perguntou como ganhava a vida e cometi o erro de lhe contar isso também.

- Uma escritora, hã? - disse ele, trincando o charuto. Apontou para um vulto sozinho sentado nas cadeiras, de costas para nós. - Devia conhecer aquele tipo. Ali é que está uma bela história.

Passo a vida a ouvir isto.

- Ah, sim? Então porquê?

- Já foi profissional, em tempos.

- Hum, hum.

- Acho que até entrou no Mundial.

- Hum.

- E tentou suicidar-se.

- O quê?

- Pois foi. - O homem fungou. - Pelo que ouvi, tem uma sorte danada em estar vivo. Chama-se Chick Benetto. A mãe dele morava aqui. Posey Benetto. - Riu-se. - Essa era indomável.

Deitou o charuto ao chão e pisou-o.

- Se não acredita em mim, vá lá acima e pergunte-lhe.

Regressou à ceifeira e eu larguei a vedação. Estava ferrugenta e fiquei com os dedos cheios de pó de ferrugem.

Todas as famílias são uma história de fantasmas.

Aproximei-me da bancada.

Tudo o que aqui escrevi é o que Charles "Chick" Benetto me contou naquela manhã, numa conversa que durou muito mais do que isso, bem como os apontamentos pessoais e páginas do seu diário que descobri mais tarde, por minha conta. Reuni-as na narrativa que se segue, na voz dele, porque não tenho a certeza que acreditassem nesta história, se não a ouvissem da boca dele.

Talvez nem assim acreditem.

Mas faça a si mesmo uma pergunta: alguma vez perdeu alguém que amasse e ficou a desejar mais uma conversa, mais uma oportunidade de compensar o tempo em que achou que essa pessoa estaria consigo para sempre? Se sim, então sabe que pode passar a vida inteira a coleccionar os dias, mas que nenhum é mais marcante do que aquele que desejaria ter de volta.

E se o pudesse ter?

Maio de 2006

1

MEIA-NOITE

A História de Chick

DEIXE-ME ADIVINHAR. Quer saber porque é que me tentei matar. Quer saber como sobrevivi. Por que é que desapareci. Onde tenho estado este tempo todo. Mas, primeiro, por que é que me tentei matar, certo?

Tudo bem. As pessoas fazem sempre isso. Comparam-se comigo. É como se houvesse uma linha a dividir o mundo ao meio e, se nunca a pisarmos, também nunca pensamos em saltar de um prédio ou engolir um frasco de comprimidos. Mas, se a passarmos, talvez o façamos. As pessoas acham que eu passei para lá dessa linha. Perguntam a si mesmos: "Será que vou chegar tão perto como ele chegou?"

A verdade é que não existe uma linha. Tudo o que existe é a sua vida, como a estragou e quem está lá para o salvar.

Ou quem não está.

Olhando para trás, comecei a deslindar o dia em que a minha mãe morreu, há cerca de dez anos. Quando tudo aconteceu, eu não estava lá e devia ter estado. Por isso, menti. Foi uma péssima ideia. Um funeral não é sítio para segredos. Fiquei junto à sua sepultura, tentando acreditar que não tinha tido culpa, quando a minha filha de catorze anos pegou na minha mão e sussurrou: "Lamento que não tenhas conseguido dizer adeus, pai" e pronto. Fui-me abaixar. Caí de joelhos, a chorar, com a relva molhada a sujar-me as calças.

No funeral, fiquei tão bêbado que desmaiei num sofá. E foi então que qualquer coisa mudou. Basta um dia para mudar a nossa vida e aquele pareceu mudar a minha inequivocamente para baixo. Em criança, a minha mãe tinha andado sempre em cima de mim com conselhos, críticas e todo o cenário asfíxiante de mãe. Houve alturas em que desejei mesmo que me deixasse em paz.

Mas depois morreu. Morreu. Acabaram-se as visitas e os telefonemas. Sem que me apercebesse, comecei a andar à deriva,

como se me tivessem arrancado as raízes ou flutuasse por um rio abaixo. As mães apoiam certas ilusões dos filhos e uma das minhas era achar que gostava de quem sou, porque ela gostava. Quando ela morreu, levou com ela essa ideia.

A verdade é que eu não gostava de todo da pessoa que era. Mentalmente, continuava a ver-me como um jovem atleta cheio de futuro. Mas deixei de ser jovem e deixei de ser um atleta. Era um vendedor de meia-idade. Há muito que passaram as minhas promessas de futuro.

Um ano depois da morte da minha mãe, cometi a maior burrice financeira da minha vida. Permiti que uma vendedora me convencesse a entrar num esquema de investimentos. Ela era jovem e bonita, daquela maneira confiante e fresca, com os dois botões desapertados do casaco como manda a moda. Um homem mais velho sente-se amargurado quando ela passa, a não ser, claro está, que ela lhe dirija a palavra. A seguir fica estúpido. Encontrámo-nos três vezes para discutir a proposta: duas no escritório dela e uma num restaurante grego, nada indecente. Quando o seu perfume se desvaneceu na cabeça, já tinha posto todas as minhas poupanças num fundo de acções que agora não vale um tostão. Ela foi rapidamente “transferida” para a costa Leste e eu tive de explicar à minha mulher, Catherine, para onde tinha ido todo o dinheiro.

Depois desse episódio, passei a beber mais - no meu tempo, os jogadores bebiam sempre -, mas isso tornou-se um problema que fez, com o tempo, com que me despedissem de dois empregos como vendedor. E ser despedido fez com que continuasse a beber. Dormia mal. Comia mal. Parecia que estava a envelhecer, mesmo estando quieto. Quando encontrei trabalho, escondia elixir dentífrico e gotas para os olhos dentro dos bolsos e disparava para a casa de banho antes de me encontrar com clientes. O dinheiro tornou-se um problema e Catherine e eu discutíamos constantemente por causa disso. Com o tempo, o casamento rebentou. Ela cansou-se da minha miséria e eu não a posso culpar. Quando nos sentimos podres connosco, ficamos podres com os outros, mesmo aqueles que amamos. Uma noite, deu comigo inconsciente, no chão da cave, com o lábio cortado e uma luva de basebol no colo.

Deixei a minha família pouco depois disso ou deixaram-me eles a mim.

E tenho mais vergonha disso do que sou capaz de admitir.

Mudei-me para um apartamento. Tornei-me intratável e distante. Evitava qualquer pessoa que não bebesse comigo. A minha mãe, caso fosse viva, talvez encontrasse maneira de chegar a mim, porque sempre teve jeito para me pegar no braço e dizer: “Vá lá, Charley, que história é essa?” Mas ela não estava cá e quando morrem os pais é assim, parece que em vez de se ir para a luta com reforços, se vai a todas elas sozinho.

Numa noite do princípio de Outubro decidi matar-me.

Talvez fique surpreendido. Talvez ache que homens como eu, que chegam a jogar no Mundial, nunca caem assim tão baixo, porque, pelo menos, têm sempre aquela coisa do “sonho tornado realidade”. Mas engana-se. Tudo o que acontece quando o sonho se torna realidade é a realização lenta e viscosa em como a coisa não é bem o que esperava.

E que não o vai salvar de nada.

O que acabou comigo, o que fez o meu copo transbordar, por muito estranho que soe, foi o casamento da minha filha. Tinha vinte e dois anos, longos cabelos lisos e castanhos e lábios cheios e carnudos como a mãe. Casou com um “tipo maravilhoso”, numa cerimónia à tarde.

E é tudo o que sei, porque foi tudo o que ela escreveu numa breve carta, que chegou ao meu apartamento umas semanas depois do acontecimento.

Parece que a minha bebida, a depressão e o mau comportamento em geral me tinham transformado num risco de embarço demasiado grande para qualquer função familiar. Assim, recebi uma carta e duas fotografias, uma da minha filha e do seu novo marido, de mãos dadas debaixo de uma árvore, e outra do feliz casal a brindar com champanhe.

Foi a segunda fotografia que arrumou comigo. Um desses instantâneos inocentes que captam um momento que nunca se irá repetir, os dois a rir no meio de uma frase, de copos erguidos na mão. Era uma imagem tão inocente, tão jovem e tão... do passado.

Pareceu escarnecer da minha ausência. E tu não estavas lá. Nem conhecia este tipo. A minha ex-mulher conhecia. Os nossos velhos amigos, também. E tu não estavas lá. Mais uma vez, faltei a um acontecimento familiar importante e, desta vez, a minha menina não ia pegar na minha mão para me confortar. Pertencia a outra pessoa. Eu não estava a ser consultado. Estava a ser notificado.

Olhei para o envelope, onde estava escrito o seu novo apelido (Maria Lang e não Maria Benetto) e vi que não tinha endereço de remetente (Porquê? Será que tinham medo que os visitasse?) Alguma coisa dentro de mim caiu tão fundo que nunca mais o pude encontrar. Quando se é erradicado da vida da única filha que se tem, parece que uma porta de aço se fecha à nossa frente. Por muito que se bata, ninguém nos ouve. Não ser ouvido é o que nos faz desistir e desistir é o que nos faz acabar connosco.

Portanto, foi o que tentei fazer.

Não é lá grande coisa, o que é que estou aqui a fazer? E depois, que diferença faz?

Quando ele voltou desajeitadamente para Deus,
Com canções meias escritas e trabalho meio feito,
Quem sabe que caminhos pisaram os seus pés feridos
E que colinas de paz ou sofrimento ganhou?

Espero que Deus tenha sorrido e pegado na sua mão,
E dito: "Pobre vadio, tonto apaixonado!
O livro da vida é difícil de compreender:
Por que não ficaste tu na escola?"

(poema de Charles Hanson Towne, encontrado dentro de um bloco de notas, entre os pertences de Chick Benetto)

Chick Tenta Acabar Com Tudo

A TAL CARTA DA MINHA FILHA chegou numa sexta-feira, o que foi muito conveniente para uma bebedeira de fim-de-semana, da qual não tenho muita memória. Na segunda-feira de manhã, apesar de

um longo duche frio, atrasei-me duas horas a chegar ao trabalho. Quando lá cheguei, durei menos de quarenta e cinco minutos. Tinha a cabeça a latejar e aquilo parecia um túmulo. Entrei na sala das fotocópias e depois na casa de banho, depois no elevador, e sempre sem pasta ou casaco para que, se alguém controlasse os meus movimentos, estes parecessem normais e não uma saída orquestrada.

Foi uma estupidez. Ninguém quis saber. Esta empresa era grande, tinha imensos vendedores e podia sobreviver sem mim, como agora bem sabemos, já que aquela caminhada do elevador até ao estacionamento foi o meu último acto como seu empregado.

A seguir, telefonei à minha ex-mulher. Liguei de uma cabina telefónica. Ela estava a trabalhar.

- Porquê? - disse eu, quando ela atendeu.

- Chick?

- Porquê? - repeti. Tinha tido três dias para acumular a raiva e foi isso que saiu, uma só palavra. - Porquê?

- Chick. - O tom de voz suavizou-se.

- Nem sequer fui convidado?

- Foi ideia deles. Acharam que era...

- O quê? Mais seguro? Eu ia fazer alguma coisa?

- Não sei.

- Agora sou um monstro? É isso?

- Onde estás?

- Sou um monstro?

- Pára.

- Vou-me embora.

- Escuta, Chick, ela já não é uma criança e se...

- Não me pudeste defender?

Ouvi-a expirar.

- Vais-te embora para onde? - disse ela.

- Não me defendeste?

- Tenho muita pena. É complicado. Também há a família dele. E eles...

- Foste com alguém?

- Oh, Chick... Estou a trabalhar, está bem?

Nesse momento, senti-me mais só do que nunca e essa solidão parecia estar sentada nos meus pulmões, a esmagar a respiração até ao mínimo. Não havia mais nada para dizer, pelo menos sobre este assunto. Ou nenhum.

- Não faz mal - sussurrei. - Lamento.

Fez-se uma pausa.

- Vais para onde?

Desliguei o telefone.

E depois, pela última vez, embebedei-me. Primeiro, num sítio chamado Mr. Ted Pub, onde o homem do bar era um miúdo magrinho e de cara redonda, provavelmente da mesma idade do tipo que casou com a minha filha. Mais tarde, regresssei ao meu apartamento e continuei a beber. Deitei a mobília ao chão, escrevi nas paredes e tenho a impressão que enfiei as fotografias do casamento no caixote de lixo. Algures a meio da noite, decidi ir para casa, isto é, Pepper-ville Beach, a cidade onde cresci. Ficava a duas horas de carro, mas há anos que não ia lá. Andei às voltas no apartamento, como se me estivesse a preparar para uma viagem. Não é preciso muita coisa para uma viagem de despedida. Fui ao meu quarto e tirei uma arma da gaveta.

Tropecei até à garagem, encontrei o carro, coloquei a arma dentro do porta-luvas, atirei o casaco para o banco de trás, ou se calhar já lá estava, não sei, e arranquei para a estrada. A cidade estava calma, as luzes amarelas tremeluziam e eu ia acabar a minha vida onde a comecei.

Cambaleiar de volta a Deus. Tão simples como isso.

Temos orgulho em anunciar o nascimento de Charles Alexander

3,760 Kg

31 de Novembro de 1949

Pauline e Leonard Benetto

(encontrado entre os papéis de Chick Benetto)

ESTAVA FRIO E CHUVIA LEVEMENTE, mas a auto-estrada estava vazia e eu usei todas as quatro faixas, de um lado para o outro. Seria de pensar, e de esperar, que a polícia mandasse parar alguém

tão bêbado como eu, mas não aconteceu. Até parei para entrar numa dessas lojas de conveniência, que estão abertas toda a noite, para comprar seis cervejas a um tipo asiático com um bigode fininho.

- Bilhete de lotaria? - perguntou ele.

Ao longo dos anos, tinha aperfeiçoado uma aparência funcional quando estava bêbado - o alcoólico em andamento - e fingi ponderar no assunto.

- Não desta vez - respondi.

Pôs as cervejas num saco. Captei aquele olhar, vindo de dois olhos escuros e murchos e pensei: “.Este rosto é o último que vou ver neste mundo.”

Empurrou o troco por cima do balcão.

Quando vi os sinais para a minha cidade-natal - Pepperville Beach, saída a 1500 m - já tinha despachado duas cervejas e outra entornara-se no lugar do passageiro. Os limpadores do pára-brisas marcavam compasso e eu fazia um esforço para me manter acordado.

Devo-me ter distraído a pensar na “saída a 1500 m”, porque passado um bocado vi um sinal para outra cidade qualquer e percebi que já tinha passado a minha saída. Dei um murro no tablier. Resolvi virar o carro ao contrário ali mesmo, no meio da auto-estrada, e conduzi na direcção contrária. Não havia trânsito e, de qualquer modo, também não me importaria se houvesse. Estava quase a chegar à tal saída. Pisei no acelerador. Rapidamente comecei a ver uma rampa de entrada, não de saída, e guinei nessa direcção. Era uma coisa comprida e curva e tranquei o volante numa curva fechada, rápida, sempre a rodar e a descer.

Subitamente, duas luzes encandearam-me como dois sóis gigantes. Um camião buzinou, ouviu-se um chocar e o meu carro voou por uma ribanceira abaixo e aterrou com força, continuando a rebolar pela encosta abaixo. Havia vidros por todo o lado, latas de cerveja a voar e eu agarrei-me ao volante tenazmente, enquanto o carro saltou para trás, deixando-me de barriga para baixo. Consegui encontrar o manipulo da porta e abri-o com força. Só me lembro de

lampejos de céu preto, o verde das ervas, um estrondo e alguma coisa alta e sólida a esmagar-se no chão.

Quando abri os olhos, estava deitado em cima de relva molhada. O meu carro encontrava-se meio enterrado num painel publicitário de um concessionário local da Chevrolet, agora destruído, onde parecia ter mergulhado. Num desses momentos psíquicos arrepiantes, devo ter sido cuspidado do veículo, antes do impacto final. Não sei explicar. Quando se quer morrer, é-se poupado. Há explicação para isso?

Lenta e dolorosamente pus-me de pé. Tinha as costas encharcadas e estava todo dorido. A chuva ligeira continuava, mas estava tudo calmo, exceptuando o barulho dos grilos. Normalmente, numa altura destas, qualquer pessoa diria: “Estou feliz por estar vivo”, mas eu não, porque não estava. Olhei para cima, para a auto-estrada. Na neblina, consegui ver o camião, que parecia um grande barco naufragado, com a cabina da frente toda amolgada como se tivesse o pescoço partido. Saía fumo do tejadilho. Um dos faróis ainda funcionava e emitia um feixe de luz solitário pela colina abaixo, transformando os estilhaços de vidro em diamantes reluzentes.

Onde estava o condutor? Estaria vivo? Ferido? A sangrar? A respirar? A coisa corajosa a fazer, é claro, era subir o monte e verificar, mas naquele momento a coragem não era o meu ponto forte.

E, portanto, não subi.

Em vez disso, pus as mãos junto ao corpo e comecei a andar para sul, em direcção à minha cidade-natal. Não é coisa de que me orgulhe, mas estava longe de um estado racional. Era um zombie, um robô, despojado de qualquer preocupação por qualquer pessoa, incluindo eu próprio. Aliás, eu estava no topo da lista. Esqueci o carro, o camião, a arma, deixei tudo para trás. Os sapatos faziam barulho a pisar a gravilha e ouvi os grilos a rir.

Não sei dizer quanto tempo caminhei. O suficiente para que a chuva parasse de cair e os primeiros raios da alvorada comessem a clarear o céu. Cheguei aos arrabaldes de Pepperville Beach, onde havia um reservatório de água, alto e ferrugento, mesmo por detrás dos campos de basebol. Em pequenas cidades como a minha, trepar

os reservatórios de água era um rito de passagem e eu e os meus amigos do baseball costumávamos trepar esta torre todas as semanas, com as latas de tinta de spray presas à cintura.

Mais uma vez me via em frente à torre da água, encharcado, velho, falido, bêbado e talvez assassino, como deveria acrescentar. Pelo menos, suspeitava que o pudesse ser, porque nunca chegara a ver o condutor do camião. Não tinha importância, já que o meu acto seguinte também não era cerebral, determinado como estava em fazer desta a última noite da minha vida.

Encontrei a base da escada.

Comecei a subir.

Levei algum tempo a chegar ao tanque rebitado e, quando o atingi, caí redondo no passadiço, arquejando sofregamente. No fundo do meu cérebro aturdido, uma voz repreendia-me por estar tão fora de forma.

Olhei para as árvores por baixo de mim e, atrás delas, o campo de baseball onde tinha aprendido a jogar com o meu pai. Vê-lo ainda remexia com tristes recordações. Por que será que a infância nunca nos larga, mesmo quando estamos tão desfeitos que é difícil acreditar que alguma vez fomos crianças?

O céu clareava. Os grilos soavam mais alto. Tive uma súbita visão da pequena Maria a adormecer no meu peito, quando era tão pequena que podia segurá-la só com um braço e a sua pele cheirava a pó de talco. Depois vi-me a mim, encharcado e sujo como agora, irrompendo pelo seu casamento adentro, a música a parar, todos a olharem horrorizados para mim, especialmente Maria.

Baixei a cabeça.

Ninguém sentiria a minha falta.

Corri dois passos, agarrei o corrimão e saltei por cima.

O resto é inexplicável. Onde bati, como sobrevivi, não vos sei contar. Só me lembro de rodar, estalar e bater, rodopiar e raspar até ouvir um tombo surdo. Estas cicatrizes no rosto? Acho que vieram daí. Parece que levei imenso tempo a cair.

Quando abri os olhos, estava rodeado de troncos de árvore que se tinham partido e tinha o peito e o estômago em cima de pedras. Levantei o queixo e vi o campo de baseball da minha juventude, na

luz da manhã, os dois abrigos para os jogadores e o monte do lançador.

E a minha mãe, que tinha morrido há anos.

2

A MANHÃ

A Mãe de Chick

UMA VEZ O MEU PAI DISSE-ME: “Podes ser o menino da mamã ou o menino do papá, mas não podes ser as duas coisas.”

Preferi ser o menino do papá. Imitava a sua maneira de andar e a gargalhada profunda e sonora. Andava com uma luva de baseball porque ele adorava baseball e apanhei todas as bolas fortes que me lançou, mesmo as que me batiam nas mãos com tanta força que só me apetecia gritar.

Quando terminava as aulas, corria à sua loja de bebidas alcoólicas, na Avenida Kraft, e ficava com ele até à hora de jantar, a brincar no armazém com caixotes vazios, à espera que ele terminasse. Íamos juntos para casa no seu Buick azul-marinho e às vezes parávamos no caminho, para ele fumar os seus Chesterfield e ouvir as notícias na rádio.

Tenho uma irmã mais nova chamada Roberta, que, naquele tempo, usava sapatilhas de bailarina cor-de-rosa praticamente em todo o lado. Quando jantávamos fora no restaurante local, a minha mãe empurrava-a para os lavabos das “senhoras”, com os pés cor-de-rosa a varrer os ladrilhos do chão, e o meu pai levava-me aos dos “homens”. Na minha mente jovem, achei que era assim que a vida destinava as coisas, ele comigo e ela com ela. Senhoras. Homens. Da mamã. Do papá.

Um menino do papá.

Eu era um menino do papá e assim permaneci até uma manhã de sábado, quente e límpida, na Primavera do meu quinto ano de liceu. Nesse dia, tínhamos dois jogos seguidos marcados contra os Cardinal, que vestiam uniformes vermelhos e eram patrocinados pela Pluming Supply Connor.

O sol já aquecia a cozinha quando entrei de meias altas e luvas na mão e vi a minha mãe a fumar um cigarro. Era uma mulher bonita, mas, nessa manhã, não parecia nada. Mordeu os lábios e desviou o

olhar. Lembro-me do cheiro a torradas queimadas e de ter pensado que devia estar aborrecida por ter estragado o pequeno-almoço.

- Eu como cereais - disse eu. Tirei uma tigela do armário.

Aclarou a garganta.

- A que horas é o teu jogo, amor?

- Estás constipada? - perguntei.

Abanou a cabeça e encostou a mão ao rosto.

- A que horas é o teu jogo?

- Não sei - respondi, encolhendo os ombros. Nessa altura, não usava relógio.

Peguei na garrafa de vidro do leite e na caixa de cereais. Entornei-os depressa de mais e alguns flocos saltaram da tigela para a mesa. A minha mãe apanhou-os, um de cada vez, e deixou-os ficar na palma da mão.

- Eu levo-te - disse ela. - Seja a que horas for.

- Por que é que o pai não me pode levar?

- O pai não está cá.

- Onde é que ele está?

Não respondeu.

- Quando é que volta?

Apertou os flocos, que se desfizeram num pó farinhento.

A partir desse dia, passei a ser um menino da mamã.

Portanto, quando digo que vi a minha falecida mãe, é isso mesmo que quero dizer. Estava de pé, junto ao abrigo dos jogadores, com um casaco cor de alfazema e o seu livro de bolso na mão. Não disse uma palavra. Ficou ali a olhar para mim.

Tentei levantar-me para ir ter com ela, mas um raio de dor trespassou todos os meus músculos. O meu cérebro queria gritar o nome dela, mas não saiu som da minha garganta.

Baixei a cabeça e juntei as palmas das mãos. Desta vez, empurrei com força e consegui levantar-me a meio caminho do chão. Olhei para cima.

Tinha desaparecido.

Não estou à espera que me acompanhem nisto tudo. Eu sei que é de loucos. As pessoas mortas não se vêem. Não existem visitas. Não se cai de um reservatório de água, não se sobrevive

miraculosamente, apesar da melhor tentativa para se suicidar, e se vê a querida e falecida mãe na linha da terceira base, a segurar um livro de bolso.

Já pensei em tudo isso tanto como, provavelmente, você está a pensar agora, uma alucinação, uma fantasia, um sonho bêbado, um cérebro baralhado num caminho baralhado. Como já disse, não espero que me acompanhe.

Mas foi o que aconteceu. Ela esteve lá. Eu vi-a. Fiquei ali deitado durante um tempo indeterminado e depois pus-me de pé e comecei a andar. Sacudi areia e detritos dos joelhos e dos braços. Sangrava de uma dúzia de cortes, inúmeros pequenos e alguns maiores, e sentia o sabor do sangue na boca.

Atravessei um troço de relva familiar. Um vento matinal soprou nas árvores e levantou uma onda de folhas amarelas, como uma pequena tempestade ondulante. Era a segunda vez que não conseguia suicidar-me. Não é patético?

Dirigi-me à minha antiga casa, determinado a acabar com o assunto.

Querido Charley,
Diverte-te MUITO na Escola hoje!
Encontramo-nos à hora de almoço e vamos beber um batido.
Amo-te todos os dias
Mãe

(dos papéis de Chick Benetto, talvez de 1954)

Como a Mãe Conheceu o Pai

A MINHA MÃE ESTAVA SEMPRE A ESCREVER-ME BILHETES. Metíamos na mão sempre que me deixava em qualquer sítio. Foi uma coisa que nunca entendi, já que se me quisesse dizer alguma coisa podia dizê-la logo e poupar papel e o terrível sabor da cola dos envelopes. Acho que recebi o primeiro bilhete no primeiro dia de jardim-de-infância, em 1954. Que idade tinha eu, cinco anos? O pátio da escola estava cheio de miúdos, a guinchar e a correr.

Aproximámo-nos de mãos dadas, enquanto uma mulher de boina preta organizava filas à frente dos professores. Vi as outras mães beijarem os filhos e depois afastar-se. Devo ter começado a chorar.

- O que se passa? - perguntou a minha mãe.
- Não te vás embora.
- Vou estar aqui quando saíres.
- Não.
- Não faz mal. Estarei aqui.
- E se eu não te conseguir encontrar?
- Encontras sim.
- E se eu te perder?
- Ninguém perde uma mãe, Charley.

Sorriu. Meteu a mão dentro do bolso do casaco e entregou-me um pequeno envelope azul.

- Aqui está - disse ela. - Se tiveres muitas saudades minhas, podes abrir isto.

Limpou-me os olhos com um lenço que trazia na carteira e depois abraçou-me. Ainda a posso ver a caminhar para trás, atirando-me beijos, os lábios pintados de vermelho Revlon, o cabelo penteado atrás das orelhas. Acenei um adeus com o envelope. Acho que não lhe deve ter ocorrido que só agora começava a escola e, portanto, não sabia ler. A minha mãe era assim. O que contava era a intenção.

Conheceu o meu pai, segundo reza a história, no lago Pepper-ville, na Primavera de 1944. Ela nadava e ele batia bolas com um amigo, que atirou uma demasiado alto, caindo dentro de água. A minha mãe nadou para a apanhar. O meu pai mergulhou. Quando veio ao de cima com a bola, bateram com as cabeças.

"E nunca mais parámos", diria ela.

Tiveram um namoro rápido e intenso, porque o meu pai era assim, começava as coisas com o propósito de as acabar. Era um homem alto e rechonchudo que acabara o liceu, ajeitava o cabelo com pompa e conduzia o LaSalle azul e branco do pai. Assim que pôde, alistou-se na Segunda Guerra Mundial, afirmando à minha mãe que queria "matar mais inimigos do que qualquer um da nossa cidade". Foi destacado para Itália, nas montanhas apeninas do norte e o vale do rio Pó, ao pé de Bolonha. Numa das cartas que escreveu,

em 1945, pediu a minha mãe em casamento. “Sê minha mulher”, escreveu ele, no que a mim pareceu mais uma ordem. A minha mãe respondeu numa carta de papel de linho especial, que comprou mesmo sendo muito cara, respeitando as palavras e o veículo utilizado para as entregar.

Duas semanas depois de o meu pai a receber, os alemães assinaram os documentos de rendição. Ele ia voltar para casa.

Na minha teoria, nunca teve guerra suficiente para o seu gosto e, por isso, fez a sua connosco.

O nome do meu pai era Leonard, mas toda a gente o tratava por Len, e o da minha mãe Pauline, mas toda a gente a chamava “Posey”, como a canção infantil, A pocketful of Posey. Tinha olhos grandes em forma de amêndoa, cabelo liso e escuro, que usava muitas vezes apanhado em cima, e um aspecto suave e cremoso. Fazia lembrar a actriz Audrey Hepburn e, na nossa pequena cidade, não havia muitas mulheres que encaixassem nessa descrição. Adorava maquilhar-se com rímel, eyeliner, rouge, e tudo o mais e, embora as pessoas a achassem “divertida” ou “petulante” ou, mais tarde, “excêntrica” ou “teimosa”, durante a maior parte da minha infância eu achava que ela era uma chata.

Tinha calçado as galochas? Levava o casaco? Fizera os trabalhos de casa? Por que é que tinha as calças rasgadas?

Passava a vida a corrigir-me a gramática.

- Eu e a Roberta vamos - começava eu.

- A Roberta e eu - interrompia ela.

- Eu e o Jimmy queremos.

- O Jimmy era - dizia logo.

Na mente de uma criança, os pais encaixam em modelos de posturas e o da minha mãe era o de uma mulher de batom vermelho, inclinada para a frente, de dedo esticado, a implorar-me que fosse melhor do que era. O do meu pai era um homem descontraído, de ombros encostados a uma parede, a fumar um cigarro enquanto eu nadava ou me afogava.

Em retrospectiva, devia ter percebido melhor porque é que um se inclinava para mim e o outro para longe de mim. Mas era um miúdo, o que é que eu podia saber?

A minha mãe era protestante francesa, o meu pai católico italiano e a sua união era um excesso de Deus, culpa e molho. Discutiam constantemente. Os filhos. A comida. Religião. O meu pai pendurava uma imagem de Cristo na parede, ao lado da casa de banho e, enquanto estava a trabalhar, a minha mãe mudava-a para outro sítio da casa, menos visível. Ele chegava a casa e punha-se a gritar “Não mexas em Jesus, pelo amor de Deus]” e ela dizia: “É uma imagem, Len. Achas que Jesus gostava de estar pendurado numa casa de banho?”

E ele voltava a pendurá-la no lugar.

E no dia seguinte ela mudava-a outra vez.

E por aí fora.

Eram uma mistura de culturas e antecedentes, mas, se existia democracia na minha família, o voto do meu pai contava duas vezes. Ele decidia o que devíamos comer ao jantar, a cor com que devíamos pintar a casa, qual o banco que devíamos usar, o canal que devíamos ver na televisão Zenith a preto e branco. No dia em que nasci, informou a minha mãe em como “o miúdo vai ser baptizado na igreja católica” e não se falou mais nisso.

O engraçado era que ele não era uma pessoa religiosa. A seguir à guerra, o meu pai montou uma loja de bebidas alcoólicas e estava mais interessado em lucros do que em profecias. No que dizia respeito a mim, a única coisa que eu tinha que venerar era o baseball. Antes de eu saber andar, já ele me atirava bolas e ofereceu-me um taco de madeira muito antes de a minha mãe me deixar mexer em tesouras. Dizia que um dia eu havia de chegar às categorias principais, se tivesse “um plano” e se me “agarrasse ao plano”.

É evidente que, quando se é tão novo assim, fazemos o ninho nos planos dos nossos pais e não nos nossos.

Portanto, desde os meus sete anos que lia jornais, à procura das pontuações desportivas dos meus futuros patrões. Guardava uma luva na loja do meu pai, para o caso de ele roubar uns minutos ao trabalho e me atirar umas bolas no parque de estacionamento. As vezes, até usava chuteiras com pitons na missa de domingo, porque logo a seguir ao hino final partíamos para os jogos da Liga

Americana. Quando ouvia descrever a igreja como a “casa de Deus”, ficava preocupado se Ele se importaria que os meus pitons arranhassem o seu chão. Uma vez, tentei ficar em pontas, mas o meu pai sussurrou: “Que diabo estás a fazer?” e eu baixei-me rapidamente.

Por outro lado, a minha mãe não se interessava por basebol. Era a filha única de uma família pobre e teve que deixar de estudar para ir trabalhar, durante a guerra. Conseguiu o diploma do liceu à noite e a seguir frequentou a escola de enfermagem. Acho que, na cabeça dela, só existiam livros e universidades e as portas que estes abriam. A coisa mais simpática que conseguia dizer sobre o basebol é que nos faz “apanhar ar fresco”.

Mas aparecia. Sentava-se na bancada, com os seus grandes óculos escuros, o cabelo bem penteado, por cortesia do instituto de beleza local. Às vezes, espreitava-a do abrigo onde estava e apanhava-a com o olhar perdido no horizonte. Mas, quando eu acertava na bola, batia palmas e gritava “Boa, Charley!” e acho que isso era o mais importante. O meu pai, que treinou todas as equipas em que joguei até ao dia em que partiu, apanhou-me uma vez a olhar para ela e berrou: “Olhos na bola, Chick! Não está ali nada que te vá ajudar!”

Ao que parecia, a mãe não fazia parte do “plano”.

Mesmo assim, posso dizer que adorava a minha mãe, da forma como os filhos adoram as mães e as tomam por garantidas, coisa que ela tornava muito fácil. Para já, era engraçada. Não se importava de espalhar gelado na cara, se isso a fizesse rir. Imitava vozes esquisitas, como a do Popeye, o Marinheiro, ou o coaxar de Louis Armstrong em *if ya ain't got it in ya, ya carít blow it out*. Fazia-me cócegas e deixava que lhas fizesse também, apertando os cotovelos de tanto rir. Aconchegava-me todas as noites antes de dormir, fazia-me uma festa nos cabelos e dizia: “Dá um beijo à tua mãe.” Disse-me que eu era esperto e que ser esperto era um privilégio, insistia para que lesse um livro por semana e levava-me à biblioteca para ter a certeza de que eu não falhava. Às vezes, vestia-se espalhafatosamente de mais e acompanhava-nos a cantar, coisa

que eu não gostava nada. Mas nunca, nem uma só vez, questionámos a confiança que existia entre nós.

Se a minha mãe dizia, eu acreditava.

Não me percebiam mal, ela não me facilitava a vida. Deu-me palmadas, ralhava comigo e castigava-me. Mas amava-me. Amava mesmo. Amou-me quando caí de um baloiço abaixo. Amou-me quando lhe pisei o chão com os sapatos cheios de lama. Amou-me entre o vomitado, o ranho e os joelhos esfolados. Amou-me nas chegadas e nas partidas, no meu melhor e no meu pior. Tinha um poço sem fundo de amor por mim.

O seu único defeito era não me fazer esforçar por o merecer.

Veja bem, a minha teoria é esta: os filhos perseguem o amor de quem os evita e, no meu caso, esse era o amor do meu pai. Guardava-o escondido em algum sítio, como papéis dentro de uma pasta. E eu tentava sempre lá entrar.

Anos mais tarde, depois da morte dela, fiz listas das Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu e das Vezes Em Que Eu Não a Defendi. Era triste o desequilíbrio de tudo aquilo. Por que é que as crianças assumem tanto sobre um dos pais e deixam o outro num patamar muito mais baixo, e muito mais solto?

Se calhar, é como o meu velho dizia, podemos ser um menino da mamã ou um menino do papá, mas não podemos ser ambos. Por isso, agarramo-nos àquele que podemos perder.

As Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu

Tenho cinco anos. Estamos a ir a pé ao mercado Fanelli. Uma vizinha de robe de banho e touca cor-de-rosa abre a porta de casa e chama a minha mãe. Enquanto conversam, vou até às traseiras da casa ao lado.

De repente, vindo do nada, um pastor-alemão atirou-se a mim. Auauauu1. Está preso a uma corda de roupa. Auauauaul Ergue-se nas patas traseiras, forçando a corda. Auauauaul

Viro-me e desato a correr, aos berros. A minha mãe corre até mim.

- O que foi? - grita ela, a segurar nos meus cotovelos. - O que aconteceu?

- Um cão!

Suspira.

- Um cão? Onde? Aqui perto?

Aceno que sim com a cabeça.

Ela dá a volta à casa e lá está o cão, que ladra outra vez. Auauauaul Dou um salto para trás, mas a minha mãe empurra-me para a frente. E ladra. Ela ladra. Faz o melhor latido que já vi um humano fazer.

O cão agacha-se e cala-se. A minha mãe víra-se para mim.

- É preciso mostrar-lhes quem manda, Charley - diz ela.

(de uma lista num bloco de notas de Chick Benetto)

Chick Regressa à Sua Velha Casa

POR AGORA, O SOL DA MANHÃ já passava a linha do horizonte e bateu-me como um lançamento lateral, entre as casas da minha antiga vizinhança. Protegi os olhos. Mesmo estando nós no princípio de Outubro, já haviam pilhas de folhas amontoadas na curva, mais do que em qualquer Outono que me lembre, e menos céu limpo. Acho que o que mais notamos quando estamos fora de casa durante uns tempos é o quanto as árvores cresceram à volta das nossas recordações.

Pepperville Beach. Sabem de onde veio esse nome? É quase embaraçoso. Há muitos anos, um empresário qualquer mandou vir um banco de areia de camião, achando que a cidade impressionava mais se tivesse uma praia, mesmo que não tivesse um oceano. Aderiu à câmara do comércio e conseguiu mudar o nome da cidade, de Peperville Lake para Pepperville Beach, apesar de a nossa "praia" ter apenas uns baloiços e um escorrega, e espaço suficiente para lá caberem doze famílias, antes de ser preciso sentarmo-nos na toalha de outra pessoa. Quando crescemos, tornou-se uma piada dizer: "Olha, queres ir à praia?" ou "Olha, parece que está um dia de praia", pois não enganávamos ninguém.

De qualquer modo, a nossa casa ficava perto do lago e da “praia” e a minha irmã e eu mantivemo-la depois de a nossa mãe ter morrido, porque pensámos que um dia poderia valer alguma coisa. Para ser franco, faltou-me coragem para a vender.

Agora caminhava na sua direcção, como um fugitivo de costas arqueadas. Tinha abandonado a cena de um acidente e de certeza que alguém já descobrira o carro, o camião, o painel destruído, a arma. Eu estava todo dorido, sangrava e continuava meio zozinho. Esperava ouvir as sirenes da polícia a qualquer momento. Mais uma razão para me suicidar primeiro.

Subi os degraus do alpendre a cambalear. Encontrei a chave que costumávamos esconder debaixo de uma pedra falsa, dentro de uma floreira (foi ideia da minha irmã). Olhei por cima do ombro, mas não vi nada, nem polícia, nem gente, nem um único carro em qualquer direcção. Empurrei a porta e entrei.

A casa cheirava a mofo e ligeiramente a detergente de alcatifa, como se alguém (o homem a quem tínhamos pago para cuidar da casa?) tivesse lavado os tapetes recentemente. Passei os armários da entrada e o corrimão que costumávamos cavalgar em miúdos. Entrei na cozinha, com o velho chão de tijoleira e armários de cerejeira e abri o frigorífico, à procura de alguma coisa com álcool. Nessa altura, já era um reflexo.

E dei um passo atrás.

Havia comida lá dentro.

Tupperware. Restos de lasanha. Leite pasteurizado. Sumo de maçã. Iogurte de framboesa. Por um momento fugaz, pensei se alguém se teria mudado para lá, um vagabundo qualquer, para quem esta seria agora a sua casa. Era o preço que pagávamos por a ignorarmos durante tanto tempo.

Abri um armário. Havia chá Lipton e uma garrafa de Sanka. Abri outro armário. Açúcar. Sal Morton. Paprica. Orégãos. Havia um prato no lavatório, mergulhado em bolhas de detergente. Levantei-o e baixei-o devagar, tentando pô-lo no mesmo sítio.

E depois ouvi um barulho.

Vinha lá de cima.

- Charley?

Era a voz da minha mãe.

Saí a correr pela porta da cozinha, com os dedos cheios de detergente.

As Vezes Em Que Não Defendi a Minha Mãe

Tenho seis anos e é Halloween. Temos a parada anual da escola e todos os miúdos vão marchar alguns quarteirões do bairro.

- Compra-lhe uma máscara - disse o meu pai. - Há imensas, nas lojas de descontos.

Mas não, decidiu a minha mãe, já que era o meu primeiro desfile, seria ela a fazer o meu fato de múmia, a minha personagem assustadora preferida.

Corta lençóis e toalhas brancas às tiras e enrola-me todo, mantendo-as no seu lugar com alfinetes de dama. Depois cobre as tiras com papel higiénico e fita adesiva. Leva imenso tempo, mas, quando acaba, olho para o espelho e sou uma múmia. Ergo os ombros e inclino-me para a frente e para trás.

- Ohhh, metes imenso medo - diz-me ela.

Levou-me à escola e o desfile começou. Quanto mais ando, mais soltas ficam as tiras e, dois quarteirões mais à frente, começa a chover e o papel higiénico dissolve-se todo. As tiras caem. Não tarda estão nos meus tornozelos, pulsos e pescoço e fico com a t-shirt e as calças de pijama à mostra, que a minha mãe achou melhor usar por baixo da máscara.

- Olhem para o Charley! - gritam os outros miúdos. Riem às gargalhadas. Coro como um tomate. Quero desaparecer, mas onde é que nos podemos esconder, no meio de uma parada?

Quando chegamos ao pátio da escola, onde os pais estão à espera com as máquinas fotográficas, eu sou uma mistura de trapos molhados e papel higiénico aos bocados. Vejo a minha mãe primeiro. Quando me vê, leva as mãos à boca. Eu rebento em lágrimas.

- Arruinaste-me a vida! - grito eu.

“Charley?”

O que recordo melhor, escondido no alpendre das traseiras, é a rapidez com que fiquei sem fôlego. Num segundo estava junto ao frigorífico, a arrastar os movimentos, e no instante seguinte tinha o coração a bater tão rápido que pensei não existir suficiente oxigénio que o pudesse aguentar. Tremia todo. A janela da cozinha ficava atrás das minhas costas, mas não me atrevi a olhar. Tinha visto a minha falecida mãe e agora ouvira-lhe a voz. Já tinha partido partes do meu corpo anteriormente, mas esta foi a primeira vez em que me preocupei se tinha lesionado a cabeça.

Ali fiquei, a bombear os pulmões, os olhos presos no chão de terra à minha frente. Em crianças, chamávamos a isto o nosso “pátio traseiro”, mas era apenas um quadrado de relva. Pensei em galgá-lo e fugir para uma casa vizinha.

E depois a porta abriu-se.

E a minha mãe saiu.

A minha mãe.

Ali mesmo. Naquele alpendre.

E virou-se para mim.

E disse:

- O que estás aí fora a fazer? Está frio.

Bem, não sei se consigo explicar o pulo que dei. É como saltar do planeta. Há aquilo que sabemos e há aquilo que acontece. Quando os dois não encaixam, fazemos uma escolha. Eu vi a minha mãe, viva, à minha frente. Ouvi-a repetir o meu nome. “Charley?” Só ela me chamava assim.

Estava a alucinar? Devia aproximar-me? Seria ela como uma bolha que rebenta? Sinceramente, naquela altura parecia que os meus membros pertenciam a outra pessoa qualquer.

- Charley? O que se passa? Estás todo cortado.

Vestia calças azuis e uma camisola branca. Estava sempre composta, não importava a que horas da manhã, e não parecia mais velha do que a última vez que a vira, no aniversário dos seus sessenta e nove anos, quando usava os mesmos óculos de hastes vermelhas, que recebera de presente. Virou suavemente as palmas das mãos para cima e questionou-me com o olhar e, não sei, aqueles óculos, a sua pele, o cabelo, o abrir da porta como

costumava fazer quando eu atirava bolas de ténis do telhado. Alguma coisa em mim se derreteu, como se o seu rosto irradiasse calor e desceu pelas costas até aos tornozelos. E alguma coisa se partiu, quase que ouvi um estalido, a barreira entre o descrédito e o alívio.

Desisti.

Fora deste planeta.

- Charley? - disse ela. - O que se passa?

Fiz o que você faria.

Abracei a minha mãe como se nunca mais a deixasse partir.

As Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu

Tenho oito anos e um trabalho de casa para fazer. Tenho que explicar a toda a turma "O Que Provoca Um Eco?".

Na loja de bebidas, pergunto ao meu pai, depois da escola. O que causa um eco? Ele está no corredor, inclinado, a inventariar o material com uma prancha e caneta na mão.

- Não sei, Chick. É como um ricochete.

- Não acontece nas montanhas?

- Hum? - diz, enquanto conta garrafas.

- Não estiveste nas montanhas, durante a guerra?

Ele olha para mim.

- Para que é que estás a perguntar isso?

Volta à sua prancha.

Nessa noite, pergunto à minha mãe. O que causa um eco? Ela vai buscar o dicionário e senta-se no seu recanto.

- Deixa-o fazer sozinho - riposta o meu pai.

- Len - diz ela -, eu posso ajudá-lo.

Durante uma hora, trabalha comigo e eu decoro as frases. Pratico à sua frente.

- O que causa um eco?

- O som têm que ser reflectido em alguma coisa.

- Quando e que se ouve um eco?

- Quando não há barulho e os outros sons são absorvidos.

Sorri.

- Boa. - E depois, diz "Eco", tapa a boca com a mão e murmura - eco, eco, eco.

A minha irmã, que tem estado a ver-nos treinar, aponta e grita:

- Isso é a mãe a falar! Estou a vê-la!

O meu pai liga a televisão.

- Que monumental perca de tempo - diz ele.

A Melodia Muda

LEMBRAM-SE DAQUELA MÚSICA, Isto pode ser o princípio de uma coisa séria? Era uma música rápida e ritmada, normalmente cantada por um tipo de smoking, à frente de uma grande banda. Era assim:

Andas na rua ou estás numa festa,
Ou estás sozinho e de repente percebes
Que olhas alguém nos olhos e realizas
Que pode ser o princípio de uma coisa séria.

A minha mãe adorava essa canção. Não me perguntem porquê. Nos anos cinquenta, tocavam-na no início do espectáculo de Steve Allen e lembro-me que era a preto e branco, embora tudo o fosse naquela época. A minha mãe achava que essa música era "mexida", como lhe chamava, "Ohhh, esta é mexida!" e, sempre que tocava na rádio, estalava os dedos como se fosse ela a comandar a banda. Tínhamos uma aparelhagem hi-fi em casa e ela recebeu, num aniversário qualquer, um álbum de Bobby Darin a cantar aquela música. Punha-o sempre a tocar, enquanto lavava a loiça a seguir ao jantar. Isto quando o meu pai ainda fazia parte do quadro geral. Ele lia o jornal e ela vinha por trás e dedilhava nos seus ombros, cantando Isto pode ser o princípio de uma coisa séria e, claro está, ele nem levantava os olhos. A seguir, vinha ter comigo a fingir que tocava bateria no meu peito, à medida que cantava.

Jantas no Twenty-One e fazes dieta,
Recusas uma charlotte, aceitas um figo,
E do céu limpo e azul vem um rapaz e uma rapariga

E pode ser o princípio de uma coisa séria.

Apetecia-me rir, especialmente quando ela dizia “figo”, mas, como o meu pai não participava, rir-me parecia traição. Depois ela começava a fazer-me cócegas e eu não o conseguia evitar.

“Isto pode ser o princípio de uma coisa séria”, dizia ela. “Grande rapaz, grande rapaz, grande rapaz, grande rapaz.”

Costumava cantar essa música todas as noites. Depois do meu pai partir, nunca mais a cantou. O álbum de Bobby Darin ficou na prateleira e o gira-discos ganhou pó. De início, achei que tinha mudado de gostos musicais, como quando éramos miúdos, achando que Johnnie Ray era bom cantor, mas acabando por achar que Gene Vincent era muito melhor. Mais tarde, acabei por perceber que ela não se queria lembrar de como a “coisa séria” lhe tinha rebentado nas mãos.

O Encontro Dentro de Casa

A NOSSA MESA DE COZINHA ERA REDONDA e feita de carvalho. Uma tarde, quando andávamos no liceu, eu e a minha irmã gravámos os nossos nomes na mesa com a ponta de uma faca. Ainda não tínhamos acabado, quando ouvimos a porta a abrir - a nossa mãe a chegar do trabalho - e atirámos logo as facas para dentro da gaveta. A minha irmã pegou na maior coisa que encontrou, uma garrafa de três litros de sumo de maçã e estatelou-a na mesa. Quando a minha mãe entrou, vestida de enfermeira e os braços carregados com revistas, devemos ter dito “Olá, mãe” rapidamente de mais, porque ela ficou imediatamente desconfiada. Vimos logo aquele olhar de “O que é que vocês fizeram?” no rosto dela. Talvez por estarmos sentados, às cinco e meia da tarde, a uma mesa vazia, só com o garrafão de sumo entre nós.

Seja como for, e sem largar as revistas, empurrou o garrafão para o lado e viu CHAR e ROBER, que foi até onde chegámos, e depois soltou um som desesperado e estridente, qualquer coisa como “uhhhch” e gritou: “Fantástico, isto é mesmo fantástico!” e, na

minha mente infantil, eu achei que, se calhar, a coisa não era assim tão grave. Fantástico era fantástico, certo?

- Vocês sabem que estragaram completamente a mesa?

- Desculpe - murmurámos.

- E podiam ter ficado sem dedos, com essas facas.

Ficámos ali sentados, repreendidos, de cabeças baixas ao nível obrigatório da penitência. Ambos pensámos o mesmo, mas só a minha irmã falou.

- Acha que devemos acabar, para os nomes ficarem certos?

Parei de respirar por um segundo, espantado com a sua coragem. A minha mãe lançou-lhe um olhar de fúria e a seguir largou uma estrondosa gargalhada. A minha irmã começou a rir e eu cuspi uma boca cheia de rolo de carne.

Nunca acabámos de escrever os nomes, ficaram sempre CHAR e ROBER. O meu pai, como é evidente, teve um ataque quando chegou a casa. Acho que, com o passar dos anos, muito depois de termos saído de Pepperville Beach, a minha mãe passou a gostar da ideia de termos lá deixado alguma coisa palpável, quando escasseavam as nossas cartas.

Agora estava sentado naquela velha mesa de cozinha a olhar para as marcas, quando a minha mãe, ou o seu fantasma, o que quer que aquilo fosse, apareceu com a garrafa de anti-séptico e um pano. Observei-a a entorná-lo no tecido, pegar-me no braço e arregaçar-me a manga, como se fosse um miúdo que tivesse caído de um baloiço. Provavelmente, está a pensar que eu devia ter começado a berrar com o absurdo daquela situação, mais os factos óbvios que tornavam tudo aquilo impossível, começando por "Mãe, tu não morreste?".

Só posso dizer que agora, contando o que se passou, tudo isto já me faz sentido, mas na altura não fez nenhum. Fiquei tão espantado por tornar a vê-la, que me pareceu impossível corrigir a situação. Era como um sonho, e talvez parte de mim achasse mesmo que estava a sonhar. Não sei. Se já perdeu a sua mãe, pode imaginar o que seria tê-la de novo à sua frente, podendo tocá-la e cheirá-la? Eu sabia que a tínhamos enterrado. Lembro-me do funeral e de ter

deitado uma mão-cheia de terra simbolicamente para cima do seu caixão.

Quando se sentou à minha frente e me esfregou a cara e os braços com o pano, fez uma careta aos cortes e às nódoas negras e murmurou:

- Olha só para ti -, deixei cair as minhas defesas, não sei explicar.

Há muito tempo que ninguém queria ter assim tanta proximidade comigo, nem mostrava a ternura necessária para arregaçar uma manga. Ela importava-se comigo. Não se estava nas tintas. Numa altura em que até o respeito próprio para me manter vivo me faltou, ela tratou-me das feridas e eu voltei a sentir-me um filho. Caí com a mesma facilidade com que se cai à noite na almofada. E não queria que aquilo acabasse. Não sei explicar melhor. Sabia que tudo aquilo era impossível, mas não queria que acabasse.

- Mãe? - sussurrei.

Há tanto tempo que não o dizia. Quando a morte nos leva a mãe, rouba essa palavra para sempre.

"Mãe?"

Realmente, é apenas um som interrompido por lábios abertos. Mas existem biliões de palavras neste planeta e nenhuma sai da nossa boca como essa.

"Mãe?"

Limpou-me o braço com cuidado.

- Charley - suspirou ela. - Os sarilhos em que te metes.

As Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu

Tenho nove anos e estou na biblioteca local. A mulher atrás da secretária olha por cima dos óculos. Escolhi As 20 000 Léguas Submarinas de Júlio Verne. Gosto dos desenhos na capa e da ideia de as pessoas viverem debaixo do oceano. Não vi o tamanho das palavras, nem do tipo de letra. A bibliotecária analisa-me. Tenho a camisa desabotoada e um dos atacadores desapertado.

- Isto é muito difícil para ti - diz ela.

Vejo-a colocar o livro numa das estantes atrás dela. Podia até estar guardado num cofre. Volto à secção infantil e escolho um livro

de gravuras sobre um macaco. Volto à secretária. Ela carimba este, sem comentários nenhuns.

Quando a minha mãe me vem buscar, trepo para o lugar do passageiro, ao lado dela. Ela olha para o livro que escolhi e pergunta:

- Mas tu já não leste isto?
- A senhora não me quis dar o outro que escolhi.
- Qual senhora?
- A senhora da biblioteca.

Desligou o motor.

- Por que é que ela não to deixou levar?
- Disse que era muito difícil.
- O que é que era muito difícil?
- O livro.

A minha mãe arrasta-me para fora do carro, atravessa a porta e vai directa à secretária.

- Sou a senhora Benetto. Este é o meu filho, Charley. A senhora disse-lhe que um livro era difícil de mais para ele ler?

A bibliotecária empertiga-se. É muito mais velha do que a minha mãe e eu estou pasmado com o seu tom de voz, considerando a forma como normalmente fala com pessoas mais velhas.

- Ele queria levar As 20 000 Léguas Submarinas, de Júlio Verne - explica, tocando nos óculos. - Ainda é muito novo, olhe para ele.

Baixei a cabeça. Olhe para mim.

- Onde está o livro? - pergunta a minha mãe.
- Desculpe?
- Onde está o livro?

A mulher estica o braço atrás dela. Atira-o para o balcão, como se quisesse marcar a sua posição.

A minha mãe agarra no livro e empurra-o para os meus braços.

- Nunca diga a uma criança que alguma coisa é demasiado difícil - riposta ela. - E nunca, mas nunca, o diga a esta criança.

Dei por mim a sair porta fora, com Júlio Verne apertado contra o peito. Sinto-me como se tivéssemos roubado um banco, a minha mãe e eu, e receio que possamos ter sarilhos.

As Vezes Em Que Não Defendi a Minha Mãe

Estamos à mesa. A minha mãe fez o jantar, zitis cozidos com molho de carne.

- Ainda não está bom - diz o meu pai.

- Outra vez - diz a minha mãe.

- Outra vez - imita a minha irmã, enquanto enrola o garfo na boca.

- Cuidado, que te magoas - diz a minha mãe, tirando-lhe a mão da boca.

- É qualquer coisa com o queijo, ou o azeite - continua o meu pai, olhando para a comida como se tivesse nojo dela.

- Já experimentei dez maneiras diferentes - diz a minha mãe.

- Não exageres, Posey. E alguma coisa do outro-mundo fazer uma coisa que eu consiga comer?

- Não a consegues comer? Agora é incomestível?

- Santo Deus - resmunga ele. - Será que preciso disto?

A minha mãe pára de olhar para ele.

- Não, não precisas - diz ela, deitando nervosamente uma porção no meu prato. - Mas eu preciso, certo? Eu preciso de uma discussão. Come, Charley.

- Tanto não - digo eu.

- Come aquilo que te sirvo - riposta ela.

- É muito!

- Mãe - diz a minha irmã.

- Eu só estou a dizer que, se te peço para o fazeres, é porque o podes fazer. Disse-te um milhão de vezes porque é que não sabe bem. E se não está bom, é porque não está bom. Queres que te minta, para te fazer feliz?

- Mamã - diz a minha irmã. Está a abanar o garfo.

- Achh - rosna a minha mãe, baixando o garfo. - Pára com isso, Roberta. Sabes, Len? Faz tu, da próxima vez. Tu e toda a tua mania da cozinha italiana. Charley, comei

O meu pai grunhe e abana a cabeça.

- É sempre a mesma história. - Estou a olhar para ele. Ele vê que estou. Ponho uma garfada cheia na boca. Faz sinal com o queixo.

- O que é que tu achas do ziti da tua mãe? - pergunta ele.

Eu mastigo. Engulo. Olho para ele. Olho para a minha mãe, que deixa cair os ombros em desespero. Agora estão os dois à espera.

- Não está bom - murmuro eu, olhando para o meu pai. Ele funga e olha para a minha mãe.

- Até o miúdo sabe - diz.

Um Começo Fresco

- Então podes cá passar o dia todo? - perguntou a minha mãe. Estava inclinada sobre o fogão, a bater ovos com uma espátula de madeira. As torradas já tinham saltado e a manteiga estava na mesa, ao lado de um jarro de café. Deixei-me cair numa cadeira, ainda aparvalhado e com dificuldade até em engolir. Achei que, se me mexesse depressa de mais, tudo aquilo rebentava como uma bolha. Ela tinha um avental atado à cintura e comportava-se, desde o primeiro minuto em que a vi, como se este dia fosse apenas mais um em que apareci de visita e ela me estivesse a fazer o pequeno-almoço.

- Podes, Charley? - perguntou ela. - Passar um dia com a tua mãe?

Ouvi o fritar da manteiga e dos ovos.

- Hum? - disse ela.

Levantou a frigideira e aproximou-se.

- Por que estás tão calado?

Levei uns segundos a encontrar a voz, como se estivesse a tentar lembrar-me das instruções sobre como a usar. Como se fala com os mortos? Haverá outro conjunto de palavras? Um código secreto?

- Mãe - sussurrei finalmente. - Isto é impossível.

Enfiou a espátula na frigideira dos ovos e fez chop-chop-chop no meu prato. Observei as veias da sua mão a manusear a espátula.

- Come - disse ela.

As COISAS DEVEM TER MUDADO NALGUM PONTO da História americana e os pais que se divorciavam passaram a informar os filhos como uma equipa. Mandavam-nos sentar e explicavam as

novas regras. A minha família desmoronou-se antes dessa era de esclarecimento. Quando o meu partiu, partiu.

Depois de alguns dias chorosos, a minha mãe pintou os lábios com batom, os olhos com rímel, fez batatas fritas e disse-nos, enquanto passava os pratos:

- O pai já não mora cá. - E pronto. Foi como uma mudança de cenário numa peça de teatro.

Nem me lembro de quando veio buscar as suas coisas. Um dia, chegámos da escola e a casa parecia mais espaçosa. Havia espaço no armário da entrada e faltavam caixas e ferramentas na garagem. Lembro-me de ver a minha irmã a chorar, perguntando.

- Fui eu que fiz o pai ir embora? - e prometendo que se portaria melhor se ele voltasse para casa. Lembro-me de querer chorar também, mas de já ter percebido que tínhamos passado a ser só três, e não quatro, e que o único homem era eu. Mesmo com onze anos, sentia a obrigação da masculinidade.

Além do mais, o meu pai sempre me dissera para “acabar com isso”, sempre que chorava.

- Acaba com isso, miúdo, acaba com isso. - Como todas as crianças com pais separados, eu tentava comportar-me de forma a fazer o ausente regressar. Portanto, Chick, nada de lágrimas. Não para ti.

Nos primeiros meses, pensámos que era uma coisa temporária, uma briga ou um período de arrefecimento. Os pais discutem, certo? Os nossos discutiam. Eu e a minha irmã ficávamos muitas vezes no topo das escadas a ouvir as discussões, eu de camisola interior e ela de camisa de noite e sapatilhas cor-de-rosa. As vezes, era sobre nós.

- Por que é que não tratas tu disso, uma vez na vida, Len?

- Também não é uma coisa tão importante assim.

- É sim! E sou sempre eu a bruxa que tem que lhes dizer! Ou sobre o trabalho.

- Podias prestar mais atenção, Posey! Não são só as pessoas do hospital que importam!

- Estão doentes, Len. Queres que lhes diga que lamento, mas que o meu marido precisa das camisas engomadas?

Ou sobre o meu basebol.

- É de mais, Len!
- Ele podia ser alguém na vida!
- Olha para ele! Está sempre exausto!

Às vezes, sentada naqueles degraus, a minha irmã tapava os ouvidos com as mãos e chorava. Mas eu tentava ouvir. Era como espreitar num mundo de adultos. Eu sabia que o meu pai trabalhava até tarde e, nos últimos anos, passava algumas noites fora quando visitava os seus distribuidores. Dizia à minha mãe:

- Posey, se não os tratamos bem, esventram-te como a um peixe.
- Sabia que ele ia abrir mais uma loja em Collingswood, a uma hora dali, e trabalhava lá alguns dias por semana. Sabia que uma nova loja significava “mais dinheiro e um carro melhor” e que a minha mãe não gostava nada da ideia.

Portanto, sim, discutiam, mas nunca supus que isso tivesse consequências. Naquela altura, os pais não se separavam, resolviam as coisas. Ficavam na equipa.

Lembro-me de um casamento, em que o meu pai alugou um smoking e a minha mãe usou um vestido vermelho brilhante. Durante a festa, levantaram-se para dançar. Vi-a levantar a mão direita e o meu pai pegar nela. Por muito jovem que fosse, via que eram o casal mais bonito da sala. O meu pai, alto e atlético e, ao contrário da maioria dos outros pais, com uma barriga lisa por baixo da camisa de folhos. E a minha mãe? Bem, parecia feliz, sorridente no seu batom vermelho. Quando parecia feliz, ficávamos todos a olhar para ela. Era uma dançarina tão suave que não era possível fazer outra coisa senão olhar para ela, e o vestido brilhante parecia iluminado quando se movia. Ouvi algumas mulheres mais velhas na mesa a comentar “é um pouco de mais” e “ficava-lhe bem alguma modéstia”, mas eram só ciúmes por não serem tão bonitas como ela.

Era assim que via os meus pais. Discutiam, mas dançavam. Depois de ele desaparecer, pensava constantemente naquele casamento e quase me convencia que ia voltar para ver a minha mãe de vestido vermelho. Como podia não o fazer? Mas, com o passar do tempo, deixei de pensar nisso. Acabei por lembrar o acontecimento como uma fotografia esbatida de umas férias quaisquer. É apenas um lugar onde fomos há muito tempo.

- O que queres fazer este ano? - perguntou-me a minha mãe no primeiro mês de Setembro, depois de eles se terem divorciado. A escola ia começar e ela falava de “novos começos” e “novos projectos”. A minha irmã tinha escolhido um teatro de marionetas.

Olhei para ela e fiz a primeira de um milhão de caras carrancudas.

- Quero jogar basebol - respondi.

Uma Refeição Juntos

Não sei quanto tempo se passou naquela cozinha, pois ainda me sentia tonto e cambaleante como quando batemos com a cabeça na mala de um carro, mas a dada altura, talvez quando ela disse “come”, rendi-me fisicamente à ideia de estar ali e fiz o que a minha mãe me mandou.

Levei uma garfada de ovos à boca.

A minha língua despertou imediatamente. Há dois dias que não comia e comecei a fazê-lo como um prisioneiro. A mastigação distraiu a minha cabeça da impossibilidade da minha situação. E posso ser franco? Foi tão delicioso quanto familiar. Não sei o que tem a comida da nossa mãe, especialmente quando se trata de uma coisa que qualquer um pode fazer, como panquecas, rolo de carne ou salada de atum, mas o facto é que carrega consigo os sabores da memória. A minha costumava pôr cebolinho nos ovos mexidos, “as coisinhas verdes”, como eu lhes chamava, e cá estavam elas outra vez.

Portanto, cá estava eu a tomar um pequeno-almoço do passado com uma mãe do passado.

- Come mais devagar, se não ficas maldisposto - disse ela.

Isso também era passado.

Quando acabei, levou os pratos para o lava-loiça e deixou correr a água.

- Obrigado - murmurei.

Olhou para mim:

- Acabaste de dizer “obrigado”, Charley?

Acenei vagamente que sim.

- Porquê?

Pigarreei.

- Pelo pequeno-almoço?

Sorriu, enquanto acabava de lavar os pratos. Olhei para ela e tive um súbito relâmpago de familiaridade, comigo sentado nesta mesa e ela nos pratos. Tivemos tantas conversas exactamente nesta posição, sobre a escola, os meus amigos, os mexericos dos vizinhos a que não devia dar ouvidos, e sempre com o barulho da água a correr a fazer-nos falar um pouco mais alto.

- Não é possível estares aqui... - comecei eu. Parei logo, não consegui passar daquela frase.

Fechou a torneira e limpou as mãos a um pano.

- Olha para as horas - disse ela. - Temos que ir andando.

Inclinou-se para mim e aconchegou-me o rosto com a mão. Tinha os dedos quentes por causa da água.

- Não tens de quê - disse -, pelo pequeno-almoço.

Pegou na carteira que estava em cima de uma cadeira.

- Agora, sê um bom rapaz e veste o casaco.

20 de Julho de 1959

Querido Charley

Sei que estás assustado, mas não há razão para teres medo. Já todos nós tirámos as amígdalas e olha para nós. Estamos bem!

Guarda esta carta. Põem-na debaixo da almofada antes de os médicos entrarem. Vão dar-te uma coisa que te dá sono e, mesmo antes de adormeceres, lembra-te que a minha carta está aí e, se acordares antes de eu chegar ao teu quarto, podes meter a mão debaixo da almofada e lê-la outra vez. Ler é como conversar, portanto, imagina que sou, aí a falar contigo.

E não tarda nada, sou mesmo...

E depois podes comer todo o gelado que quiseres! Que tal!

Amo-te todos os dias.

Mãe

A Família de Chick Depois do Divórcio

DEPOIS DE OS MEUS PAIS se separarem, tentámos ficar na mesma durante algum tempo, mas os vizinhos não permitiram. Cidades pequenas são como metrónomos, mudam de batida ao menor piparote. As pessoas tornaram-se mais simpáticas comigo e com a minha irmã. Aparecia um chupa-chupa extra na secretária do médico ou uma bola de gelado mais generosa no cone de bolacha. Mulheres idosas, que nos encontrassem na rua, apertavam-nos o ombro e perguntavam: "Como é que vocês estão, miúdos?", o que para nós era uma pergunta de adulto. A nossa versão era mais: "O que é que estão a fazer?"

Embora fossem mais gentis connosco, não o eram com a minha mãe. Naquele tempo, as pessoas não se divorciavam. Não conhecia um único miúdo que tivesse passado por isso. A separação, pelo menos onde nós morávamos, era algo de escandaloso e uma das partes tinha que arcar com a culpa.

Caiu na minha mãe, principalmente porque tinha lá ficado. Ninguém sabia o que se tinha passado entre Len e Posey, mas Len fora-se embora e Posey estava ali para ser julgada. E, para piorar as coisas, continuava jovem e bonita. Era uma ameaça para as outras mulheres, uma oportunidade para os homens e uma curiosidade para as crianças. Nenhuma das opções é fantástica, se pensarmos bem.

Comecei a notar que as pessoas olhavam de modo diferente para a minha mãe, quando empurrávamos o carrinho na mercearia do bairro, naquele primeiro ano depois do divórcio, ou quando nos ia deixar à escola, de uniforme branco de enfermeira, com sapatos e collants brancos. Saía sempre do carro para nos dar um beijo de despedida e eu tinha muita consciência das outras mães a olharem. Eu e Roberta ficávamos constrangidos, aproximando-nos da porta da escola como se estivéssemos a ser espremidos.

- Dêem um beijo à vossa mãe - disse um dia, inclinando-se para nós.

- Não - respondi desta vez, afastando-me.

- Não o quê?

- É só que... - encolhi os ombros e estremei. - Não faças isso. Não consegui olhar para ela, pelo que olhei para os meus pés.

Ficou parada por um momento e depois endireitou-se. Ouvi-a fungar. Passou a mão pelos meus cabelos.

Quando olhei para cima, o carro já se afastava.

Numa tarde em que jogava à apanhada com um amigo no parque de estacionamento da igreja, duas freiras saíram pela porta de trás. Eu e o meu amigo ficámos petrificados, pensando no que teríamos feito de errado. Mas as freiras chamaram-me. Cada uma segurava um tabuleiro de alumínio. Ao aproximar-me, senti o cheiro de rolo de carne e feijão verde.

- Aqui tens - disse uma delas. - Para a tua família.

Não consegui entender porque é que me estavam a oferecer comida. Mas não se dizia "não, obrigado" a uma freira. Peguei nos tabuleiros e levei-os para casa, pensando que a minha mãe lhes devia ter encomendado alguma coisa especial.

- O que é isso? - perguntou ela, quando entrei em casa.

- Foram as freiras que me deram.

Afastou o papel vegetal que os cobria. Cheirou.

- Pediste isto?

- Nã-nãã. Eu estava a jogar à apanhada.

- Não foste tu que pediste isto?

- Não.

Não precisamos de comida, Charley. Não precisamos de esmolas, se é isso que estás a pensar.

Fiquei na defensiva. Não percebia bem aquilo das "esmolas", mas compreendi que era qualquer coisa que não se dava a qualquer um.

- Não fui eu que pedi isto! - protestei. - Nem sequer gosto de feijão verde!

Olhámos um para o outro.

- Não é minha culpa - disse eu.

Tirou-me os tabuleiros da mão e pousou-os no lava-loiça. Empurrou o rolo de carne para o triturador de lixo com uma colher grande e fez o mesmo ao feijão verde. Movia-se com tanto fervor que não consegui tirar os olhos dela, a despejar aquela comida toda pelo pequeno buraco. Abriu a água e o aparelho ronronou. Quando

o barulho se tornou menos surdo, indicando que o trabalho estava feito, retirou o topo magnético e fechou a água. Limpou as mãos ao avental.

- Bom - disse ela. - Tens fome?

A primeira vez que ouvi a palavra “divorciado” foi a seguir a um jogo de basebol da legião americana. Os treinadores distribuíam os tacos da mala de uma carrinha e um dos pais da outra equipa pegou no meu taco por engano. Corri para lá e disse:

- Esse taco é meu.

- Ai é? - perguntou ele, a rolá-lo na mão.

- É sim, trouxe-o de bicicleta comigo.

Era normal que duvidasse disso, porque a maior parte dos rapazes vinha com os pais.

- Está certo - disse, passando-me o taco. Depois piscou o olho e disse. - Tu és o miúdo dos divorciados, não és?

Olhei para trás, sem palavras. Divorciados? Soava exótico e não achava que a minha mãe o fosse. Os homens costumavam perguntar “És o filho de Len Benetto, não és?” e não sabia dizer qual me incomodava mais, se ser o filho desta nova palavra ou deixar de ser o das palavras velhas.

- Como vai a tua mãe? - perguntou.

Encolhi os ombros.

- Vai bem.

- É mesmo? - passou os olhos pelo campo e depois voltou-os para mim. - Ela precisa de alguma ajuda, com a casa?

Senti-me como se tivesse a minha mãe atrás de mim e fosse a única coisa entre os dois.

- Ela vai muito bem - repeti.

Ele acenou. Se for possível desconfiar de um aceno, eu desconfiei daquele.

Mesmo assim, se foi esse o dia em que a palavra “divorciados” se tornou familiar, lembro distintamente aquele em que se tornou odiável. A minha mãe tinha chegado do trabalho e mandou-me ao mercado comprar pão e ketchup. Eu decidi ir por um atalho, pelas traseiras. Ao passar ao lado de uma casa de tijolos, tipo rancho, vi

dois miúdos da escola meio agachados. Um deles, um gorducho chamado Leon, apertava alguma coisa contra o peito.

- Olá, Benetto - disse depressa.

- Olá, Leon - respondi.

Olhei para o outro rapaz.

- Olá, Luke.

- Olá, Chick.

- Onde vais? - perguntou Leon.

- Ao Fanelli - disse eu.

- Ah, é?

- É.

Baixou os braços, mostrando uns binóculos.

- Para que é isso? - perguntei.

Virou-se na direcção das árvores.

- Equipamento militar - disse. - Binos.

- Ampliação de vinte vezes - disse Luke.

- Deixa ver.

Passou-mos e eu segurei-os à frente dos olhos. Os aros ainda estavam mornos. Andei com eles para cima e para baixo, apanhando manchas de céu, pinheiros e os meus pés.

- Usam-nos na guerra - disse Luke - para localizar o inimigo.

- São do meu pai - disse Leon.

Detestava ouvir aquela palavra. Devolvi-os.

- Até mais logo - despedi-me eu.

Leon anuiu.

- Até logo.

Continuei a andar, mas os meus pensamentos estavam irrequietos. Alguma coisa na maneira como Leon se tinha virado tão rapidamente para as árvores, sabem? Dei a volta por detrás da casa e escondi-me atrás das sebes. O que vi incomoda-me ainda hoje.

Estavam os dois agachados e já não olhavam para as árvores, mas sim para o lado oposto, na direcção da minha casa e passavam os binóculos um ao outro. Segui a linha de visão até à janela do quarto da minha mãe. Vi a sua sombra mover-se atrás do tule, os braços por cima da cabeça e pensei imediatamente: "Chegou a casa e está

a mudar de roupa no quarto.” Senti-me arrefecer e algo me trespassou do pescoço até aos pés.

“Uau, olha só para a divorciada...”

Acho que nunca senti uma fúria daquelas, nem antes desse dia, nem depois. Corri para aqueles rapazes com sangue nos olhos e, mesmo sendo maiores do que eu, saltei para cima deles por detrás, agarrei Leon pelo pescoço e esmurrei tudo o que se mexeu, fosse o que fosse.

Caminhar

A MINHA MÃE VESTIU o seu casaco tweed branco e sacudiu os ombros para o fazer assentar. Passou os últimos anos a arranjar o cabelo e a maquilhar mulheres idosas, fechadas em casa, indo de casa em casa e mantendo os seus rituais de beleza vivos. Hoje tinha três “marcações”, segundo disse. Segui atrás dela, ainda atordoado, saindo pela garagem.

- Queres passear junto ao lago, Charley? - perguntou ela. - É tão bonito, nesta altura do ano.

Acenei, sem palavras. Quanto tempo passara desde que estive deitado na relva molhada a olhar para o acidente? Quanto tempo até que alguém me apanhasse? Ainda sentia o gosto de sangue na boca e ondas de dor percorriam o meu corpo. Num minuto estava neutro, no outro tudo me doía. Mas aqui estava eu, a caminhar no meu velho bairro, carregando o saco de vinil roxo com o material de cabeleireiro da minha mãe.

- Mãe - murmurei finalmente. - Como...?

- Como o quê, querido?

Pigarreei.

- Como é que estás aqui?

- Eu vivo aqui - respondeu.

Abanei a cabeça.

- Já não - disse baixinho.

Ela olhou para o céu.

- Sabes, no dia em que nasceste, o tempo estava assim. Fresco, mas bonito. Entrei em trabalho de parto à tarde, lembras-te? (Como

se eu devesse responder “pois, eu lembro-me”). -Aquele médico, como é que se chamava? Rapposo? Doutor Rapposo. Disse-me que tinha que parir até às seis porque a mulher estava a cozinhar o seu prato preferido e não o queria perder. - Eu já tinha ouvido aquela história.

- Filetes de peixe - balbuciei.

- Filetes de peixe. Podes imaginar? Uma coisa tão fácil de fazer. Com aquela pressa toda, seria de imaginar pelo menos um bife. Ora bem, também não importa, ele teve os seus filetes de peixe.

Olhou para mim, zombeteira.

- E eu tive-te a ti.

Demos mais uns passos. A cabeça latejava-me e esfreguei-a com a palma da mão.

- O que foi, Charley? Dói-te alguma coisa?

A pergunta era tão simples, que era impossível de responder. Por onde podia eu começar? Pelo acidente? O salto? A ressaca de três dias? A cerimónia do casamento? O meu casamento? A depressão? Os últimos oito anos? Quando é que não me doeu alguma coisa?

- Não tenho andado lá muito bem, mãe - respondi. Ela continuou a caminhar, inspeccionando a relva.

- Sabes, nos primeiros três anos depois de ter casado com o teu pai, eu desejava ter um filho. Nesse tempo, esperar três anos para engravidar era muito tempo. As pessoas achavam que eu tinha algum problema. E eu também. - Suspirou suavemente. - Não conseguia imaginar a vida sem filhos. Uma vez, até... Espera, deixa ver uma coisa.

Levou-me a uma árvore muito grande, numa esquina perto da nossa casa.

- Isto foi uma vez que não conseguia dormir, bem tarde. - Esfregou o tronco da árvore como se destapasse um velho tesouro. - Ah, ainda cá está.

Inclinei-me para ver. As palavras POR FAVOR estavam gravadas de lado. Letras pequenas e tortas. Era preciso olhar com atenção, mas lá estavam. POR FAVOR.

- Não foste só tu e a Roberta que gravaram coisas - disse ela a sorrir.

- O que é?

- Uma oração.

- Por uma criança?

Acenou afirmativamente.

- Por mim?

Acenou outra vez.

- Numa árvore?

- As árvores passam o dia inteiro a olhar para Deus.

Fiz uma careta.

- Eu sei - ela ergueu as mãos, rendendo-se. - És tão pirosa, mãe.

Tocou mais uma vez no tronco e fez um som, tipo hmmm. Parecia considerar tudo o que acontecera desde a tarde em que eu viera ao mundo. Pus-me a imaginar que som faria, se soubesse a história inteira.

- Agora já sabes o quanto alguém te quis, Charley - disse ela, afastando-se da árvore. - As crianças costumam esquecer-se disso, às vezes. Pensam nelas como um fardo, em vez de um desejo realizado.

Endireitou-se e alisou o casaco. Um desejo realizado? Há quanto tempo alguém se referira a mim como qualquer coisa perto disso sequer? Devia sentir-me grato. Devia ter sentido vergonha do que fizera à minha vida. Em vez disso, apetecia-me um copo. Ansiava pela escuridão de um bar, as lâmpadas de baixa voltagem, o sabor da anestesia do álcool ao olhar para o copo vazio, sabendo que quanto mais depressa entrasse dentro de mim, mais depressa me levava consigo.

Avancei para ela e pus-lhe a mão no ombro. Quase esperei que a atravessasse, como vemos nos filmes de fantasmas. Mas não. Ficou ali encostada e senti os seus ossos por baixo do tecido.

- Tu morreste - saiu-me de repente.

Uma brisa levantou um monte de folhas do chão.

- Levas as coisas muito a sério - disse ela.

Posey Benetto era uma excelente conversadora, todos o diziam. Mas, ao contrário de muita gente, também era boa ouvinte. Dava ouvidos aos doentes no hospital e aos vizinhos nas cadeiras de praia, nos dias longos e quentes de Verão. Adorava anedotas. Dava

um empurrão no ombro de quem quer que a fizesse rir. Era encantadora. Era isso que as pessoas pensavam dela, a encantadora Posey.

Aparentemente, só foi assim enquanto as grandes mãos do meu pai estavam em volta dela. Depois de se divorciar, livre do seu domínio, as outras mulheres não queriam aquele charme todo perto dos seus maridos.

Foi assim que a minha mãe perdeu todos os amigos. Parecia que tinha peste. Os jogos de cartas que costumava jogar com o meu pai e os vizinhos? Acabaram. Os convites para festas de aniversário? Foram-se. No dia 4 de Julho, cheirava a grelhados em todo o lado, mas ninguém nos convidava para almoçar. No Natal, havia carros parados à frente das casas e eu via adultos atarefados a passar nas janelas. Mas a minha mãe estava na nossa cozinha, a fazer massa de bolos.

- Não vamos àquela festa? - perguntávamos-lhe.

- Temos uma festa aqui mesmo - respondia ela.

Fazia com que parecesse que a escolha era sua. Só nós os três. Durante muito tempo, eu achei que a véspera do Ano Novo era um acontecimento familiar, feito para espremer molho de chocolate em cima de gelado e soprar apitos à frente da televisão. Foi uma surpresa descobrir que os meus amigos adolescentes assaltavam o armário das bebidas das suas casas nessa noite, pois os pais aperaltavam-se e saíam perto das oito horas.

- Então, estás empancado com a tua mãe, na véspera do Ano Novo? - perguntavam eles.

- Pois - respondia.

Mas era a minha encantadora mãe que estava empancada.

As Vezes Em Que Não Defendi a Minha Mãe

Na altura em que o meu pai sai de casa, eu já tinha desistido do Pai Natal, mas Roberta só tem seis anos e ainda tem aquela rotina toda: deixa bolinhos para ele encontrar, escreve bilhetes, espreita pela janela e aponta para as estrelas do céu, perguntando: (Aquilo é uma rena?)

No primeiro Dezembro que passamos sozinhos, a minha mãe quer fazer qualquer coisa especial. Encontra um fato completo de Pai Natal, com o casaco e as calças vermelhas, as botas e a barba postiça. Na véspera, manda Roberta para a cama às nove e meia e proíbe-a de se aproximar sequer da sala depois das dez, o que, evidentemente, significa que ela sai da cama às cinco para as dez e se põe a espreitar como um falcão.

Vou atrás dela com uma lanterna e sentamo-nos nas escadas. Subitamente, a sala fica às escuras e ouvimos um roçar. A minha irmã sustém a respiração. Ligo a minha lanterna e ela grita baixinho: “Não, Chick!” e eu desligo-a, mas, com aquela idade, ligo-a logo outra vez e apanho a nossa mãe vestida de Pai Natal, com um saco de almofada às costas. Ela vira-se e vocifera: “Ho! Ho! Ho! Quem está aí?” A minha irmã agacha-se e, por alguma razão, eu continuo de lanterna apontada à sua cara barbuda e ela tem que usar a mão livre para proteger os olhos da luz.

“Ho! Ho!”, tenta ela outra vez.

Roberta está acorada como um bicho, a espreitar por cima dos punhos. Sussurra: “Chick, desliga isso! Vais espantá-lo!” Eu só consigo pensar no absurdo da situação e em como vamos ter que fingir tudo o mais a partir de agora. Fingir que temos a mesa cheia de comida, fingir que o Pai Natal é uma mulher e fingir que somos uma família, em vez de três quartos de uma família.

- É só a mãe - disse sem entusiasmo.

- Ho! Ho! Ho! - continua ela.

- Não é nada! - diz Roberta.

- É sim, palerma. É a mãe. O Pai Natal não é uma rapariga, sua estúpida.

Mantenho a lanterna apontada e vejo a postura da minha mãe mudar. A cabeça baixa e os ombros descaem, como um fugitivo. A polícia apanhou o Pai Natal. Roberta começa a chorar. Vejo que a minha mãe quer gritar comigo, mas não o pode fazer sem expor o seu disfarce, pelo que se põe a olhar para mim entre o barrete e a barba postiça. E eu sinto a presença do meu pai na sala toda. Finalmente, deixa cair o saco com os presentes no chão e sai de casa pela porta da frente, sem sequer mais um “Ho, ho, ho”. A

minha irmã desata a correr para o quarto, a soluçar. Eu fico sozinho nas escadas, com a lanterna a iluminar uma sala vazia e uma árvore.

Rose

CONTINUÁMOS A PASSEAR no bairro antigo. Eu tinha começado vagamente a aceitar esta coisa, o que é que lhe posso chamar? Loucura temporária? Acompanharia a minha mãe onde ela quisesse ir, até que fosse apanhado pelo que fizera. Francamente, não desejava completamente que tudo aquilo acabasse. Quando nos aparece à frente alguém que amamos e que morreu, é o nosso cérebro que lhe resiste e não o coração.

A sua primeira “marcação” morava numa pequena casa de tijolo no meio de Lehigh Street, a dois quarteirões de nossa casa. Tinha um toldo metalizado no alpendre e uma floreira cheia de seixos. O ar da manhã parecia fresco de mais e a luminosidade era estranha, tornando os contornos do cenário muito definidos, como que pintados. Ainda não tinha visto mais ninguém na rua, mas estávamos a meio da manhã e decerto as pessoas estariam a trabalhar.

- Bate à porta - disse a minha mãe.

Eu bati.

- Ela é meio dura de ouvido. Bate com mais força.

Dei uma pancada mais forte.

- Bate outra vez.

Dei-lhe um murro.

- Com tanta força, não - disse ela.

A porta acabou por se abrir. Uma senhora idosa, de avental e andarilho, esboçou um sorriso confuso.

- Bom dia, Rose - disse a minha mãe. - Trouxe um jovem comigo.

- Oh, pois sim - disse Rose, tão alto que a sua voz parecia a de um pássaro. - Estou a ver.

- Lembra-se do meu filho, Rose?

- Ah, pois sim.

Recuou, dizendo:

- Entrem, entrem.

Tinha a pequena casa arrumada e aparentemente congelada nos anos setenta. A alcatifa era azul royal e os sofás tinham cobertas de plástico. Fomos atrás dela e do seu andarilho até à zona da lavandaria, com passos forçadamente curtos e lentos.

- O seu dia tem sido bom, Rose? - perguntou a minha mãe.

- Oh, sim, agora que você chegou, sim.

- Lembra-se do meu filho Charley?

- Sim, sim. É bonito.

Disse isto de costas para mim.

- Como estão os seus filhos, Rose?

- O que foi que disse?

- Os seus filhos?

- Ah - acenou com uma mão. - Vêem ver-me uma vez por semana. Por obrigação.

Não conseguia dizer quem era Rose ou o quê. Uma aparição? Uma pessoa real? A casa dela parecia bem real, com o aquecimento ligado e o cheiro a torradas, ainda do pequeno-almoço. Entrámos na lavandaria, onde estava uma cadeira colocada junto ao lavatório. Um rádio qualquer tocava uma música comercial.

- Desliga-me isso, meu jovem? - disse Rose, sem se virar. - O rádio. Às vezes está muito alto.

Encontrei o botão do volume e baixei-o.

- Terrível, não ouviu? - disse Rose. - Um acidente na auto-estrada. Estava a dar nas notícias.

Fiquei petrificado.

- Um carro chocou contra um camião e um painel de publicidade. Atirou com tudo ao chão. Foi terrível.

Passei o rosto da minha mãe a pente fino, à espera que se virasse e pedisse a minha confissão. Admite o que fizeste, Charley.

- Bem, Rose, as notícias são sempre deprimentes - disse ela, enquanto tirava as coisas do saco.

- Ah, pois são - respondeu Rose. - É mesmo assim.

Espera aí. Elas sabiam? Não sabiam? Tive um calafrio, como se alguém fosse bater à janela a pedir para eu sair.

Mas Rose virou o andarilho, depois os joelhos e depois os ombros magros na minha direcção.

- É simpático passar um dia com a sua mãe - disse. - É uma coisa que os filhos deviam fazer mais vezes.

Pousou uma mão trémula nas costas da cadeira, junto ao lavatório.

- Bem, Posey - continuou. - Achas que ainda consegues fazer de mim uma beldade?

Talvez estejam a interrogar-se como foi que a minha mãe se tornou cabeleireira. Como já mencionei, sempre fora enfermeira e adorava sê-lo. Tinha um poço sem fundo de paciência para trocar pensos, tirar sangue e responder a intermináveis perguntas preocupadas com uma confiança optimista. Os doentes masculinos gostavam de ter alguém jovem e bonita e as femininas agradeciam que lhes penteassem o cabelo e as ajudassem a pôr batom. Duvido que fizesse parte dos procedimentos normais, naquele tempo, mas a minha mãe maquilhava muitas pacientes no hospital do concelho. Acreditava que as fazia sentir-se melhor. Era para isso que os hospitais serviam, certo? - Não é suposto estar lá a apodrecer - dizia ela.

Por vezes, à mesa de jantar, ficava com um olhar distante e falava sobre a "pobre senhora Halverson" e o seu enfisema, ou o "pobre Roy Endicott" com os seus diabetes. De vez em quando, parava de falar sobre alguém e a minha irmã perguntava: "O que é que a velha senhora Golinski fez hoje?" e a minha mãe respondia: "Já foi para casa, querida." O meu pai levantava o sobrolho e olhava para ela e continuava a mastigar a sua comida. Só percebi que "casa" queria dizer "morto", quando cresci. De qualquer modo, era nessa altura que normalmente ele mudava de assunto.

No nosso concelho só existia um hospital e, sem o meu pai, a minha mãe trabalhava todos os turnos que podia, o que tornava impossível ir buscar a minha irmã à escola. Portanto, quase sempre ia eu buscar a Roberta, levá-la a casa e depois ia de bicicleta treinar basebol.

- Achas que o papá vai lá estar hoje? - perguntava-me ela.

- Não, palerma - respondia eu. - Por que é que ele havia de lá estar hoje?

- Porque a relva está grande e ele precisa de a cortar - respondia ela. Ou "porque há muitas folhas para apanhar", ou "porque é quinta-feira e a mamã faz costeletas de borrego às quintas".

- Não acho que isso seja uma boa razão - dizia eu. Esperava um segundo antes da continuação habitual.

- Por que achas que ele se foi embora, Chick?

- Sei lá! Foi porque foi, okay?

- Essa razão também não vale grande coisa - murmurava. Uma tarde, quando eu tinha doze anos e ela sete, saímos juntos da escola e ouvimos uma buzina.

- É a mamã! - gritou Roberta, começando a correr.

Ela não saiu do carro, o que era estranho. A minha mãe achava rude buzinar às pessoas. Anos depois, dizia à minha irmã que um rapaz que não a viesse buscar à porta de casa não era rapaz com que valesse a pena sair. Mas agora ela estava dentro do carro, pelo que segui a minha irmã e atravessei a rua para entrar.

Não estava com bom aspecto. Tinha os olhos escuros debaixo das pálpebras e pigarreava continuamente. E não vestia o uniforme branco de enfermeira.

- Por que estás aqui? - perguntei-lhe. Era assim que falava com ela, nessa altura.

- Dá um beijo à tua mãe - disse.

Inclinei a cabeça para a frente e ela beijou-me o cabelo.

- Deixaram-te sair mais cedo do trabalho? - perguntou Roberta.

- Pois, queridinha, algo parecido com isso.

Fungou. Olhou pelo espelho retrovisor e limpou o preto à volta dos olhos.

- E que tal um gelado?

- Boa! Boa! - gritou a minha irmã.

- Eu tenho treino - disse eu.

- Oh, hoje não podias faltar ao treino?

- Não! - protestei. - Não se pode faltar aos treinos. Tenho que ir.

- Quem disse?

- O treinador e toda a gente.

- Eu quero ir! Quero um cone! - disse Roberta.

- Só um gelado rápido? - perguntou a minha mãe.

- Bolas, não!, okay?

Ergui a cabeça e olhei-a nos olhos. O que vi, acho que nunca tinha visto antes. A minha mãe parecia perdida.

Mais tarde, soube que tinha sido despedida do hospital. Mais tarde, soube que alguns membros da equipa achavam que ela era uma distração grande de mais para os jovens médicos, agora que estava solteira. Vim a saber que tinha acontecido um incidente com um médico mais velho e que a minha mãe se tinha queixado do seu comportamento impróprio. A recompensa que teve por se defender foi uma sugestão em como "as coisas deixaram de funcionar bem".

E sabem o que foi mais estranho? De algum modo, soube tudo isto assim que olhei para os seus olhos. Os pormenores não, é claro. Mas estar perdido é estar perdido e eu conhecia aquele olhar porque também o tinha. Detestei-a por também o ter. Detestei-a por ser tão fraca como eu.

Saí do carro, dizendo:

- Não quero gelado nenhum. Eu vou treinar. - Quando atravessei a rua, a minha irmã gritou da janela:

- Queres que te traga um cone? - e eu pensei: "És tão estúpida, Roberta, os cones derretem."

As Vezes Que Eu Não Defendi a Minha Mãe

Ela encontrou os meus cigarros. Estão na minha gaveta das meias. Tenho catorze anos.

- É o meu quarto! - grito eu.

- Charley, já falámos deste assunto! Disse-te para não fumares! É a pior coisa que podes fazer! O que se passa contigo?

- És uma hipócrita!

Ela pára, de pescoço rígido.

- Não uses essa palavra.

- Tu fumas. És uma hipócrita!

- Não uses essa palavra!

- Por que não, mãe? Tu queres sempre que use frases com palavras grandes. Aqui está uma frase. Tu fumas. Eu não posso fumar. A minha mãe é uma hipócrita!

Ao gritar, vou-me movendo e o movimento parece dar-me forças e confiança em como ela não me pode bater. Isto é depois de ela ter arranjado emprego no instituto de beleza e, no lugar do uniforme de enfermeira, ter passado a vestir-se à moda, como as calças justas e a blusa turquesa que usa agora. São roupas que mostram a figura que tem. Odeio-as.

- Vou levar isto - grita, pegando nos cigarros. - E não penses que vais sair!

- Quero lá saber! - fustigo-a com o meu olhar. - E por que é que tens que te vestir assim? Fazes-me nojo!

- Eu quê? - agora avança mesmo para mim e dá-me uma bofetada. - Eu QUÊ? Faço-te nojo? Eu faço-te nojo? Foi isso que disseste? Foi isso que PENSAS DE MIM?

- Não! Não! - grito. - Pára!

Cubro a cabeça e finto-a. Corro pelas escadas abaixo e saio pela garagem. Fico na rua até muito depois de escurecer. Quando, finalmente, regresso a casa, ela tem a porta do quarto fechada e acho que está a chorar. Vou para o meu quarto. Os cigarros ainda lá estão. Acendo um e começo eu a chorar.

Crianças Envergonhadas

ROSE TINHA A CABEÇA INCLINADA PARA TRÁS, no lavatório, enquanto a minha mãe lhe molhava o cabelo com cuidado, com um chuveiro ligado à torneira. Ao que parecia, tinham o esquema todo montado. Ajeitaram toalhas e almofadas até a cabeça de Rose estar confortável e a minha mãe poder passar a mão livre pelo cabelo molhado.

- Está suficientemente quente, querida? - perguntou-lhe.

- Sim, querida, está ótima - Rose fechou os olhos. - Sabe, Charley, a sua mãe arranja-me o cabelo desde que eu era muito nova.

- Você é jovem de coração, Rose - disse a minha mãe.

- É mesmo só nessa parte.

Riram as duas.

- Sempre que ia ao instituto de beleza, só perguntava pela Posey. Se ela não estava, eu voltava no dia seguinte. "Não quer outra pessoa?", diziam. Mas eu respondia: "Ninguém me toca senão a Posey."

- É um amor, Rose - disse a minha mãe. - Mas as outras raparigas eram boas.

- Minha querida, deixa-me gabar-te. A sua mãe, Charley, arranjava sempre tempo para mim. E quando ir ao instituto se tornou muito difícil, ela passou a vir a minha casa, todas as semanas.

Bateu com os dedos no braço da minha mãe.

- Obrigada por isso, minha querida.

- Não tem de quê, Rose.

- Tu também eras uma beldade.

Observei a minha mãe a sorrir. Como é que conseguia sentir tanto orgulho por lavar a cabeça a alguém, num lavatório?

- Devia ver a pequena de Charley, Rose - disse a minha mãe. - Falando de beldades, aquela vai partir corações.

- É mesmo? Como se chama?

- Maria. Não é linda, Charley?

Como podia eu responder? A última vez que se tinham visto foi no dia em que a minha mãe morreu, há oito anos. Maria ainda era uma adolescente. Como contar o que tinha acontecido depois disso? Como tinha saído da vida da minha filha? Como ela tinha um novo apelido? Como tinha eu caído tão baixo, a ponto de ser banido do seu casamento? Dantes ela amava-me, sinceramente. Costumava correr para mim, quando chegava do trabalho, de braços no ar, gritando "papá, pega-me ao colo!"

- O que foi que aconteceu?

- A Maria tem vergonha de mim - balbuciei finalmente.

- Não sejas palerma - disse a minha mãe.

Olhou para mim, enquanto espalhava champô nas mãos. Baixei a cabeça. Nunca me apetecera tanto uma bebida. Podia sentir os seus olhos e ouvir o deslizar dos seus dedos a pentear os cabelos de Rose. De todas as coisas que me envergonhavam perante a minha mãe, ser um pai desgraçado era a pior.

- Sabe uma coisa, Rose? - disse, de repente. - Charley nunca me deixou cortar-lhe o cabelo. Acredita nisso? Insistia em ir a um barbeiro.

- Porquê, querida?

- Ora, está a ver, a partir de certa idade é sempre "vai-te embora, mãe, vai-te embora".

- Os filhos têm vergonha dos pais - disse Rose.

- Os filhos têm vergonha dos pais - repetiu a minha mãe.

Era verdade, eu afastara-a de mim, na adolescência. Recusava sentar-me ao lado dela no cinema. Contorcia-me para fugir dos seus beijos. Não me sentia à vontade com a sua figura feminina e sentia-me zangado por ela ser a única mulher divorciada da cidade. Queria que ela se comportasse como as outras mães, com vestidos caseiros, a forrar livros e a fazer brownies.

- Às vezes, os filhos dizem-nos as piores coisas, não é, Rose? Até apetece perguntar: "Mas de quem é este filho?"

Rose riu-se.

- Mas, normalmente, sofrem com qualquer coisa e precisam de a resolver.

Deitou-me um olhar.

- Lembra-te, Charley. Às vezes, os filhos querem que sofras como eles sofrem.

Sofrer como eles sofrem? Foi isso que eu fizera? Queria ver no rosto da minha mãe a rejeição que sentira do meu pai? A minha filha terá feito o mesmo comigo?

- Não fiz nada de propósito, mãe - sussurrei.

- Porquê?

- Por me sentir envergonhado. Por ti ou as tuas roupas ou a... tua situação.

Limpou o champô das mãos e direccionou a água para a cabeça de Rose.

- Uma criança que sente vergonha da mãe - disse ela - é apenas uma criança que ainda não viveu o suficiente.

No pequeno gabinete existia um relógio de cuco, que interrompeu o silêncio com pequenos pios e um barulho de deslizar mecânico. A minha mãe cortava o cabelo de Rose, com pente e tesoura.

O telefone tocou.

- Charley, querido - disse Rose. - Atende isso por mim?

Fui à sala do lado, seguindo o toque do telefone até que o encontrei pendurado numa parede, fora da cozinha.

- Está lá? - disse, ao auscultador. E tudo mudou.

- CHARLES BENETTO?

Era a voz de um homem aos gritos.

- CHARLES BENETTO! OUVI-ME, CHARLES?

Congelei.

- CHARLES? Sei que me pode ouvir! CHARLES! HOVE UM ACIDENTE! FALA CONNOSCO!

Com as mãos a tremer, pousei o auscultador.

As Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu

Faz três anos que o meu pai partiu. Acordo a meio da noite, com o barulho da minha irmã a passar pelo hall. Está sempre a correr para o quarto da minha mãe. Enterro a cabeça na almofada, voltando ao sono.

- Charley] - de repente, a minha mãe está no meu quarto, a sussurrar muito alto. - Charley! Onde está o teu taco de basebol?

- Hã? - grunho eu, levantando-me nos cotovelos.

- Chh! - diz a minha irmã.

- O taco - diz a minha mãe.

- Para que é que queres um taco?

- Chh! - diz a minha irmã.

- Ela ouviu alguma coisa.

- Está um ladrão em casa?

- Chh! - diz a minha irmã.

O meu coração dispara. Em miúdos, ouvimos falar de ladrões de gatos (embora pensemos que roubam mesmo gatos) e de ladrões que assaltam casas e amarram as pessoas. Imagino logo pior, um intruso com o único propósito de nos matar.

- Charley? O taco?

Aponto para o armário, com o peito a arfar. Ela encontra o meu Golpe de Louisville e a minha irmã larga-lhe a mão e salta para a

minha cama. Tenho as mãos a empurrar o colchão, sem saber ao certo que papel devo desempenhar.

A minha mãe abre a porta devagar.

- Fiquem aqui - murmura.

Quero dizer-lhe que está a segurar mal o taco, mas ela já se foi.

A minha irmã treme ao meu lado. Tenho vergonha de ficar ali com ela e saio da cama em direcção à porta, apesar de ela me puxar o pijama com tanta força que quase se rasga.

Na entrada, ouço todos os barulhos da casa e imagino um ladrão a segurar uma faca em cada um. Ouço uma batida leve. Passos. Imagino um homem enorme e nojento a subir as escadas, atrás de mim e da minha irmã. Depois, ouço uma coisa real, algo a partir-se. A seguir... vozes? São vozes? Sim. Não. Espera, isto é a voz da minha mãe, não é? Quero correr lá para baixo. Quero correr de volta à cama. Ouço alguma coisa mais grave, é outra voz? De um homem?

Engulo em seco.

Momentos depois, ouço uma porta a fechar. Com força.

E passos que se aproximam.

A voz da minha mãe precede-a.

- Está tudo bem, está tudo bem -, vai ela dizendo, já sem sussurrar, entrando depressa no quarto, passando a mão pelo meu cabelo ao dirigir-se à minha irmã. Deixa o taco cair, com um barulho surdo no chão. A minha irmã chora. - Está tudo bem. Não foi nada - diz ela.

Encosto-me à parede. A minha mãe abraça a minha irmã e respira mais fundo do que já vi alguém respirar.

- Quem era? - pergunto eu.

- Nada, não era ninguém - responde.

Estende-me uma mão. Desvio-me, com os braços ao longo do corpo. Ela puxa-me, mas eu resisto.

Estou zangado com ela. Vou ficar zangado com ela até ao dia em que sair desta casa de vez. Sei muito bem quem era e estou furioso que ela não tenha deixado o meu pai entrar.

- MUITO BEM, ROSE - dizia a minha mãe quando entrei na sala outra vez -, vai ficar uma beleza. Dê-lhe meia hora.

- Quem era ao telefone, querido? - perguntou-me Rose.

Mal podia abanar a cabeça. Tinha os dedos a tremer.

- Charley? - perguntou a minha mãe. - Estás bem?

- Não era... - engoli em seco. - Não estava ninguém na linha.

- Se calhar era um vendedor - disse Rose. - Têm medo, quando são homens que atendem o telefone. Gostam mais de velhinhas, como eu

Sentei-me. Senti-me exaurido de repente, cansado de mais para manter o queixo levantado. O que acabara de acontecer? De quem era aquela voz? Como é que alguém soube onde me encontrar, mas não me veio buscar? Quanto mais pensava, mais tonto ficava.

- Estás cansado, Charley? - perguntou a minha mãe.

- Dá-me só... um segundo.

Os meus olhos fecharam-se.

- Dorme - ouvi uma voz proferir, mas não soube dizer qual das duas o disse e quanto tempo estive assim.

As Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu

Tenho quinze anos e, pela primeira vez, preciso de me barbear. Há uns pêlos soltos no meu queixo e outros retorcidos por cima do lábio. Uma noite, depois de Roberta ir para a cama, a minha mãe chama-me à casa de banho. Comprou uma Gillette Segurança, com duas lâminas de aço, e uma bisnaga de creme Burma-Shave.

- Sabes fazer isto?

- Claro - respondi.

Não faço ideia de como aquilo se usa.

- Então faz lá - diz ela.

Espalho o creme, até que fico com as bochechas e o queixo cobertos. Pego na lâmina.

- Toma cuidado - diz ela. - A lâmina sempre na mesma direcção, não andes para cima e para baixo.

- Eu sei - respondo aborrecido.

Não me sinto à vontade a fazer isto à frente dela. Devia estar ali o meu pai. Ela sabe disso. Eu sei disso. Nenhum de nós o diz.

Sigo as suas instruções. Arrasto a lâmina numa direcção, retirando o creme numa faixa larga. Quando chego ao queixo, prende e sinto um corte.

- Oh, Charley, estás bem?

Estende a mão para mim e depois afasta-se, sabendo que não o deve fazer.

- Não te preocupes - digo eu, determinado em prosseguir.

Ela observa. Eu continuo. Faço todo o maxilar e o pescoço. Quando acabo, encosta a mão ao rosto e sorri. Diz: - Por Deus, conseguiste - baixinho e com sotaque britânico.

Isso faz-me sentir lindamente.

- Agora lava a cara - diz ela.

As Vezes Em Que Não Defendi a Minha Mãe

É Halloween. Tenho dezasseis anos, já não tenho idade para bater à porta das pessoas e pedir guloseimas, mas a minha irmã quer que vá com ela depois do jantar, pois está convencida que se obtêm doces melhores depois de escurecer. Eu concordo relutantemente, desde que a minha nova namorada, a Joanie, possa vir connosco. Joanie é uma líder de claqué e estudante do segundo ano e, nesta época, sou uma estrela na principal equipa de basebol da universidade.

- Vamos dar uma volta grande e arranjar os melhores doces - diz a minha irmã.

Lá fora faz frio e enfiámos as mãos nos bolsos ao caminhar de casa em casa. Roberta recolhe as suas guloseimas num saco de papel pardo. Eu tenho vestido o meu blusão de basebol e Joanie usa a camisola da claqué.

- Trick or Treath - grita a minha irmã, quando uma porta se abre.

- Oh, e quem és tu, minha querida? - pergunta a mulher. Tem a idade da minha mãe, acho eu, mas tem o cabelo ruivo, uma bata de trazer por casa e sobrancelhas mal desenhadas.

- Sou um pirata - diz Roberta. - Grrr...

A mulher sorri e deposita uma barra de chocolate no saco de papel da minha irmã, como se deixasse cair uma moeda num banco. Faz plunk.

- Sou o irmão dela - digo eu.

- Eu estou com eles - diz Joanie.

- E eu conheço os teus pais?

Está prestes a enfiar outra barra no saco da minha irmã.

- A minha mãe é a senhora Benetto - diz Roberta.

A mulher enrijece e guarda o doce.

- Não queres dizer, menina Benetto? - diz ela.

Nenhum de nós sabe o que dizer. A expressão da mulher mudou e o desenho das sobrancelhas está virado para baixo.

- Presta atenção, querida. Diz à tua mãe que o meu marido não precisa de ver o seu pequeno espectáculo de moda na loja todos os dias. Diz-lhe que não tenha grandes ideias, estás a ouvir? Nada de ideias.

Joanie olha para mim. Tenho a nuca a arder.

- Posso ficar com esse, também? - pergunta Roberta, de olhos postos no chocolate.

A mulher aperta o chocolate contra o peito.

- Vamos embora, Roberta - murmuro, empurrando-a.

- Deve ser de família - diz a mulher. - Querem pôr as mãos em tudo. Vocês digam-lhe o que eu disse! Nada de ideias, ouviram bem? Já estamos a meio caminho do relvado.

Rose Despede-se

QUANDO SAÍMOS de casa de Rose, o sol já estava mais brilhante. Ela acompanhou-nos até ao alpendre, onde nos despedimos, com a porta de alumínio encostada ao andarilho.

- Bem, até mais ver, querida Rose - disse a minha mãe.

- Obrigada, querida - respondeu ela. - Até à próxima.

- Claro que sim.

A minha mãe deu-lhe um beijo na face. Tenho que admitir que fez um bonito trabalho. O cabelo de Rose estava penteado e arranjado

de tal forma que parecia anos mais nova do que quando ali chegáramos.

- Está muito bonita - disse-lhe.

- Obrigado, Charley. É para uma ocasião especial.

Ajeitou a posição do andarilho.

- Qual é a ocasião?

- Vou ver o meu marido.

Não quis perguntar onde, no caso de estar num lar ou no hospital, pelo que disse:

- Ah, sim? Que bom.

- Pois é - disse ela, suavemente.

A minha mãe puxou um fio solto do casaco, olhou para mim e sorriu. Rose recuou, deixando fechar a porta.

Descemos os degraus com cuidado, com a minha mãe a segurar-me o braço. Chegados ao passeio, ela virou à esquerda e lá fomos. O Sol estava quase na vertical, por cima de nós.

- E se fôssemos almoçar, Charley? - perguntou ela.

Quase me ri.

- O que é? - perguntou.

- Nada. Claro. Almoçamos - fazia tanto sentido como outra coisa qualquer.

- Sentes-te melhor, depois da sesta?

Encolhi os ombros.

- Acho que sim.

Bateu afectuosamente na minha mão.

- Sabes, ela está a morrer.

- Quem? Rose?

- Hum, hum.

- Não percebo. Pareceu-me ótima.

Piscou os olhos, à luz do Sol.

- Vai morrer esta noite.

- Hoje à noite?

- Sim.

- Mas ela disse que ia ver o marido.

- E vai.

Parei de caminhar.

- Mãe - disse eu -, como é que podes saber isso?

Ela sorriu.

- Estou a ajudá-la a preparar-se.

3

MEIO-DIA

Chick e a Universidade

ACHO que o dia em que entrei na universidade foi dos dias mais felizes da vida da minha mãe. Pelo menos, começou por ser. A universidade oferecera-se para pagar metade das propinas através de uma bolsa de basebol, embora ela só mencionasse a “bolsa”, sempre que falava disso às amigas, e o amor que tinha por essa palavra eclipsava o facto de eu ter sido admitido para bater na bola e não nos livros.

Lembro-me da manhã em que chegámos para o início do meu ano de caloiro. Tinha-se levantado antes do nascer do Sol e, quando desci as escadas, encontrei um pequeno-almoço completo à minha espera, com panquecas, bacon e ovos. Nem seis pessoas teriam conseguido dar conta de tanta comida. Roberta queria vir connosco, mas eu disse que nem pensar, já era suficiente ter que ir com a minha mãe, e ela consolou-se com um prato cheio de torradas com doce. Deixámo-la em casa de uma vizinha e começámos a viagem de quatro horas.

Como era uma grande ocasião para a minha mãe, vestiu uma das suas melhores roupas, um conjunto beringela, com lenço, saltos altos e óculos escuros e insistiu que eu usasse camisa branca e gravata.

- Vais começar a universidade, não vais à pesca - disse ela.

Juntos, destoávamos em Pepperville Beach, mas é preciso recordar que estávamos nos anos sessenta e, quanto menos bem vestidos estivéssemos, melhor nos encaixávamos. Portanto, quando finalmente chegámos ao campus e saímos da carrinha Qhevy, vimo-nos rodeados de jovens de sandálias e saias de camponesa e homens em calções e camisas de tropa. Mais uma vez, senti que a minha mãe emitia uma luz ridícula para cima de mim.

Quis saber onde era a biblioteca e encontrou quem nos desse direcções.

- Charley, olha para estes livros todos - maravilhou-se, enquanto caminhava pelo rés-do-chão. - Podias ficar aqui mesmo os quatro anos todos, que não davas pela diferença.

Apontava para tudo.

- Olha! Aquele cubículo, podias estudar ali. E - olha aquela mesa na cafetaria, podes estudar ali. - Aguardei tudo porque sabia que ela se ia embora daí a pouco. Mas, ao atravessarmos o relvado, reparei numa rapariga muito bonita, a mascar pastilha elástica, de batom branco e fitas na testa, que também reparou em mim. Flecti os músculos do braço e pensei, "a minha primeira miúda universitária, quem sabe?" Nesse mesmo segundo, a minha mãe disse: - Trouxemos as tuas coisas de casa de banho?

Como se responde a uma coisa dessas? Que sim? Que não? Um "Bolas, mãe!" fica sempre mal. A rapariga passou por nós e deu uma gargalhada, ou talvez eu tenha só imaginado. De qualquer modo, nós não existíamos no seu universo. Vi-a bambolear-se para dois barbudos esparramados debaixo de uma árvore. Beijou um na boca, deitou-se ao lado deles e eu fiquei ali, com a minha mãe a perguntar se tinha trazido as coisas da casa de banho.

Uma hora depois, atirei a minha mala para o patamar das escadas do meu dormitório. A minha mãe carregava os meus dois tacos "da sorte", com que tinha liderado os home runs na associação do distrito de Peperville.

- Vá - disse eu, estendendo a mão. - Eu levo os tacos.

- Não é preciso, deixa estar.

- Mas eu quero ver o teu quarto.

- Mãe.

- O que é?

- Vá lá.

- O quê?

- Tu sabes, vá lá.

Não me lembrei de mais nada que não a magoasse e estendi a mão um pouco mais longe. O seu rosto afundou. Tinha mais vinte centímetros do que ela, agora. Passou-me os tacos e eu equilibrei-os por cima da mala.

- Charley - disse ela, com a voz mais suave, e parecia diferente. -
Dá um beijo à tua mãe.

Pousei a mala, com um baque surdo. Inclinei-me para ela. Nessa altura, dois estudantes barulhentos desceram a escada aos tropeções, a rir e a falar alto e, instintivamente, afastei-me dela.

- Desculpem, por favor - disse um deles, ao passar por nós.

Quando desapareceram, inclinei-me para um beijo rápido, mas ela pôs os braços à volta do meu pescoço e puxou-me para si. Podia sentir o cheiro do seu perfume, a laca do cabelo, o creme de rosto e todas as loções e poções com que se tinha artilhado para este dia especial.

Afastei-me, levantei a mala e comecei a subir, deixando a minha mãe no patamar das escadas, o mais perto que alguma vez estaria de uma educação universitária.

A Meio do Dia

- Então, como está Catherine?

Estávamos de novo na sua cozinha, a almoçar, tal como sugerira. Desde que vivia sozinho, almoçava sempre em cafetarias ou cantinas. Mas a minha mãe sempre condenou comer fora de casa. "Por que havemos de pagar por má comida?", dizia ela. Depois de o meu pai sair de casa, isso tornou-se num ponto crítico. Comíamos em casa porque não tínhamos dinheiro para comer fora.

- Charley? Querido? - repetiu ela. - Como está Catherine?

- Está bem - menti, não fazendo ideia de como ela estava.

- E essa história da Maria ter vergonha de ti? O que diz Catherine disso?

Trouxe um prato com uma sanduíche de pão de centeio integral, rosbife, tomate e mostarda e cortou-a na diagonal. Não me lembro da última vez que vi alguém cortar uma sanduíche na diagonal.

- Mãe - disse eu -, para ser franco, eu e Catherine separámo-nos.

Acabou de cortar. Parecia estar a pensar em alguma coisa.

- Ouviste o que eu disse?

- Hum - respondeu em silêncio, sem olhar para cima. - Sim, Charley, ouvi.

- Não foi culpa dela. Foi minha. Não tenho sido grande coisa, há uns tempos para cá, percebes? Foi por isso...

O que é que eu ia dizer? Foi por isso que me tentei suicidar? Empurrou o prato para a minha frente.

- Mãe - a voz tremeu-me. - Nós enterrámos-te. Há muito tempo que desapareceste.

Fiquei a olhar para a sanduíche, dois triângulos de pão. - Agora é tudo diferente - suspirei.

Estendeu a mão e pousou-a na minha face. Fez um trejeito de dor.

- As coisas podem-se compor - disse ela.

8 de Setembro de 1967

Charley:

Que tal a minha escrita? Tenho praticado no trabalho, na máquina de escrever da Henrietta. Coisa fina!

Sei que não vais ler isto até eu ter partido, mas, no caso de me esquecer por que razão fiquei tão excitada por entrares na universidade, quero dizer-te uma coisa. Tenho imenso orgulho em ti, Charley. És o primeiro da nossa família que anda na universidade! Sê simpático com as pessoas daí. Sê simpático com os professores. Trata-os sempre por Sr. ou Sra., mesmo que os estudantes agora chamem os professores pelo primeiro nome, como ouço dizer. Não acho isso certo. E sê gentil com as raparigas com que saíres. Sei que não precisas dos meus conselhos amorosos, mas, mesmo que elas te achem bonito, não é razão para te portares mal. Sê amável.

E vê se dormes bem. Josie, que frequenta o instituto de beleza, diz que o filho passa a vida a adormecer nas aulas. Não insultes os professores dessa maneira, Charley. Não adormeças. Tens tanta sorte em poder aprender e não teres que trabalhar numa loja qualquer.

Amo-te todos os dias.

E agora vou ter saudades tuas todos os dias.

Muito amor,

Mãe

Quando os Fantasmas Regressam

COSTUMAVA SONHAR que encontrava o meu pai. Que se tinha mudado para a cidade mais próxima e que eu ia a casa dele, de bicicleta, batia-lhe à porta e ele explicava-me que tinha sido tudo um engano. Voltávamos os dois juntos para casa, eu à frente e ele a pedalar atrás com força, e a minha mãe vinha-nos receber com lágrimas felizes nos olhos.

É espantoso a quantidade de ilusões que a nossa mente consegue fabricar. A verdade é que nem sabia onde o meu pai morava e nunca o descobri. Passava na sua loja de bebidas depois da escola, mas ele nunca estava. Quem geria a loja agora era o seu amigo Marty, que me contou que agora o meu pai trabalhava em full-time na loja nova de Collingswood. Ficava apenas a uma hora de viagem, mas, para um miúdo da minha idade, era como se fosse na Lua. Depois de um tempo, deixei de passar na sua loja e de fantasiar sobre regressar juntos de bicicleta a casa. Acabei o liceu todo sem qualquer contacto com o meu velho.

Ele era um fantasma.

Mas eu continuava a vê-lo.

Via-o sempre que batia com o taco ou atirava uma bola, razão por que nunca abandonei o basebol e jogava todas as primaveras, todos os verões, em todas as equipas e ligas possíveis. Imaginava o meu pai na plate, encostado ao meu cotovelo, corrigindo a minha postura de batida. Ouvia-o gritar: “Cava! Cava! Cava!”, quando deixava escapar uma bola de chão.

Um rapaz vê sempre o pai num campo de basebol. Na minha cabeça, era só uma questão de tempo até que ele aparecesse mesmo.

Assim, ano após ano, experimentava os uniformes novos com meias vermelhas, calças cinzentas, camisa azul, boné amarelo e vestia-me sempre como se fosse ter uma visita. Dividi a adolescência entre o cheiro abafado dos livros, que era a paixão da minha mãe, e o cheiro a cabedal das luvas de basebol, que era a do meu pai. O meu corpo desabrochava para o modelo dele, forte, com ombros largos e cinco centímetros mais alto.

Quando cresci, agarrei-me ao jogo como a uma jangada em alto mar, convicto, cortando as ondas.

Até que, por fim, isso me devolveu o meu pai.

Como eu sempre soube que faria.

Ele reapareceu depois de oito anos, no meu primeiro jogo da universidade, na Primavera de 1968, sentado na primeira fila, mesmo à esquerda da plateia da casa, de onde podia estudar melhor a minha boa forma.

Nunca esquecerei esse dia. Estava uma tarde ventosa e o céu parecia metalizado, ameaçando chuva. Caminhei para a plateia. Normalmente, não olho para os lugares da bancada, mas, por alguma razão, nesse dia olhei. Lá estava ele. Tinha o cabelo grisalho nas têmporas e os ombros pareciam mais pequenos, a cintura um pouco mais larga, como que afundada em si próprio, mas, fora isso, parecia igual.

Se não estava à vontade, não o mostrava. De qualquer modo, não sei se reconheceria o ar “menos à vontade” do meu pai.

Acenou-me com a cabeça. Tudo à minha volta congelou. Oito anos. Oito anos inteiros. Senti o lábio a tremer. Lembro-me de uma voz na minha cabeça que dizia: “Não te atrevas, Chick. Não chores, safado, não chores.”

Olhei para os pés e obriguei-os a mexer. Mantive-me de olho neles o caminho todo até à box do batedor.

E bati na primeira bola, que passou por cima da parede à esquerda do campo.

A Menina Thelma

A MARCAÇÃO SEGUINTE DA MINHA MÃE, segundo disse, era uma pessoa que vivia numa parte da cidade que chamávamos os Apartamentos. Eram filas de casas, na maioria para pessoas pobres. Com certeza que seria preciso ir de carro, mas, antes que pudesse perguntar, ouvi a campainha da porta.

- Vai lá, Charley, está bem? - pediu a minha mãe, pondo os pratos no lavatório.

Hesitei. Não queria abrir nenhuma porta, nem atender nenhum telefone. Quando a minha mãe pediu outra vez “Charley? Podes lá ir?”, levantei-me e dirigi-me à porta, lentamente.

Disse a mim próprio que estava tudo bem. Mas, no instante em que toquei na maçaneta, tive um choque que me deixou cego, uma explosão de luz e a voz de um homem, a mesma do telefone de Rose. Agora já gritava.

“CHARLES BENETTO! ESCUTE! SOU UM AGENTE POLICIAL!”

Senti-me num furacão. A voz estava tão próxima que praticamente lhe podia tocar.

“CONSEGUE OUVIR-ME, CHARLES? SOU UM POLÍCIA!”

Retrocedi e levei as mãos à cara. A luz desapareceu. O vento morreu. Ouvi a minha própria respiração forçada. Rapidamente, procurei a minha mãe com os olhos, mas ainda estava junto do lavatório.

Fosse o que fosse que estivesse a acontecer, estava tudo na minha cabeça.

Esperei uns segundos, respirei fundo três vezes e virei cuidadosamente a maçaneta da porta, com os olhos em baixo, à espera do polícia que gritara comigo. Por algum motivo, achei que devia ser jovem.

Mas, quando levantei o olhar, vi uma senhora negra de idade, com os óculos presos a uma corrente pendurada ao pescoço, cabelo desmazelado e cigarro aceso.

- És mesmo tu, Chickadoo? - disse ela. - Vejam só quem cresceu tanto!”

Chamávamos-lhe menina Thelma e ela costumava limpar a nossa casa. Era uma mulher magra e estreita de ombros, com um grande sorriso e mau feitio. Tinha o cabelo pintado de laranja-aver-melhado e fumava Lucky Strikes constantemente, que guardava no bolso da camisa, como um homem. Nascida e criada no Alabama, acabou por ir parar a Pepperville Beach, onde, no final dos anos cinquenta, praticamente todas as casas na nossa zona da cidade empregavam mulheres como ela. Eram chamadas “domésticas” ou, quando se falava francamente, referidas como “criadas”. O meu pai ia buscá-la ao sábado de manhã à paragem de autocarros, ao pé da cafetaria

Horn & Hardart, e pagava-lhe antes de sair de nossa casa, enfiando-lhe discretamente umas notas na mão, como se nenhum dos dois devesse olhar para o dinheiro. Ela fazia as limpezas durante todo o dia, enquanto estávamos no baseball. Quando chegávamos a casa, o meu quarto estava imaculado, quer eu gostasse ou não.

A minha mãe insistia para que a tratássemos por “menina Thelma”. Lembro-me disso e lembro-me que não podíamos entrar em qualquer divisão que ela tivesse acabado de aspirar. Às vezes, atirava-me umas bolas no pátio de trás e com tanta força como eu.

Também foi ela que inventou inadvertidamente a minha alcunha. O meu pai tentou tratar-me por “Chuck” (a minha mãe detestava, dizia “Chuck? Parece um vaqueiro!”), mas como eu estava sempre a correr do pátio para casa, gritando “Mãããe!” ou “Roberrrrta!”, um dia a menina Thelma olhou irritada para mim e disse “da maneira que gritas, pareces um galo. Chuckadoodle-doo!” A minha irmã, na altura ainda em idade pré-escolar, repetiu “Chickadoodle-doo!” e, não sei porquê, a parte do “Chick” pegou. Não creio que isso tenha feito o meu pai gostar muito da menina Thelma.

- Posey - disse ela à minha mãe, de sorriso aberto. - Tenho pensado em si.

- Bom, muito obrigada - respondeu a minha mãe.

- Tenho mesmo.

Virou-se para mim.

- Agora já não posso atirar-te bolas, Chikadoo - riu-se ela. - Estou velhota.

Fomos no carro dela para os Apartamentos. Parecia-me esquisito a minha mãe tratar da menina Thelma, mas sabia muito pouco dos últimos dez anos da sua vida. Andei demasiado envolto nos meus próprios dramas.

Pela primeira vez, vi pessoas à janela durante o caminho. Vi um velho atarracado de barba grisalha a levar um ancinho para a garagem. A minha mãe acenou-lhe e ele retribuiu. Vi uma mulher de bata, com o cabelo cor de baunilha, sentada no alpendre. Outro aceno da minha mãe. Outro de volta.

Conduzimos algum tempo, até que as ruas se tornaram piores e mais estreitas. Virámos numa rua de gravilha e chegámos a uma

casa geminada, com alpendre coberto, flanqueado por portas de adegas muito necessitadas de uma pintura. Havia vários carros estacionados à porta e uma bicicleta inclinada, no quintal da frente. A menina Thelma estacionou e desligou o carro.

Subitamente, estávamos dentro da casa. O quarto era apainhado e a alcatifa cor de azeitona. A cama era uma daquelas antigas, com quatro colunas e, de repente, a menina Thelma estava lá deitada, encostada a duas almofadas.

- O que é que acabou de acontecer? - perguntei à minha mãe.

Abanou a cabeça, como que a dizer "agora, não" e começou a desempacotar a mala. Ouvi crianças a brincar noutra sala e o som abafado de uma televisão e de pratos na mesa.

- Todos pensam que estou a dormir - sussurrou a menina Thelma.

Deitou um olhar à minha mãe.

- Posey, agora é que eu gostava. Pode ser?

- Claro que sim - replicou a minha mãe.

As Vezes Em Que Não Defendi a Minha Mãe

Não lhe conto que vi o meu pai. Ele aparece também no jogo seguinte e volta a acenar quando chego ao plate. Desta vez, aceno também, pouco, mas aceno. E consigo um três-a-três nesse jogo, com outro home-run e dois duplos.

Andamos nisto várias semanas. Ele senta-se. Observa. Eu bato na bola como se tivesse meio metro de largura. Finalmente, depois de um jogo em que faço mais dois home-runs, encontro-o à minha espera junto ao autocarro da equipa. Ele veste um impermeável azul e uma camisola branca, de gola alta. Reparo no cinzento das patilhas. Levanta o queixo quando me vê, como que contrariando o facto de eu ser mais alto do que ele. As primeiras palavras que diz são "pergunta ao teu treinador se te posso levar de volta para o campus".

Nesse momento, eu podia fazer tudo. Podia cuspir. Mandá-lo para o inferno. Podia ignorá-lo, da maneira como nos ignorou a nós.

Podia dizer alguma coisa sobre a minha mãe.

Em vez disso, faço o que ele diz e peço permissão para não voltar de autocarro. Ele respeita a autoridade do meu treinador, eu respeito a do meu pai e é assim que o mundo faz sentido, com todos a portar-se como homens.

- NÃO SEI, Posey - disse a menina Thelma -, vai ser preciso um milagre.

Olhava para um espelho de mão, enquanto a minha mãe desembalava pequenos frascos e caixas de jóias.

- Bem, este é o meu saco dos milagres - disse ela.

- Ah, é? Há para aí uma cura para o cancro, em algum sítio?

A minha mãe pegou num frasco.

- Tenho um atomizador.

A menina Thelma riu-se.

- Acha uma parvoíce, Posey?

- O quê, querida?

- Querer parecer bonita, nesta altura?

- Não tem mal nenhum, se é isso que quer dizer.

- Bem, é que os meus rapazes e raparigas estão ali fora, percebe. Mais os filhos deles. E eu gostava de lhes parecer saudável, sabia? Não quero afligi-los, por me verem como um pano da loiça velho.

- Você nunca parece uma pano de loiça - respondeu.

- Oh, conte-me coisas dessas, Posey.

Riram outra vez.

- Às vezes, tenho saudades daqueles sábados - disse a menina Thelma. - Divertimo-nos, não foi?

- E bem - disse a minha mãe.

- E bem - concordou a menina Thelma.

Fechou os olhos enquanto a minha mãe fazia o seu trabalho.

- Chickadoo, a tua mãe é a melhor sócia que já tive.

Não tinha a certeza de a ter compreendido.

- Trabalhou no instituto de beleza? - perguntei.

A minha mãe fez uma careta.

- Não - respondeu a menina Thelma -, nunca conseguiria fazer ninguém parecer melhor do que é, mesmo que tentasse.

A minha mãe tapou o atomizador e pegou noutro frasco. Tirou a tampa e entornou o conteúdo numa esponja.

- O quê? - perguntei eu. - Não estou a perceber.

Segurou na esponja como um artista prestes a pintar uma tela.

- Nós limpávamos casas juntas, Charley - disse.

Depois de ver o meu olhar, acenou despreocupadamente com os dedos.

- Como pensas que vos mantive aos dois na universidade?

No MEU SEGUNDO ANO da universidade tinha mais cinco quilos de massa muscular, reflectidos na força com que batia na bola. A minha média de batedor, entre os jogadores universitários, estava entre os melhores cinquenta do país. A pedido do meu pai, joguei em vários campeonatos onde costumavam ir os caça-talentos profissionais, homens mais velhos que se sentavam nas bancadas, de bloco e charuto na mão. Um dia, um deles aproximou-se de nós, no final do jogo.

- É seu filho? - perguntou ao meu pai.

O meu pai anuiu com a cabeça, desconfiado. O homem tinha o cabelo ralo e um nariz bolboso e a roupa interior via-se debaixo de uma camisola leve.

- Pertencço à organização St. Louis Cardinals.

- Ah, sim?

Eu queria saltar da minha pele.

- Talvez tenhamos lugar para um batedor, bola "A".

- É mesmo? - disse o meu pai.

- Ficaremos de olho no seu filho, se ele estiver interessado.

O homem fungou, fazendo um barulho fundo, molhado e alto. Tirou um lenço das calças e assoou-se.

- Só uma coisa - disse o meu pai. - Pittsburg já se adiantou. Andam a estudá-lo há um tempo.

O homem observou o queixo do meu pai, que se mexia com o mastigar da pastilha elástica.

- Ai andam - observou ele.

Claro que tudo isto era novidade para mim e, quando ele se foi embora, assaltei o meu pai com perguntas. Quando é que isso

acontecera? Este tipo era a sério? Pittsburg andava mesmo a olhar para mim?

- E se estiverem? - respondeu ele. - Isso não muda o que tu tens que fazer, Chick. Deixa-te estar nas gaiolas, trabalha com os treinadores e fica pronto para quando chegar a tua hora. Deixa-me tratar do resto.

Anui obedientemente. Tinha a cabeça a voar.

- E a escola?

Coçou o queixo.

- O que tem?

Vislumbrei a cara da minha mãe, a andar comigo na biblioteca. Tentei não pensar nisso.

- Os St. Louis Cardinals - gozou o meu pai, arrastando as palavras. Fincou os pés na relva e, de facto, sorriu. Senti-me tão orgulhoso que me nasceram borbulhas. Perguntou-me se queria uma cerveja, eu disse que sim, e fomos beber uma juntos, como homens.

- O pai veio ver um jogo.

Estava a falar da cabina telefónica do dormitório. Isto foi bem depois da primeira visita do meu pai, mas precisei de muito tempo para reunir a coragem para lhe contar.

- Ah - acabou por responder a minha mãe.

- Sozinho - acrescentei logo.

Pareceu-me importante, por alguma razão.

- Contaste à tua irmã?

- Não.

Outro longo silêncio.

- Não deixes que nada afecte os teus estudos, Charley.

- Não deixo, não.

- O mais importante é isso.

- Eu sei.

- A educação é tudo, Charley. É assim que fazes alguma coisa da tua vida.

Continuei à espera de mais, de alguma história terrível sobre uma coisa terrível. Continuei à espera, da maneira como esperam todos os filhos de pais divorciados, de algo que me fizesse sentido, um

trepidar no chão que me fizesse tomar um partido ou o outro. Mas a minha mãe nunca falou do motivo por que o meu pai partira. Nem uma vez mordeu o isco que a Roberta e eu balançávamos à sua frente. Engolia as palavras e a conversa toda. Seja o que for que tenha acontecido entre eles, engoliu isso também.

- Não há problema de eu e o pai nos vermos?
- O pai e eu - corrigiu ela.
- O pai e eu - disse, exasperado. - Há? Ela suspirou.
- Já não és um miúdo, Charley.

Então por que é que me sentia como um?

Olhando para trás, agora, havia muita coisa que eu não sabia. Não sabia como encarou a notícia que lhe dei. Não sabia se tinha ficado furiosa ou assustada. Certamente não sabia que, enquanto bebia cervejas com o meu pai, as contas em casa continuavam a ser pagas, em parte, porque a minha mãe fazia limpezas com a mulher que em tempos tinha limpo a nossa casa.

Agora olhava para as duas, naquele quarto, a menina Thelma encostada às almofadas e a minha mãe a maquilhá-la com as esponjas e o lápis dos olhos.

- Por que não me contaste? - perguntei-lhe.
- Contar-te o quê? - disse a minha mãe.
- Que tiveste que... sabes, por dinheiro?
- Lavar chão? Lavar roupa? - a minha mãe riu-se. - Sei lá. Se calhar, por causa da maneira como estás a olhar para mim agora.

Suspirou.

- Foste sempre muito orgulhoso, Charley.
- Não fui nada] - ripostei.

Ergueu as sobrancelhas e voltou ao rosto da menina Thelma. Murmurou entre dentes:

- Se assim o dizes.
- Não faças isso] - disse eu.
- Fazer o quê?
- Se assim o dizes. Isso.
- Eu não disse nada, Charley.
- Disseste, sim!
- Não grites.

- Eu não era orgulhoso! Só porque eu...

A minha voz tremeu. O que estava a fazer? Meio dia com a minha falecida mãe e já estávamos a discutir?

- Não há vergonha em precisar de trabalhar, Chickadoo - disse a menina Thelma. - Mas o único trabalho que sabia fazer era o que já fazia. E a tua mãe disse "E o que isso tem?" Eu disse-lhe: "Posey, você quer ser a empregada de limpeza de alguém?" E ela respondeu: "Thelma, se não és mais do que isso, por que é que eu havia de ser?" Lembra-se, Posey?

A minha mãe inspirou fundo.

- Eu não disse "havia".

A menina Thelma deu uma gargalhada.

- Nã, nã, pois não, não disseste. Tenho a certeza. Não disseste "havia".

Ambas riam, agora. A minha mãe tentava trabalhar por baixo dos olhos dela.

- Fique quieta - disse ela, mas os seus olhos continuaram a rir.

- Acho que a mãe devia casar outra vez - disse Roberta.

Foi um telefonema que fiz para casa, da universidade.

- De que estás a falar?

- Ela ainda é bonita, mas ninguém fica bonita para sempre. Já não é tão magra como era.

- Ela não quer casar com ninguém.

- Como é que sabes?

- Ela não precisa de casar, Roberta, está bem?

- Se não arranja alguém rapidamente, depois já ninguém a quer.

- Pára com isso.

- Agora usa uma cinta, Charley, eu já vi.

- Quero lá saber, Roberta! Santo Deus!

- Achas que és o máximo por andares na universidade.

- Pára com isso.

- Já ouviste aquela canção Yummy, Yummy, Yummy? Acho-a mesmo estúpida. Como é que estão sempre a tocá-la?

- Ela tem-te falado de voltar a casar?

- Talvez.

- Roberta, não estou a brincar. O que é que ela disse?

- Nada. Okay? Mas sabe-se lá onde raio anda o pai. E a mãe não devia estar sempre sozinha, o tempo todo.

- Não praguejes - disse eu.

- Posso dizer o que eu quiser, Charley. Não és meu patrão. Ela tinha quinze anos e eu vinte. Ela não fazia ideia do meu pai,

que eu o via e conversava com ele. Ela queria ver a minha mãe feliz. Eu queria que ela ficasse na mesma. Passaram nove anos desde aquele sábado de manhã em que a minha mãe esmagou os cereais na palma da mão. Há nove anos que não éramos uma família.

Na universidade tinha uma disciplina de Latim e um dia surgiu a palavra "divórcio". Sempre pensei que tivesse origem em algo que significasse "dividir". Na verdade, vem de "divertere", que significa "desviar".

Acredito nisso. Tudo o que o divórcio faz é desviar-nos de tudo o que pensávamos que queríamos e conduzir-nos para uma data de outras coisas, como debates sobre a cinta da nossa mãe e sobre o facto de ela dever casar outra vez.

Chick Faz a Sua Escolha

EXISTEM DOIS DIAS DA UNIVERSIDADE que vou partilhar convosco, porque constituem o ponto mais alto e mais baixo dessa experiência. O ponto mais alto aconteceu durante o meu segundo ano, durante o semestre de Outono. O basebol ainda não tinha começado e assim tinha tempo para andar pelo campus. Numa quinta-feira à noite, depois dos exames intercalares, uma das associações de estudantes organizou uma grande festa. Estava escuro e apinhado de gente. A música explodia. As luzes negras tornavam fosforescentes as pessoas e os posters na parede. Ríamos alto e brindámos com copos de plástico de cerveja.

A dada altura, um tipo com cabelos compridos às tranças saltou para cima de uma cadeira e começou a imitar a música e a tocar guitarra no ar - era uma canção dos Jefferson Airplane, o que rapidamente se transformou num concurso. Passámos a pilha de álbuns a pente fino, à procura de uma "canção" para representar.

Bem, eu não sei de quem eram os álbuns, mas descobri um que era uma raridade e gritei aos meus companheiros: “Esperem aí! Vejam só este!” Era o álbum de Bobby Darin que a minha mãe costumava ouvir quando éramos miúdos. Ele estava de smoking branco na capa, com o cabelo vergonhosamente curto e penteado.

- Eu conheço este! - disse eu. - Sei a letra toda!

- Não acredito - disse um deles.

- Ponham este! - disse outro. - Olha só para esse pato! Tomámos conta do gira-discos, alinhámos a agulha para a batida de This Could Be The Start of Something Big e, quando a música começou, ficaram todos paralisados, pois aquilo não era seguramente rock & rol!. Num ápice, lá estava eu com os meus dois colegas. Olharam um para o outro, embaraçados, apontaram para mim e abanaram as ancas. Eu sentia-me à vontade, quis lá saber. Assim que os trompetes e clarinetes irromperam pelos altifalantes, as palavras que conhecia de cor saltaram da minha boca.

Andas na rua ou estás numa festa,
Ou estás sozinho e de repente percebes
Que olhas alguém nos olhos e realizas
Que pode ser o princípio de uma coisa séria.

Estalava os dedos como os cantores do espectáculo de Steve Allen e pus toda a gente a rir e a berrar “Força, gato! Boa!” Fiquei cada vez mais ridículo. Acho que ninguém conseguia acreditar que eu soubesse a letra de um álbum tão piroso.

De qualquer modo, quando acabei, tive uma grande ovação e os meus amigos abraçaram-me pela cintura, andámos aos empurrões, ríamos e chamávamos nomes uns aos outros.

Foi nessa noite que conheci Catherine e por isso foi ela o tal ponto alto. Tinha observado a minha “representação” com algumas amigas. Eu tinha-a visto e estremecido, mesmo quando abanava os braços e fazia boquinhas. Usava uma blusa sem mangas, cor-de-rosa, calças de ganga e batom brilhante cor de morango, e estalava os dedos enquanto eu cantava Bobby Darin. Até hoje, não sei se

teria olhado para mim duas vezes, caso eu não tivesse feito uma figura tão idiota como aquela.

- Onde aprendeste aquela canção? - perguntou ela, avançando para mim enquanto eu tirava uma cerveja à pressão do pequeno barril.

- Hum... da minha mãe - respondi.

Senti-me um idiota. Quem é que começa uma conversa com "a minha mãe"? Mas ela pareceu gostar e bem, começámos a partir daí.

No dia seguinte, recebi as minhas notas, que foram boas. Dois dezanove, dois dezoito. Liguei para a minha mãe no instituto de beleza e contei-lhe sobre Catherine e a canção de Bobby Darin, e ela pareceu ficar contente por lhe ter ligado a meio do dia. Por cima do barulho dos secadores de cabelo, gritou:

- Charley, estou tão orgulhosa de ti!

Esse foi o ponto alto.

Desisti da universidade um ano depois.

Esse foi o ponto baixo.

Desisti de estudar para jogar na Liga Menor de basebol, por sugestão do meu pai e para eterna desilusão da minha mãe. Ofereceram-me um lugar na organização dos Piratas de Pittsburg, para que florescesse nos jogos de Inverno. O meu pai achou que era a altura certa.

- Não vais melhorar se continuares a jogar com universitários - disse ele.

Quando mencionei a ideia pela primeira vez à minha mãe, ela desatou a gritar: - Nem penses nisso! - Não interessava o que ganhava no basebol. Não importava que os caça-talentos achassem que eu tinha verdadeiro potencial, talvez o suficiente para jogar nas Ligas Principais. - Nem penses nisso! - foram as suas palavras.

E eu ignorei-a completamente.

Fui à secretaria, disse-lhes que me ia embora, enchi um saco com as minhas coisas e pirei-me. Muitos tipos da minha idade estavam a ser mandados para o Vietname. Por qualquer golpe de sorte ou de destino, o meu número na lotaria do recrutamento era baixo. O meu pai, um veterano, parecia aliviado por esse facto.

- Não precisas dos sarilhos que arranjias numa guerra - disse ele.

E, assim, entrei na sua cadência e segui a sua voz de comando. Entrei num clube de Liga Menor em San Juan, em Porto Rico, e dei os meus dias de estudante por terminados. O que posso dizer? Que fui seduzido pelo baseball ou pela aprovação do meu pai? Suponho que foram ambas as coisas. Fiz o que me pareceu natural, como se voltasse ao trilho das migalhas de pão que seguira em criança, antes de as coisas se terem estragado, antes de ter começado a minha vida de menino da mamã.

Lembro-me de lhe ter ligado do telefone de um motel em San Juan. Tinha apanhado um voo directamente da universidade para lá e foi a primeira vez que andei de avião. Não quis passar por casa porque sabia que ela iria fazer uma cena.

- Uma chamada a cobrar, do seu filho - informou a telefonista com sotaque espanhol.

Quando a minha mãe realizou onde eu estava e que o contrato estava feito, pareceu pasmada. A sua voz estava de rastos. Perguntou que tipo de roupas é que eu tinha. Como me arranjava para comer? Parecia ler uma lista de perguntas obrigatórias.

- É seguro, esse sítio onde estás? - perguntou.

- Seguro? Acho que sim.

- Quem mais conheces aí?

- Ninguém. Mas há outros tipos da equipa e divido o quarto com um deles. É de Indiana, ou Iowa, não sei.

- Hum, hum.

E depois silêncio.

- Mãe, posso sempre voltar a estudar.

Desta vez, o silêncio foi maior. Antes de desligarmos, disse mais uma coisa.

- Voltar a qualquer coisa é mais difícil do que julgas.

Acho que não conseguiria destroçar mais o coração da minha mãe, mesmo que tentasse.

O Trabalho Que É Preciso Fazer

A MENINA Thelma FECHOU OS OLHOS, inclinou a cabeça para trás e a minha mãe continuou a sua maquilhagem. Pousava a esponja suavemente no rosto da sua antiga sócia e eu fiquei a observá-la, com as emoções todas baralhadas. Sempre pensei que o que vem a seguir ao nosso nome era muito importante. Chick Benetto, jogador profissional de basebol, e não, Chick Benetto, vendedor. Agora estava a ver que depois de Posey Benetto, enfermeira e Posey Benetto, esteticista, vinha a Posey Benetto, empregada de limpeza. Enfureci-me por ela ter chegado tão baixo.

- Mãe... - disse, com altivez. - Por que é que nunca pediste dinheiro ao pai?

A minha mãe cerrou os maxilares.

- Não precisei de mais nada do teu pai.

- Hum, hum - acrescentou a menina Thelma.

- Nós passámos bem, Charley.

- Hum, hum, passaste sim.

- Por que não voltaste para o hospital? - perguntei.

- Não me quiseram.

- Por que não lutaste?

- Isso tinha-te deixado feliz? - suspirou. - Não era como hoje, em que as pessoas processam tudo, pela mais pequena coisa. Era o único hospital nas redondezas. Nós não podíamos simplesmente sair da cidade. Este era o nosso lar e tu e a tua irmã já tinham passado por mudanças suficientes. Não teve importância, eu arranjei trabalho.

- A limpar casas - murmurei.

Deixou cair as mãos.

- Não tenho a mesma vergonha disso que tu tens - disse ela.

- Mas... - tentei balbuciar. - Não trabalhavas no que era importante para ti.

Ela olhou para mim com um ar de desafio.

- Eu fiz o que era importante para mim - disse ela. - Eu era mãe.

Depois disso, ficámos em silêncio. Finalmente, a menina Thelma abriu os olhos.

- Então e tu, Chickadoo? - perguntou. - Já não estás no grande palco do basebol?

Abanei a cabeça.

- Pois, parece que não - continuou ela. - O basebol é coisa de gente jovem. Mas tu serás sempre um miúdo para mim, de luva na mão, sempre sério.

- Charley tem família, agora - disse a minha mãe.

- É mesmo?

- E um bom emprego.

- Ora bem. - A menina Thelma acomodou a cabeça para trás. - Tens-te dado bem, então, Chickadoo. Mesmo bem.

Estavam completamente enganadas. Eu não me estava a sair nada bem.

- Detesto o meu trabalho - disse eu.

138

- Bem... - disse a menina Thelma, com um encolher de ombros. - Isso acontece, às vezes. Não pode ser muito pior do que esfregar a tua banheira, pois não? - sorriu. - Fazemos o que temos que fazer para manter a família unida. Não é, Posey?

Fiquei a vê-las acabar a sua rotina. Pensei nos anos que a menina Thelma deve ter passado a aspirar ou a esfregar banheiras para alimentar os filhos e na quantidade de champô ou tinta de cabelo que a minha mãe deve ter usado para nos alimentar. E eu? Eu consegui jogar durante dez anos e queria vinte. Senti-me, subitamente, envergonhado.

- O que se passa com esse teu emprego, afinal? - perguntou a menina Thelma.

Visualizei o escritório de vendas, as secretárias de aço, as luzes fluorescentes.

- Não quis ser vulgar - murmurei.

A minha mãe ergueu os olhos.

- O que é ser vulgar, Charley?

- Tu sabes, é alguém de quem nos esquecemos.

Ouviam-se os gritos das crianças na outra sala e a menina Thelma virou a cabeça na direcção do som. Sorriu.

- Aquilo é que me impede a mim de ser esquecida.

Fechou os olhos, deixando a minha mãe pintá-los. Respirou fundo e deixou-se afundar na cama.

- Mas eu não mantive a minha família unida - disse eu, de rompante.

A minha mãe levou um dedo aos lábios, a pedir silêncio.

Ao meu Charley, no dia do seu casamento:

Sei que achas estes bilhetes uma parvoíce. Ao longo dos anos, tenho visto a cara que fazes quando tos dou. Mas compreende que, às vezes, quero dizer-te uma coisa e quero que ela saia bem. O papel ajuda-me a conseguir isso. Gostava de ter sido uma escritora melhor. Gostava de ter ido para a universidade. Se o tivesse feito, acho que teria estudado Inglês e assim teria melhor vocabulário. Acho que utilizo as mesmas palavras muitas vezes, tal como uma mulher que usa o mesmo vestido todos os dias. Que chatice!

O que te quero dizer, Charley, é que vais casar com uma rapariga extraordinária. Penso muitas vezes em Catherine como penso na Roberta. Como uma filha. Ela é doce e paciente. Devias ser assim com ela, Charley.

Aqui está o que vais descobrir sobre o casamento: é preciso que trabalhem nele juntos. E têm que amar três coisas. Têm que amar:

- 1) Um ao outro.
- 2) Os vossos filhos (quando os tiverem! É uma indirecta!)
- 3) O vosso casamento.

O que quero dizer com esta última é que pode acontecer que discutam e que nem sempre gostem um do outro, mas são exactamente essas as vezes que têm que amar o vosso casamento. É como se fosse uma terceira pessoa. Olhem para as fotografias do casamento e para as vossas recordações. E, se acreditarem nelas, mantêm-se juntos.

Hoje tenho muito orgulho em ti. Vou pôr isto no bolso do teu smoking porque sei bem como perdes tudo.

Amo-te todos os dias,

Mãe

(dos papéis de Chick Benetto, por volta de 1974)

Chegando ao Topo

AINDA NÃO VOS FALEI sobre a melhor e a pior coisa que alguma vez me aconteceu a nível profissional. Cheguei ao fim do arco-íris do baseball, o Campeonato Mundial, com vinte e três anos apenas. O apanhador suplente dos Piratas partiu o tornozelo, no princípio de Setembro, e chamaram-me para o substituir. Ainda me lembro do dia em que entrei na sala alcatifada dos cacifos. Nem acreditei no tamanho daquilo. Liguei a Catherine de uma cabina (estávamos casados há seis meses) e só conseguia dizer: "É inacreditável."

Umhas semanas mais tarde, os Piratas ganharam a taça. Dizer que fui responsável por isso de alguma maneira seria mentira. Eles já estavam em primeiro lugar quando eu entrei. Mas consegui quatro jogadas num desempate e no meu segundo mandato atirei uma bola para o fundo do campo direito. Apanharam-na e eu saí, mas pensei: "Foi um começo. Consigo atirar esta coisa."

Mas não foi um começo, afinal. Chegámos ao Campeonato Mundial, mas fomos derrotados pelos Orioles de Baltimore. Eu nunca cheguei a bater. O último jogo foi uma derrota de 5 a 0 e, depois do último out, fiquei nos degraus do abrigo a ver os jogadores de Baltimore correr para o campo, celebrando e atirando-se em monte para o monte do lançador. Para os outros, pareciam estar em êxtase, mas eu achei que era mais alívio, pela pressão ter finalmente acabado.

Nunca mais vi essa expressão, mas às vezes ainda sonho com ela. Vejo-me a mim naquele molhe humano.

Se os Piratas tivessem ganho o campeonato, teria havido uma parada em Pittsburg. Em vez disso, e como tínhamos perdido fora de casa, fomos a um bar em Baltimore, onde ficámos até fechar. Naquele tempo, as derrotas tinham que ser lavadas com cerveja e nós lavámos exaustivamente a nossa. Sendo o membro mais novo da equipa, passei a maior parte do tempo a ouvir o resmungar dos outros. Bebi o que era suposto beber e praguejei quando todos praguejaram. Era madrugada quando saímos do bar, aos tropeções.

Umhas horas depois, voámos para casa - em voos comerciais, como toda a gente voava naquele tempo - e quase todos dormimos no avião, com a ressaca. Estavam vários táxis à nossa espera no

aeroporto. Apertámos mãos e dissemos: “Até ao próximo ano.” Umas atrás das outras, fecharam-se as portas dos táxis, tump, tump, tump.

No seguinte treino da Primavera, em Março, rebentei um joelho. Ia a derrapar para a terceira base, torci o pé, o jogador que intercepta a bola tropeçou por cima de mim e eu senti um estalido como nunca tinha sentido. O médico disse que tinha rasgado os ligamentos laterais anteriores, posteriores e mediais, a lesão mais completa dos joelhos.

Sarei, com o tempo. Voltei a jogar basebol, mas, durante seis anos, não tornei a aproximar-me das Ligas Principais, por muito que treinasse e achasse que estava a jogar bem. Era como se a magia tivesse desaparecido em mim. A única prova que tinha dos meus tempos na Liga Principal era o jornal com os resultados de 1973 e o meu cartão de basebol, com uma fotografia de taco na mão, com ar sério, o nome em maiúsculas e o cheiro persistente a pastilha elástica. A empresa mandou-me duas caixas desses cartões. Mandeí uma ao meu pai e fiquei com a outra.

Chamam “chávena de café” a uma estada curta no mundo do basebol. Foi o meu caso, mas foi uma chávena de café na melhor mesa do melhor sítio da cidade.

O que, como é óbvio, era bom e era mau.

Compreendem, nessas seis semanas com os Piratas, senti-me mais vivo do que alguma vez me senti antes ou depois. A fama fizera-me sentir imortal. Tinha saudades do enorme vestiário alcatifado com cacifos, de andar nos aeroportos com os meus colegas de equipa, com os olhos dos fãs postos em nós. Tinha saudades das multidões nos estádios gigantescos, das luzes dos flashes das máquinas fotográficas, do rugido das claques e da grandeza da coisa toda. Tinha amargas saudades de tudo isso e o meu pai também. Partilhávamos a sede do regresso, sem palavras, mas inegável.

Assim, continuei agarrado ao basebol muito depois da altura em que devia ter saído. Passei de liga menor a liga menor, continuando a acreditar, como todos os atletas, que seria o primeiro a vencer o processo de envelhecimento. Arrastei Catherine comigo pelo país

fora. Tínhamos casa em Portland, Jacksonville, Albuquerque, Fayetteville e Omaha. Durante a sua gravidez, mudou três vezes de médico.

Maria acabou por nascer em Pawtucket, em Rhode Island, duas horas depois de um jogo a que foram assistir talvez oitenta pessoas, antes de a chuva as afugentar. Tive que esperar por um táxi para chegar ao hospital, onde apareci quase tão molhado como a minha filha quando veio ao mundo.

Deixei o baseball pouco depois disso.

Nada do que tentei fazer lhe chegou aos calcanhares. Tentei o meu próprio negócio, que só me fez perder dinheiro. Procurei trabalho como treinador, mas não encontrei. Um tipo qualquer acabou por me arranjar um emprego como vendedor. A sua empresa fazia garrafas de plástico para produtos alimentares e farmacêuticos e eu aceitei o trabalho. Era muito aborrecido. As horas eram tediosas e, pior ainda, só me deram o emprego por acharem que podia contar histórias de baseball e talvez fechar um negócio no calor desportivo de uma conversa entre homens.

É engraçado. Uma vez, conheci um homem que praticava alpinismo e perguntei-lhe o que era mais difícil, se subir ou descer. Sem qualquer dúvida, respondeu que era descer, porque ao subir a concentração em atingir o cume era tão forte que se evitavam os erros.

“O lado de trás de uma montanha é uma luta contra a natureza humana”, dizia. “É preciso ter tanto cuidado na descida, como na subida.”

Podia falar durante imenso tempo sobre a minha vida depois do baseball. Mas aquela frase resume-o bem.

Não me surpreendeu o facto de o meu pai ter desaparecido juntamente com a minha carreira desportiva. Ah, veio ver a bebé algumas vezes, mas não se revelou muito entusiasmado com a neta, como eu esperava. Cada vez tinha menos sobre o que falar. Vendeu as suas lojas de bebidas e comprou metade de uma sociedade de distribuição, que lhe pagava as contas sem grande trabalho. Tem piada, mesmo quando precisei muito, ele nunca me ofereceu um

emprego. Creio que tinha gasto muito tempo a tentar tornar-me diferente para me permitir ser igual.

Também não tinha importância. O basebol era o nosso território comum e, sem ele, andávamos à deriva como dois barcos sem remos, levados pela corrente. Comprou um condomínio nos subúrbios de Pittsburg, entrou num clube de golfe, arranjou uma dose leve de diabetes e aprendeu a fazer dieta e a dar injeções a si próprio.

Com a mesma facilidade com que apareceu debaixo daqueles cinzentos céus da universidade, assim se deixou escorregar para uma ausência nebulosa, com o telefonema ocasional e o cartão das Boas-Festas.

Quererão perguntar se alguma vez me falou do que acontecera entre ele e a minha mãe. Mas não. A única coisa que referiu foi que “as coisas não resultaram entre nós”. Quando insisti, acrescentou: “Não podes compreender.” O pior que disse sobre a minha mãe foi “é uma grande teimosa”.

Parecia que tinham um pacto de nunca falar sobre o que os tinha afastado um do outro. Mas coloquei a mesma pergunta aos dois e só o meu pai é que baixava os olhos ao responder.

A Segunda Visita Termina

- POSEY - SUSSURROU A MENINA Thelma -, vou aparecer com os meus netos para um feitiço.

Tinha muito melhor aspecto do que no dia em que batera à porta da minha mãe, com a pele do rosto lisa e os olhos e o cabelo cuidadosamente arranjados. A minha mãe tinha-lhe descolorado o cabelo laranja e, pela primeira vez, percebi que a menina Thelma era bastante atraente e que devia ter sido uma brasa quando jovem.

A minha mãe deu-lhe um beijo no rosto, fechou o saco e fez-me sinal para a seguir. Passámos pelo hall de entrada, de onde vinha uma rapariguinha com o cabelo às tranças, a bater os pés na nossa direcção.

- Avó? - disse ela. - Estás acordada?

Retrocedi, mas ela passou por nós, sem sequer olhar. Ia um miúdo atrás dela (talvez o irmão?), que estacou à entrada da porta e colocou um dedo nos lábios. Estendi a mão e abanei-a à frente do seu rosto. Nada. Era óbvio que, para ele, éramos invisíveis.

- Mãe - gaguejei. - O que se passa aqui?

Ela estava a olhar para a menina Thelma, cuja neta se encostava à sua cama. Brincavam a um jogo qualquer com as mãos. A minha mãe tinha lágrimas nos olhos.

- A menina Thelma também está a morrer?

- Brevemente - respondeu ela.

Coloquei-me à sua frente.

- Mãe, por favor?

- Ela chamou-me, Charley.

- A menina Thelma? Convocou-te?

- Não, querido. Apareci-lhe no pensamento, só isso. Foi uma ideia. Ela desejou que eu ainda cá estivesse para a ajudar a pôr-se bonita e a parecer menos doente e eu vim.

- Um pensamento? Agora estou perdido - disse eu, olhando para baixo.

A minha mãe aproximou-se, com a voz mais suave.

- Alguma vez sonhaste com alguém que já morreu, Charley e com quem consegues conversar? O mundo em que entras, nesse momento, não é muito diferente daquele em que estou agora.

Pousou uma mão em cima da minha.

- Quando tens alguém no teu coração, essa pessoa nunca desaparece. Pode voltar para ti, mesmo quando não o esperas.

Junto à cama, a miúda brincava com o cabelo da menina Thelma, que sorria e olhava para nós pelo canto do olho.

- Lembras-te da velha senhora Golinski? - perguntou a minha mãe.

Lembrava-me. Era uma paciente no hospital, que tinha uma doença terminal. Estava a morrer. Todos os dias contava à minha mãe as pessoas que a "visitavam". Gente do seu passado, com quem ria e conversava. A minha mãe contava-nos estas coisas à mesa do jantar, como espreitava à porta do quarto e via a velha senhora de

olhos fechados, sorrindo e murmurando uma conversa invisível. O meu pai chamava-lhe “maluca”. Morreu uma semana depois.

- Ela não era maluca - dizia agora a minha mãe.

- Então, a menina Thelma está...

- Perto. - Os olhos da minha mãe semicerraram-se. - É mais fácil falar com os mortos, quando se está lá perto.

Senti um arrepio de frio dos ombros até aos pés.

- Isso quer dizer que eu estou...

Queria dizer “a morrer”. Queria dizer “a desaparecer”.

- Tu és o meu filho - sussurrou ela. - É isso que tu és.

Engoli em seco.

- Quanto tempo tenho?

- Algum - respondeu.

- Não é muito?

- E o que é muito?

- Não sei, mãe. Vou ficar contigo para sempre ou vais desaparecer num minuto?

- Podes encontrar uma coisa verdadeiramente importante num minuto - disse ela.

Subitamente, tudo o que era vidro em casa da menina Thelma explodiu, janelas, espelhos, televisões. Os estilhaços voaram à nossa volta como se estivéssemos no vórtice de um furacão e uma voz do exterior sobrepôs-se, como um trovão.

- CHARLES BENETTO! SEI QUE ME PODE OUVIR! RESPONDA!

- O que é que eu faço? - gritei à minha mãe.

Piscou calmamente os olhos, com os estilhaços a voar à sua volta.

- Isso é contigo, Charley - respondeu.

4

NOITE

A Luz do Sol Esmorece

“QUANDO O CÉU JÁ NÃO PRECISAR DA NOSSA AVÓ, gostávamos de a ter de volta, obrigada”, escreveu a minha filha no livro de honra do funeral da minha mãe, numa pretensão incongruente de uma adolescente. Mas ver a minha mãe outra vez e ouvi-la explicar como funciona o mundo dos “mortos”, e como é chamada pelas memórias que os outros têm de si, faz-me pensar que Maria é capaz de ter alguma razão.

A tempestade de vidro em casa da menina Thelma tinha passado. Tive que fechar os olhos com força para que aquilo parasse. Tinha fragmentos de vidro espetados na pele e tentei tirá-los com a mão, mas mesmo isso implicava um esforço enorme. Encontrava-me sem forças, a desfalecer. Este dia com a minha mãe estava a perder a luz.

- Vou morrer? - perguntei-lhe.
- Não sei, Charley. Só Deus sabe isso.
- Isto é o céu?
- Isto é Pepperville Beach. Não te lembras?
- Se estiver morto... ou se morrer... Posso ficar contigo?

Riu-se.

- Ah, agora já queres ficar comigo.

Pode parecer-vos fria, mas a minha mãe estava apenas a ser a minha mãe, um pouco engraçada, um pouco provocadora, tal como seria se tivéssemos passado este dia juntos, antes de ela morrer.

E também tinha razão, pois muitas vezes preferira não estar com ela. Demasiado ocupado. Demasiado cansado. Não me apetecia. Missa? Não, obrigado. Jantar? Lamento. Aparecer de visita? Não posso, talvez para a semana.

Se contarmos as horas que podíamos ter passado com a nossa mãe, dava para uma vida inteira.

Agora pegou na minha mão. Saímos da menina Thelma e simplesmente caminhamos em frente, enquanto o cenário passava por uma série de aparições breves na vida das pessoas. Reconheci alguns velhos amigos da minha mãe. Uns eram homens de quem mal me lembrava, que a tinham admirado. Um talhante chamado Armando, um fiscal chamado Howard, um relojoeiro de nariz chato chamado Gerhard. A minha mãe passou apenas um momento com cada um, sorrindo ou sentando-se à sua frente.

- Então eles estão a pensar em ti agora? - perguntei.

- Hum, hum - respondeu, acenando.

- Vais a qualquer sítio onde pensam em ti?

- Não, a todos os sítios não.

Aparecemos junto a um homem que olhava para uma janela. E outro, numa cama de hospital.

- São tantos - disse eu.

- São apenas homens, Charley. Homens decentes. Alguns eram viúvos.

- Saíste com eles?

- Não.

- Convidaram-te?

- Muitas vezes.

- Então por que os vais ver agora?

- Ah, acho que isso é a prerrogativa de uma mulher. - Juntou as mãos e tocou no nariz, escondendo um sorriso. - É sempre simpático saber que pensam em nós, sabias?

Estudei o seu rosto. Não havia dúvidas quanto à sua beleza, mesmo depois dos setenta, quando assumira uma elegância mais enrugada, com os olhos azuis-escuros de meia-noite escondidos atrás de óculos, estes prateados como o céu de uma tarde cinzenta. Estes homens tinham olhado para ela como mulher. Eu nunca a vira dessa maneira. Nunca a conhecera por Pauline, o nome dado pelos seus pais, ou como Posey, o nome dado pelos amigos. Só conseguia vê-la a trazer o jantar para a mesa com pegadas de cozinha ou a levar-nos de carro a um sítio qualquer.

- Por que nunca casaste outra vez? - perguntei-lhe.

- Charley - disse ela, estreitando os olhos. - Vá lá...

- Não, a sério. Depois de termos crescido, não te sentiste sozinha? Olhou para longe.

- As vezes. Mas depois tu e Roberta tiveram filhos, o que me deu netos, e tinha as senhoras daqui e, sabes como é, Charley, os anos passam.

Vi-a virar as palmas para cima e sorrir. Tinha-me esquecido da pequena alegria que era ouvir a minha mãe falar de si.

- A vida passa depressa, não passa, Charley?

- Pois passa - murmurei.

- É mesmo uma vergonha, o tempo que desperdiçamos. Pensamos sempre que temos muito.

Pensei na quantidade de dias que entreguei a uma garrafa e nas noites de que não me lembrava. Nas manhãs que passei a dormir. Em todo o tempo passado a fugir de mim próprio.

- Tu lembras-te - começou a rir - de quando te mascarei de múmia, para o Halloween? E quando começou a chover?

Olhei para baixo.

- Arruinaste-me a vida.

Mesmo então, pensei, continuava a culpar alguém.

- Devias jantar qualquer coisa - disse ela.

E, com essa frase, aparecemos de novo na sua cozinha, na mesa redonda, uma última vez. Havia frango frito com beringelas assadas, tudo quente, tudo familiar, pratos que cozinhou centenas de vezes para mim e para a minha irmã. Ao contrário da sensação de pânico que senti da outra vez, agora estava agitado e irrequieto, como se soubesse que alguma coisa má estava para acontecer.

- Fala-me da tua família - pedi eu.

- Charley - disse -, já te contei isso tudo.

A minha cabeça latejava.

- Conta-me outra vez.

E ela contou. Falou dos seus pais, ambos emigrantes, que morreram antes de eu ter nascido. Falou dos seus dois tios e de uma tia maluca, que se recusava a falar inglês e que ainda acreditava em maldições de família. Falou-me dos primos, Joe e Eddie, que viviam na outra costa. Normalmente, acompanhava a descrição de cada pessoa com uma pequena piada ("Ela tinha um medo de morte de

cães”, “Ele tentou alistar-se na marinha aos quinze anos”). Nesse momento, parecia-me muito importante atribuir o nome certo à história certa. A Roberta e eu costumávamos revirar os olhos quando ela começava com estas conversas. Mas, anos depois, a seguir ao funeral, Maria perguntara sobre a família, quem era parente de quem e eu empanquei. Não me lembrava. Um grande pedaço de história morrera com a minha mãe. Nunca se deve perder assim o nosso passado.

Portanto, desta vez ouvi-a com toda a atenção, enquanto ela descrevia cada braço da árvore genealógica, dobrando um dedo cada vez que falava de uma pessoa. Quando finalmente terminou, juntou as mãos e entrelaçou os dedos, tal como as personagens.

- É assim - disse ela, subindo o tom -, é tudo.

- Tenho saudades tuas, mãe.

As palavras caíram-me da boca. Ela sorriu, mas não disse nada. Pareceu considerar a frase e absorver a minha intenção, como se puxasse uma rede de pesca.

Depois, com o Sol a pôr-se no estranho horizonte do estranho mundo em que estávamos, estalou a língua e disse:

- Temos mais uma paragem a fazer, Charley.

O Dia Em Que Ele Quis Voltar

AGORA PRECISO DE VOS CONTAR o último dia em que vi a minha mãe viva e aquilo que fiz.

Aconteceu oito anos antes, na festa dos seus setenta e nove anos. Dizia a brincar que era melhor virem ao seu aniversário, porque a partir do próximo ano, “nunca mais digo a ninguém que faço anos”. Claro que disse o mesmo aos sessenta e nove, aos cinquenta e nove e, quem sabe, aos vinte e nove.

A festa era um almoço em sua casa, num sábado à tarde. Fomos eu, a minha mulher e filha, a minha irmã Roberta e o marido, Elliot, os seus três filhos (a mais nova, Roxanne, agora com cinco anos, andava de sapatilhas de ballet para todo o lado), mais vinte e tal pessoas do bairro, incluindo as velhas senhoras a quem a minha mãe lavava e penteava o cabelo. Muitas delas não estavam muito

bem de saúde, uma até veio de cadeira de rodas. Mesmo assim, estavam todas de cabelo arranjado e com laca, como se usassem capacetes, e eu até pensei se a minha mãe não teria organizado aquela festa só para elas se poderem mostrar todas aperaltadas.

- Quero que a avó me maquilhe, está bem? - disse Maria, aos pulos no seu corpo de catorze anos, ainda folgazão e esquisito.

- Porquê? - perguntei.

- Porque eu quero. Ela disse que se tu deixasses, ela fazia.

Olhei para Catherine, que encolheu os ombros. Maria beliscou-me o braço.

- Por favor, por favor, por favor, por favor?

Já referi como a minha vida se tornou um vazio depois do basebol. Devo dizer que a exceção a tudo isso era Maria, onde eu encontrava as maiores alegrias. Tentei ser um pai decente. Tentei prestar atenção às coisas pequenas. Limpei-lhe o ketchup do queixo depois de comer batatas fritas. Ajudei-a nos problemas de matemática, sentado numa pequena secretária ao seu lado, de lápis na mão. Mandeí-a subir para o quarto quando, com onze anos, me apareceu na sala de corpete. E estava sempre pronto para lhe atirar bolas ou levá-la ao ginásio local para as aulas de natação, feliz por mantê-la Maria-rapaz o mais tempo possível.

Mais tarde, depois de ter saído da sua vida, soube que escrevia sobre desporto para um jornal universitário. Nessa mistura de palavras e atletismo, realizei como os nossos pais passam para os nossos filhos através de nós, quer queiramos ou não.

A festa continuava com o barulho dos pratos e da música a tocar. A sala era uma algazarra de várias conversas. A minha mãe leu alto os cartões de parabéns, como se fossem telegramas de dignitários estrangeiros, mesmo os mais pirosos, com aguarelas de coelhos na frente e frases como "pensei em dar um pulo para dizer... que espero que o teu aniversário seja um verdadeiro estrondo"! Quando acabava de ler, virava o cartão para toda a gente e depois soprava um beijo para o remetente: Smack!

O telefone tocou mesmo antes do bolo e dos presentes e logo a seguir à leitura dos cartões. Em casa da minha mãe, o telefone tocava durante imenso tempo, porque ela não apressava o que

estava a fazer para o ir atender. Acabava de aspirar o último canto da casa ou lavar a última janela e só depois pegava no telefone.

Como ninguém se mexeu, fui eu atender o telefone.

Se pudesse viver a minha vida outra vez, tinha-o deixado tocar.

- Está lá? - gritei na barulheira geral.

A minha mãe ainda tinha um telefone Princess. O cabo tinha vinte metros, porque ela gostava de caminhar enquanto falava.

- Está lá? - repeti. Pressionei o aparelho contra o ouvido.

- Está lá?

Estava prestes a desligar quando ouvi um homem clarear a garganta.

- Chick? És tu? - disse o meu pai.

Ao princípio, não respondi. Estava pasmado. Mesmo que o número da minha mãe nunca tivesse mudado, era difícil acreditar que o meu pai o ligasse. A sua partida desta casa fora tão súbita e destruidora que ouvir a sua voz lembrava um homem a entrar num edifício queimado.

- Sim, sou eu - sussurrei.

- Tenho tentado encontrar-te. Liguei-te para casa e para o escritório, e achei que talvez estivesses aí.

- São os anos da mãe.

- Pois são.

- Querias falar com ela?

Precipitei-me naquela frase. Imaginei o meu pai a revirar os olhos.

- Chick, estive a falar com o Pete Garner.

- Pete Garner.

- Dos Piratas.

- Ah, sim?

Afastei-me dos convidados com o telefone. Ao tapar o bocal com a mão livre, olhei de soslaio para as velhotas sentadas no sofá, a comer salada de atum em pratos de papel.

- Organizaram aquele jogo de Veteranos, não foi? - contou o meu pai. - E o Pete disse-me que o Freddie Gonzalez desistiu, por causa de papelada.

- Não percebo porquê.

- Não têm tempo de tratar de um substituto e eu disse-lhe: "Olha, o Chick anda por aí."

- Pai, eu não ando por aí.

- Mas podes andar. Ele não sabe onde andas.

- Um jogo de veteranos?

- E ele respondeu: "Ah, é? O Chick?" Eu disse: "Pois, e está em boa forma."

-Pai...

- E o Pete disse... -Pai...

Já sabia onde aquilo ia dar. Soube imediatamente. A única pessoa para quem era mais difícil desistir da minha carreira de basebol do que eu, era o meu pai.

- O Pete diz que te podem pôr nas listas. A única coisa que tens de fazer é...

- Pai, eu só joguei...

- Tens que vir cá.

-... seis semanas nos principais.

- Por volta das dez da manhã.

- Eu só joguei...

- E depois...

- Não se pode entrar num jogo de Veteranos...

- Qual é o teu problema, Chick?

É uma pergunta que detesto. Qual é o teu problema? Não há resposta suficientemente boa, excepto "Eu não tenho problema nenhum", o que obviamente não era verdade.

Suspirei.

- Disseram que me punham nas listas?

- É o que te estou a dizer.

- Para jogar?

- Estás surdo? É o que te estou a dizer.

- E isso é quando?

- Amanhã. Os tipos da organização vão estar cá e...

- Amanhã, pai?

- Amanhã, sim, então?

- É que aqui já são três da tarde.

- Estás no abrigo, conheces estes tipos e metes conversa.

- Conheço quem?
- Seja quem for. Anderson. Molina. Mike Junez, o treinador, o tipo careca? Fazes questão de te encontrares com eles. Começas a conversar, nunca se sabe.

- O quê?
- Aparece qualquer coisa, um lugar de treinador, instrutor de lançamento, qualquer coisa nas ligas menores. Metes um pé na porta.

- Por que é que haviam de me querer?
- É assim que estas coisas...
- Não toco num taco há...
- Mas acontece, é assim que as coisas acontecem. Metes um pé na porta.

- Mas eu...
- É importante conhecer as pessoas certas, quando surgem trabalhos destes.

- Pai, eu já tenho um emprego.
Pausa. O meu pai conseguia magoar mais com o silêncio do que qualquer outra pessoa.

- Olha - disse ele, expirando. - Eu arranjei-te uma aberta. Queres isto ou não?

A voz mudara para a de um lutador agressivo a erguer os punhos, varrendo a minha existência actual tão rapidamente como eu gostaria de poder fazer. Fez-me recuar e, é claro, quando recuamos, perdemos a luta.

- Mexe esse traseiro e vem cá ter, está bem? - disse ele.
- É o aniversário da mãe.
- Amanhã não é.
- Pois, amanhã não é.

Ao recordar aquela conversa, gostaria de ter perguntado muitas coisas. Importou-se minimamente com o facto de a sua ex-mulher fazer anos? Quis saber como ela se sentia? Quem é que lá estava? Como estava a casa? Se ela alguma vez pensava nele? Com afecto? Com rancor? De todo?

Há muitas coisas que desejei ter-lhe perguntado. Em vez disso, disse que depois lhe falaria e desliguei o telefone. E deixei que a

aberta que o meu pai me “arranjara” ficasse a rodopiar na minha cabeça.

Pensei nela enquanto a minha mãe cortava o bolo de baunilha em fatias e as colocava em pratos de papel e enquanto abria os presentes. Pensei, enquanto posávamos com ela para uma fotografia, eu, Catherine e Maria, com os olhos cobertos de uma sombra roxa, e enquanto Edith, uma amiga da minha mãe, segurava na máquina e dizia: “L/m, dois... ai, espera, não percebo esta coisa.”

Mesmo enquanto mantínhamos os sorrisos forçados, eu só pensava no balanço do meu taco.

Tentei focalizar-me e embrulhar a festa de anos da minha mãe à minha volta, mas o meu pai, ladrão de várias formas, roubou a minha concentração. Antes que os pratos de papel fossem distribuídos, já eu estava ao telefone na cave, a marcar o último voo da noite.

A minha mãe costumava começar as frases por “Sê um bom rapaz...”, como em “Sê um bom rapaz e leva o lixo para a rua”, ou “Sê um bom rapaz e vai à loja comprar...”. Com um só telefonema, o bom rapaz que ali chegara tinha sido pulverizado e surgira outro no seu lugar.

Tive que mentir a toda a gente na festa, o que não foi difícil. Eu tinha um transmissor de mensagens do trabalho, para onde liguei do telefone da cave, antes de subir rapidamente as escadas. Quando tocou, em frente de Catherine, fingi ficar incomodado, resmungando com um “até a um sábado me chateiam”.

Fingi a chamada que fiz e o desânimo que senti. Inventei uma história sobre um cliente que só podia reunir comigo no domingo, não era horrível?

- Mas eles não podem esperar? - perguntou a minha mãe.
- Eu sei, é ridículo - respondi.
- Mas amanhã temos o nosso brunch.
- O que é que vocês querem que eu faça?
- Não lhes podes ligar outra vez?
- Não, mãe, não posso.

Olhou para baixo. Eu suspirei. Quando mais defendemos uma mentira, mais zangados ficamos.

Uma hora depois, chegou o táxi. Agarrei no meu saco. Abracei Catherine e Maria, que forçaram sorrisos que mais pareciam caretas. Despedi-me por alto dos convidados e o grupo respondeu: "Até logo... adeus... boa sorte..."

Por último, ouvi a voz da minha mãe, sobreposta à das outras pessoas:

- Amo-te, Char...

A porta do carro cortou a frase ao meio.

E nunca mais a vi.

As Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu

- Mas o que é que tu percebes sobre gerir um restaurante? - diz a minha mulher.

- É um bar de desporto - respondo.

Estamos sentados à mesa de jantar. A minha mãe também está presente, a brincar ao cu-cu com a pequena Maria. Isto passa-se depois de já ter abandonado o baseball. Tenho um amigo que quer associar-se comigo num novo negócio.

- Mas não é difícil gerir um bar? - pergunta Catherine. - Não há coisas que precisas de saber?

- Dessas coisas sabe ele - digo eu.

A minha mãe pega nas mãos de Maria e atira-as para cima e para baixo.

- Terias que trabalhar à noite, Charley? - pergunta ela.

- O quê?

- Noites. Terias que trabalhar à noite?

- Eu sou o investidor, mãe. Não vou servir à mesa.

- E imenso dinheiro - diz Catherine.

- Se não se investe dinheiro, não se ganha dinheiro - digo eu.

- Não há mais nada, além disto? - diz Catherine.

Respiro fundo e ruidosamente. Na verdade, não sei que mais há. No desporto, treinamos a mente para não pensar em mais nada. Não me imagino atrás de uma secretária. Isto é um bar. Eu percebo de bares. Nesta altura, já adquiri dependência ao álcool como parte da minha existência diária e confesso que, secretamente, sinto

algun apelo em tê-lo tão à mão. Além disso, a coisa tem a palavra “desporto” incluída.

- Onde é? - pergunta a minha mãe.
- A cerca de meia hora daqui.
- Quantas vezes terias que lá ir?
- Não sei.
- Mas não à noite?
- Por que é que estás sempre a perguntar sobre as noites?

Ela agita os dedos à frente de Maria.

- Tens uma filha, Charley.

Sacudo a cabeça.

- Eu sei, mãe, está bem?

Catherine levanta-se e leva os pratos da mesa.

- Tenho receio disto, apenas. Estou só a ser sincera contigo.

Vou-me abaixo. Fixo o olhar no chão. Quando levanto os olhos, a minha mãe está a olhar para mim. Põe um dedo debaixo do queixo e levanta-o ligeiramente, dizendo, à sua maneira, que devia fazer o mesmo.

- Sabes o que penso? - anuncia ela. - Acho que na vida é preciso experimentar as coisas. Isto é algo em que acreditas, Charley?

Abano a cabeça afirmativamente.

- Acreditar, trabalhar no duro e com amor. Se tiveres tudo isso, podes fazer qualquer coisa.

Sento-me direito. A minha mulher encolhe os ombros. A minha disposição muda, as probabilidades sobem.

Poucos meses depois, abre o bar de desporto.

Dois anos depois, fecha.

Aparentemente, são precisas mais coisas do que aquelas. Se não no mundo dela, pelo menos no meu.

O Jogo

Na VÉSPERA do jogo dos veteranos, fiquei num belo hotel do tipo faroeste, o que me recordou os tempos em que jogava e as viagens que fazia. Não conseguia dormir, a pensar no número de pessoas que iria estar no campo de baseball e se seria capaz de acertar na

bola. Às 5 h 30 m da manhã, levantei-me da cama e tentei fazer uns alongamentos. Tinha a luz vermelha do telefone a piscar. Liguei para a recepção, que deixou o telefone tocar pelo menos vinte vezes.

- Tenho a luz das mensagens acesa - disse eu, quando finalmente alguém atendeu.

- Um segundo... - resmungou a voz. - Sim, está aqui um pacote para si.

Fui lá abaixo. O recepcionista entregou-me uma velha caixa de sapatos, com uma etiqueta com o meu nome em cima e bocejou. Abri a caixa.

As minhas chuteiras de pitons.

Pelos vistos, o meu pai guardara-as estes anos todos. Deve ter passado a deixá-las a uma hora qualquer da noite e nem ligou para o quarto. Procurei um bilhete, mas a caixa não tinha mais nada. Só os sapatos, com os velhos riscos todos.

Cheguei ao campo cedo. Por hábito, o táxi deixou-me junto à entrada dos jogadores, mas o empregado da porta dirigiu-me para a entrada dos empregados, por onde entram os vendedores de cerveja e de cachorros-quentes. O estádio estava vazio e as alas cheiravam a gordura de salsicha. Regressar a estes sítios era uma coisa estranha. Durante tantos anos, desejava muito voltar a lá entrar como jogador. Agora fazia parte de uma promoção, o dia dos veteranos, um ensejo de nostalgia grátis, um modo de vender bilhetes, como no dia do capitão, o dia da bola ou do fogo-de-artifício.

Encontrei o caminho para uma sala de cacifos auxiliar, onde devíamos mudar de roupa. Um funcionário à porta verificou o meu nome numa lista e deu-me um equipamento para vestir.

- Onde posso...?

- Em qualquer sítio, ali - respondeu, apontando para uma fila de cacifos metálicos, pintados de azul.

Estavam dois tipos de cabelo branco a conversar a um canto. Acenaram com o queixo à laia de cumprimento, sem interromper a conversa. Senti-me deslocado, como se tivesse ido a uma reunião de alunos do liceu, mas da turma de outra pessoa. Mas também só

tinha estado seis semanas nas Ligas Principais. Não tinha feito propriamente amigos para a vida.

O meu equipamento tinha o nome "Benetto" cosido nas costas, embora com uma observação minuciosa, se pudesse ver que o tecido estava descolorado por outro nome que lá esteve antes. Enfieei a camisola e sacudi os braços pelas mangas adentro.

Quando me aprontei, virei-me e vi Willie "Bomber" Jackson a uns metros de mim.

Toda a gente conhecia Jackson. Era um lançador formidável, famoso quer pela força, quer pela arrogância no plate. Uma vez, no meio de um desempate, apontou o taco para a vedação do campo da direita, deu sinal de bater e conseguiu um espectacular home-run. Para ser imortalizado, basta fazer uma coisa destas uma vez na vida, dadas as repetições que passam na televisão. E ele foi.

Agora estava sentado no banco ao meu lado. Nunca joguei com Jackson. Ele estava atarracado, quase insuflado no seu fato de treino azul, mas continuava com um certo ar de magnificência. Acenou-me com a cabeça e eu retribuí.

- Tudo bem? - disse ele.

- Chick Benetto - disse eu, estendendo a mão.

Apertou-me os dedos e sacudiu-os. Nunca se apresentou. Era implícito que não precisava de o fazer.

- Então, Chuck, o que andas a fazer agora?

Não o corrigi. Respondi que estava no marketing.

- E tu? - perguntei eu. - Continuas a comentar jogos?

- Hum, hum, um pouco. A maior parte do tempo, faço investimentos.

Acenei.

- Boa. Pois. Óptima opção, investimentos.

- Fundos mútuos - disse ele. - Alguns seguros, trusts individuais, coisas assim. Mas principalmente mútuos.

Anui outra vez. Comecei a sentir-me estúpido naquele equipamento.

- Estás no mercado? - perguntou.

Abanei a mão.

- Sabes, aqui e ali. - Era mentira. Não estava nem aqui, nem ali, no mercado.

Analisou-me com o olhar, movendo o queixo.

- Bem, vejamos, talvez te possa encaixar.

Por momentos, houve ali qualquer coisa, com o famoso Jackson a querer encaixar-me e, mentalmente, comecei a inventar dinheiro que não tinha. Quando meteu a mão no bolso, supostamente para tirar um cartão profissional, alguém gritou "Jackson, seu rabo gordo!" e virámo-nos os dois. Ali estava Spike Alexander e abraçaram-se com tanta força que quase caíram para cima de mim. Tive que sair do caminho.

Passado um minuto, estavam no meio da sala, rodeados de imensa gente, e assim terminou o meu tempo nos fundos mútuos.

O jogo dos veteranos era uma hora antes do jogo principal, o que significava que as bancadas estavam praticamente vazias quando começámos a jogar. Tocou um órgão. O locutor da PA deu as boas-vindas à escassa multidão e apresentou-nos por ordem alfabética, começando por um jogador do campo exterior chamado Rusty Allenback, que jogara nos anos quarenta, seguido de Benny "Bobo" Barbosa, um jogador muito popular dos anos sessenta, detentor de um sorriso enorme e rasgado. Correu pelo campo, a acenar. Os fãs ainda batiam palmas quando o meu nome foi anunciado. "Da gloriosa equipa vencedora de 1973..." e depois de uma pausa de antecipação, "... o apanhador Charles "Chick" Benetto" e o volume da ovação caiu, com o entusiasmo a decrescer para uma simples educação.

Saí a correr do abrigo e quase atrolei as pernas de Barbosa, tentando chegar ao meu lugar antes que o aplauso morresse, para evitar o silêncio embaraçoso em que se ouve o som dos próprios sapatos na areia grossa. Algures no público estava o meu velho, embora, quando o descobri, tivesse os braços cruzados. Nada de claques da equipa da casa.

E, depois, o próprio jogo. O abrigo parecia uma estação de metropolitano, com toda a gente a entrar e a sair, a pegar nos tacos aos encontrões e as chuteiras de pitons a raspar no chão de betão. Ape-tecia-me imenso ter apenas uma boa bola, o que seria

suficiente porque, a partir do terceiro lançamento já me ardiam as coxas, por ficar agachado depois de tantos anos. Tentei passar o meu peso de uma perna para a outra, até que um lançador, um tipo alto e com pêlos nos braços chamado Teddy Slaughter, me disse: “Eh, pá, queres parar de dançar, aí atrás?”

Para a multidão que começava a chegar, creio que aquilo parecia baseball. Oito jogadores no campo, um lançador, um apanhador e um árbitro vestido de preto. Mas estávamos longe da dança fluida e poderosa do nosso tempo. Agora éramos lentos, desajeitados. Os nossos lances eram pesados e atirávamos as bolas altas e curvas, com ar a mais entre elas.

No abrigo, sentavam-se homens de barriga que haviam claramente sucumbido ao processo de envelhecimento e que diziam piadas como “céus, alguém me traga oxigénio}”. Ainda existiam alguns que levavam todos os jogos a sério. Sentei-me junto a um porto-rique-nho com sessenta anos, no mínimo, que cuspiu constantemente tabaco para o chão e murmurava “vá, meus queridos, vá...”

Quando chegou a minha vez de bater na bola, o estádio estava apenas meio cheio. Balancei o taco algumas vezes para aquecer e dirigi-me à box do batedor. O sol escondeu-se atrás de uma nuvem. Ouvi a lengalenga de um vendedor. Senti o suor no pescoço. Alternei o peso nos pés. Mesmo tendo feito o mesmo um milhão de vezes na minha vida - apertar o taco nas mãos, levantar os ombros, cerrar os maxilares, estreitar o olhar - tinha o coração acelerado. Acho que só queria sobreviver mais uns segundos. O primeiro lance veio e deixei-o passar. O árbitro gritou “Bola Um!” e apeteceu-me agradecer-lhe.

Alguma vez já pensaram, quando alguma coisa está a acontecer, no que está a acontecer noutro sítio qualquer? Depois do divórcio, a minha mãe sentava-se no alpendre ao pôr-do-sol, a fumar um cigarro e dizia: “Charley, neste momento, enquanto o Sol se põe aqui, está a nascer noutro lugar no mundo, na China ou na Austrália, ou noutro sítio qualquer. Podes ir ver à Enciclopédia.”

Soprava o fumo e ficava a olhar para a fila dos jardins quadrados das traseiras, com os estendais de roupa e baloiços para crianças.

“É um mundo tão grande”, dizia ela, sonhadora. “Está sempre a acontecer uma coisa qualquer, em algum sítio.”

Nisso tinha razão. Alguma coisa está sempre a acontecer, em algum lugar. Quando estava na plateia daquele jogo de veteranos, de olhar fixo no lançador de cabelos grisalhos, quando ele atirou o que já foi a sua bola rápida, mas que agora era apenas um lançamento a flutuar em direcção ao meu peito; quando balancei o taco, bati e ouvi o *twock* familiar, o atirei ao chão e comecei a correr, convencido que fizera uma coisa fabulosa e esquecendo as velhas juntas, os braços e pernas, que já não tinham a força de antigamente; quando me esqueci que as paredes ficam mais longe à medida que se envelhece; quando olhei para cima e vi que o que pensei ter sido uma batida sólida, talvez um *home-run*, a descer logo depois do campo interior em direcção à luva da segunda base; o que aconteceu foi um rebentar de bolha, um fogo-de-artifício molhado, um fracasso e uma voz na minha cabeça que gritava: “Larga! Deixa-te disso!”; enquanto o apanhador da segunda base apertava a luva em redor da minha oferenda final a este jogo enlouquecido; enquanto tudo isto acontecia, outra coisa acontecia à minha mãe em Pepperville Beach, tal como ela um dia me fizera notar.

O seu rádio tocava músicas de orquestra, bem alto. As almofadas tinham sido batidas e arrumadas. O seu corpo estava encarquilhado como o de uma boneca partida, no chão do quarto, onde fora à procura dos seus novos óculos vermelhos e onde sucumbiu.

Um ataque cardíaco fulminante.

Estava a respirar pela última vez.

QUANDO O JOGO DOS VETERANOS terminou, saímos pelo túnel, onde nos cruzámos com os outros jogadores. Medimo-nos reciprocamente. Eles eram jovens de pele lisa, nós éramos gordos e carecas. Acenei a um tipo musculoso com uma máscara de apanhador. Era como ver-me a mim próprio a sair, ao mesmo tempo que entrava.

Na sala dos *cacifos*, arrumei rapidamente as minhas coisas. Alguns tomaram duche, mas parecia uma parvoíce, pois não tínhamos

suado assim tanto. Dobrei a camisola do equipamento e guardei-a como recordação. Fechei o saco e sentei-me alguns minutos, já vestido, mas depois achei que não valia muito a pena.

Saí pelo mesmo caminho por onde entrara, pela porta dos empregados. Lá estava o meu pai, a fumar um cigarro e a olhar para o céu. Pareceu surpreendido por me ver.

- Obrigado pelas chuteiras - disse eu, com os sapatos na mão.

- O que estás a fazer aqui fora? - perguntou, irritado. - Não tens ninguém com quem falar lá dentro?

Saiu-me um suspiro sarcástico.

- Não sei, pai, acho que vim cá fora dizer-te olá. Não te vejo aí há dois anos.

- Jesus! - abanou a cabeça com desprezo. - Como é que voltas para o baseball, a conversar comigo?

Chick Descobre Que a Mãe Morreu

- Está lá?

A voz da minha mulher era trémula e perturbada.

- Olá, sou eu - disse eu. - Desculpa, eu...

- Oh, Chick, não sabíamos para onde te ligar.

Eu tinha as minhas mentiras prontas, o cliente, a reunião, tudo isso, mas caíram todas como tijolos.

- O que se passa? - perguntei.

- A tua mãe. Oh, meu Deus, Chick. Onde estavas tu? Não sabíamos...

- O quê? O quê?

Começou a soluçar, sem fôlego.

- Diz-me - disse eu. - O que foi?

- Teve um ataque de coração. A Maria encontrou-a.

- O quê?

- A tua mãe... morreu.

Espero que nunca ouçam essas palavras. A tua mãe. Morreu. São diferentes das outras palavras e grandes de mais para os nossos ouvidos. Pertencem a uma linguagem estranha, pesada e intensa, que martela a nossa cabeça de lado, uma bola de pedra que nos

acerta vez após vez, até que conseguem abrir um buraco de tamanho suficiente para caber no cérebro. Dessa forma, conseguem dividir-nos ao meio.

- Onde?

- Em casa.

Subitamente, os pormenores pareciam muito importantes. Eram algo a que me agarrar, uma maneira de me inserir na história.

- Como é que ela...

- Chick - disse Catherine suavemente -, vem para casa, está bem?

Aluguei um carro. Conduzi toda a noite. Conduzi com o meu choque e desgosto no banco de trás e a minha culpa no da frente. Cheguei a Pepperville, mesmo antes de amanhecer. Conduzi até à entrada e desliguei o motor. O céu estava arroxado. O carro cheirava a cerveja. Ali sentado, a observar o nascer do Sol à minha volta, lembrei-me que não tinha telefonado ao meu pai a dizer que a minha mãe tinha morrido. Senti, muito profundamente, que nunca mais o voltaria a ver.

E nunca mais o vi.

Perdi ambos os pais no mesmo dia, um para a vergonha, outro para as sombras.

A Terceira e Última Visita

A MINHA MÃE E Eu CAMINHÁMOS numa cidade que eu nunca tinha visto. Não tinha nada de especial, uma bomba de gasolina num canto e uma loja de conveniência no outro. Os postes de telefone e o tronco das árvores eram da mesma cor de cartão e a maior parte das árvores tinha perdido as folhas.

Parámos defronte de um prédio de tijolo amarelo-claro, com dois andares.

- Onde estamos? - perguntei.

A minha mãe inspeccionou o horizonte. O Sol já se tinha posto.

- Devias ter comido mais ao jantar - disse ela.

Revirei os olhos.

- Vá lá...

- O que foi? Gosto de saber que comeste bem, é só isso. Tens que tomar mais cuidado contigo, Charley.

Na sua expressão, vi aquela antiga montanha inabalável de preocupação. Percebi que, quando olhamos para a nossa mãe, vemos a forma mais pura de amor que existe.

- Gostava que tivéssemos feito isto antes, mãe, sabias?

- Queres dizer, antes de eu ter morrido?

A minha voz ficou hesitante.

- É.

- Eu estava aqui.

- Eu sei.

- Tu andavas ocupado.

Estremeci ao som daquela palavra, que agora parecia tão falsa. Notei uma onda de resignação atravessar o seu rosto. Acredito que, nesse momento, ambos pensámos como as coisas poderiam ter sido diferentes se as pudéssemos tornar a viver.

- Charley - perguntou -, achas que fui boa mãe?

Abri a boca para responder, mas uma luz intensa varreu-a da minha visão. Senti calor no rosto, como se o sol o estivesse a cozer. E, mais uma vez, aquela voz estrondosa:

- CHARLES BENETTO, ABRA OS OLHOS!

Pisquei com força. De repente, estava a vários quarteirões da minha mãe, como se ela tivesse continuado a andar e eu tivesse parado. Pisquei os olhos outra vez. Ela estava ainda mais longe. Já quase não a conseguia ver. Estiquei-me para a frente, os dedos em esforço, os ombros a querer sair das articulações. Tudo rodopiava. Dei por mim a tentar chamá-la, o seu nome a vibrar na minha garganta. Precisei de todas as forças que tive.

E, então, regressou para ao pé de mim, pegou-me na mão, tão calmamente como se nada tivesse acontecido. Deslizámos para onde havíamos estado.

- Mais uma paragem - repetiu ela.

Virou-me na direcção do prédio de tijolos amarelos e instantaneamente encontrámo-nos no seu interior, num apartamento de tecto baixo e carregado de móveis. O quarto era pequeno, com papel de parede cor de abacate e uma pintura de vinhedos

pendurada na parede e uma cruz por cima da cama. A um canto, estava um toucador, por baixo de um espelho enorme, onde se encontrava sentada uma senhora de cabelos escuros, vestida com um robe cor-de-rosa.

Parecia ter à volta de setenta anos, com o seu nariz comprido e estreito e maçãs-de-rosto salientes, numa pele cor de azeitona. Escovou o cabelo devagar, alheada, com o olhar posto na mesinha.

A minha mãe avançou por detrás dela. Não houve cumprimentos. Estendeu as mãos, que se derreteram nas dela, uma segurando a escova e outra seguindo o mesmo movimento com a palma aberta.

A mulher olhou para cima, inspeccionando o seu reflexo no espelho, mas o seu olhar era vago e distante. Acho que estava a ver a minha mãe.

Nenhuma proferiu uma só palavra.

- Mãe, quem é? - disse eu, finalmente.

Ela virou-se para mim, ainda com as mãos no cabelo da mulher.

- É a mulher do teu pai.

As Vezes Em Que Não Defendi a Minha Mãe

Pegue na pá, disse o padre. Disse-o com os olhos. Devia atirar a terra para cima do caixão da minha mãe, que estava meio enterrado no chão. O padre explicou que ela tinha visto este ritual nos funerais judaicos e tinha pedido para ser feito no dela. Achava que ajudava os que ficavam de luto a aceitar que o corpo desaparecera e que deviam recordar o espírito. Quase podia ouvir o meu pai a gozar, dizendo "Posey, acho que estás a inventar à medida que vais falando."

Peguei na pá como uma criança a quem dão uma espingarda. Olhei para a minha irmã, Roberta, que usava um véu preto a cobrir o rosto e que parecia francamente abalada. Olhei para a minha mulher, que olhava para os pés, com lágrimas a deslizar pelo rosto e a mão direita a fazer festas ritmadas no cabelo da nossa filha. Apenas Maria olhava para mim. E os seus olhos diziam: "Não faças isso, pai. Devolve-a."

No baseball, um jogador sabe quando tem nas mãos o seu próprio taco ou o de outra pessoa e era assim que me sentia com aquela pá. Era de outra pessoa. Não me pertencia a mim. Pertencia a um filho que não mentia à mãe. Pertencia a um filho cujas últimas palavras não tivessem sido de raiva e que não tivesse fugido para satisfazer o último capricho do seu pai distante, que, para não fugir ao hábito, não esteve presente nesta reunião de família, pois decidira: “É melhor não ir, para não perturbar ninguém.”

Esse filho teria lá passado o fim-de-semana, dormindo com a mulher no quarto de hóspedes e almoçando um brunch de domingo com a família. Teria estado presente quando a mãe sucumbira. Esse filho talvez a tivesse salvo.

Esse filho não estava lá.

Este filho engoliu em seco e fez o que lhe mandaram: atirou terra para o caixão. Aterrou toda espalhada, com uns torrões mais grossos a ressoarem na madeira polida. Mesmo tendo sido ideia sua, ouvia a minha mãe dizer: “Oh, Charley, como pudeste?”

Tudo Explicado

Ela é a mulher do teu pai.

Como explicar aquela frase? Eu não consigo. Só vos posso dizer o que o espírito da minha mãe me disse, naquele estranho apartamento com pinturas de vinhedos na parede.

- É a esposa do teu pai. Conheceram-se durante a guerra, quando o teu pai estava colocado em Itália. Isso contou-te, não contou?

Muitas vezes. Itália, no final de 1944. As montanhas apeninas e o vale do Pó, perto de Bolonha.

- Ela vivia lá, numa aldeia, era pobre. Ele era um soldado. Sabes como são essas coisas. Nesses tempos, o teu pai era muito... não sei a palavra, audaz?

A minha mãe olhou para as mãos, que continuavam a pentear o cabelo da mulher.

- Achas que ela é bonita, Charley? Eu sempre achei que sim. Ainda agora é. Não achas?

Tinha a cabeça a rodar.

- O que queres dizer, a mulher dele? A mulher dele és tu.

Anuiu lentamente.

- Sim, era.

- Não podes ter duas mulheres.

- Não - sussurrou ela. - Tens razão, não podes.

A mulher fungou, com os olhos vermelhos e cansados. Não deu por mim, mas parecia ouvir a minha mãe a falar.

- Acho que o teu pai se assustou com a guerra. Não sabia quanto tempo ia durar. Morreram muitos homens naquelas montanhas. Talvez ela lhe tenha transmitido segurança ou ele tenha pensado que não iria regressar a casa. Quem sabe? Precisamos sempre de um plano. Era o que o teu pai dizia sempre: "Arranja um plano. Arranja um plano."

- Não compreendo. O pai escreveu-te aquela carta.

- Sim.

- Ele pediu-te em casamento. Tu aceitaste.

Ela suspirou.

- Quando percebeu que a guerra ia acabar, acho que quis outro plano, o seu velho plano, comigo. Quando se deixa de viver em perigo, Charley, as coisas mudam. - Levantou o cabelo dos ombros da mulher. - E ele deixou-a em Itália.

Fez uma pausa.

- O teu pai tinha um talento especial para fazer isso.

Abanei a cabeça:

- Mas porque é que tu...

- Ele nunca me contou, Charley. Nunca contou a ninguém. Mas tornou a encontrá-la, de alguma forma, ao fim de alguns anos, ou ela encontrou-o a ele e, eventualmente, acabou por trazê-la para a América. Construiu uma outra vida, até comprou uma segunda casa, em Collingswood, onde arranjou a loja nova, lembras-te?

A mulher pousou a escova. A minha mãe recolheu as mãos e entrelaçou os dedos debaixo do queixo.

- Era o ziti dela que o teu pai sempre quis que eu cozinhasse - suspirou ela. - Por algum motivo, foi uma coisa que sempre me incomodou.

Depois contou-me o resto da história e como tinha descoberto tudo. Uma vez perguntou porque é que nunca tinham recebido uma conta de um hotel em Collingswood e ele respondeu que pagava em dinheiro, o que a deixou desconfiada. Numa sexta-feira à noite, arranjou uma baby-sitter e conduziu nervosamente até Collingswood, onde percorreu as ruas todas até que viu o Buick parado à frente de uma casa estranha, e rebentou em lágrimas.

- Fiquei a tremer, Charley. Tive que forçar as pernas a cada passo. Agachei-me atrás de uma janela e espreitei. Estavam a jantar. O teu pai tinha a camisa desabotoada e a camisola interior à vista, como sempre fez connosco. Tinha a comida à frente e estava sem pressas, relaxado, como se vivesse ali, a passar o prato àquela mulher e...

Parou.

- Tens a certeza que queres saber isto?

Acenei vagamente.

- O filho deles.

- O que...?

- Tinha poucos mais anos do que tu.

- Um... rapaz?

Fugiu-me a voz.

- Tenho muita pena, Charley.

Senti-me estonteado, como se fosse cair para trás. Até agora, tenho dificuldade em falar disto. O meu pai, que exigira a minha devoção, a minha lealdade à sua equipa, à nossa equipa, aos homens da família. E tinha outro filho?

- Ele jogava basebol? - sussurrei.

A minha mãe olhou para mim em desalento.

- Charley - disse, quase a chorar -, não sei mesmo.

A mulher de robe abriu uma gaveta pequena, de onde retirou alguns papéis e começou a folheá-los. Seria mesmo quem a minha mãe dizia? Parecia italiana e a idade batia certo. Tentei imaginar o meu pai a conhecê-la e como seriam, juntos. Não fazia a menor ideia da sua existência ou da deste apartamento, mas senti a presença do meu velho em toda a sala.

- Nessa noite voltei para casa, Charley - contou a minha mãe - e sentei-me no murete da entrada. Esperei. Não queria que ele

subisse o passeio para entrar em casa. Voltou depois da meia-noite e nunca esquecerei o seu olhar, quando os faróis incidiram em cima de mim. Acho que, nesse instante, ele soube que tinha sido descoberto.

“Entrei no carro e pedi-lhe que fechasse as janelas. Não queria que ninguém me ouvisse. E explodi. Explodi de tal maneira que ele não conseguiu mentir e, finalmente, admitiu quem ela era, onde se tinham conhecido e o que tentava fazer. A minha cabeça estava às voltas e doía-me tanto o estômago que não conseguia sentar-me direita. Esperamos muitas coisas do casamento, Charley, mas quem é que consegue ver-se substituída desta maneira?

Virou-se para a parede, com o olhar perdido nos vinhedos.

- Acho que só caí em mim uns meses depois. Dentro daquele carro, estava completamente furiosa e de coração despedaçado. Jurou que estava arrependido. Jurou que não sabia do seu outro filho e que, quando soube que existia, se sentiu na obrigação de fazer alguma coisa. Eu não sei o que era verdade e o que não era. Mesmo no meio de gritos, o teu pai tinha sempre resposta para tudo.

“Mas nada disso importava. Era o fim. Não vês? Eu podia ter-lhe perdoado quase tudo em relação a mim, mas aquilo também era uma traição a ti e à tua irmã.

Virou-se para mim.

- Somos uma família, Charley. Para o bem e para o mal. Somos uma família. Não se podem fazer trocas. Não se pode mentir. Não se pode andar de uma para a outra, a substituí-las.

“Manter-se na família é que faz com que seja uma família.”

Suspirou.

- Portanto, tive que tomar uma decisão.

Tentei imaginar aquele momento terrível. Duas figuras a gritar silenciosamente dentro de uma casa de janelas fechadas, depois da meia-noite. Imaginava como é que uma família dormia numa casa, enquanto a outra dormia noutra casa, e ambas incluíam as roupas do meu pai penduradas num armário.

Imaginei a encantadora Posey de Pepperville Beach a perder a sua vida nessa noite, a chorar e a gritar enquanto tudo entrava em

colapso à sua frente. E realizei que, na lista das Vezes Em Que a Minha Mãe Me Defendeu, esta havia de figurar em primeiro lugar.

- Mãe - consegui finalmente dizer -, o que é que lhe disseste?

- Disse-lhe que fosse embora. Que nunca mais voltasse. Agora já sabia o que acontecera na véspera do esmigalhar dos cereais.

EXISTEM MUITAS COISAS na minha vida que gostava de poder mudar e muitos momentos que gostava de poder reviver. Mas aquele que mudaria se pudesse, não seria por mim, mas sim pela minha filha Maria, quando foi à procura da avó, naquela tarde de domingo e a encontrou caída no chão do quarto. Tentou acordá-la. Começou a gritar. Correu para dentro e fora do quarto, dividida entre o sair para pedir ajuda e o desejo de não a deixar sozinha. Isso nunca devia ter acontecido, era apenas uma criança.

Acho que a partir daquele momento se tornou difícil para mim enfrentar a minha filha e a minha mulher. Acho que foi uma das razões por que bebia tanto e por que me pirei para outra vida, pois bem lá no fundo achei que não merecia aquela que tinha. Fugi. Vistas as coisas assim, parece que segui o triste exemplo do meu pai. Duas semanas depois, quando no sossego do nosso quarto confessei a Catherine onde tinha estado, que não existira nenhuma viagem de negócios, que tinha ido jogar basebol no estádio de Pittsburg enquanto a minha mãe falecia, ela ficou mais anestesiada do que outra coisa qualquer. Ficou a olhar para mim, como se quisesse dizer alguma coisa que nunca chegou a dizer.

No final, o seu único comentário foi:

- Nesta altura dos acontecimentos, que diferença faz?

A minha mãe atravessou o pequeno quarto e parou em frente à única janela. Puxou as cortinas para o lado.

- Está escuro, lá fora - disse ela.

Atrás de nós, junto ao espelho, a mulher italiana continuava de olhos nos papéis que ia folheando.

- Mãe? - perguntei eu. - Tu odeia-la?

Sacudiu a cabeça. - Por que havia de a odiar? Limitou-se a desejar o mesmo que eu e também não o conseguiu obter. O casamento

deles acabou, o teu pai seguiu o seu caminho. Como te disse, ele tinha um jeito especial para isso.

Agarrou os cotovelos, como se tivesse frio. A mulher junto ao espelho pôs as mãos no rosto e deixou escapar um pequeno soluço.

- Segredos, Charley - murmurou a minha mãe. - Cortam-nos ao meio.

Ficámos os três em silêncio, por uns segundos, cada um no seu mundo e depois a minha mãe virou-se para mim.

- Agora tens que ir - disse.

- Ir? - A minha voz encravou. - Onde? Porquê?

- Mas, Charley... - pegou nas minhas mãos. - Quero perguntar-te uma coisa, primeiro.

Tinha os olhos marejados de lágrimas.

- Por que é que queres morrer?

Estremeci. Não consegui respirar.

- Tu sabias...?

Sorriu com ar triste.

- Sou a tua mãe.

O meu corpo teve uma convulsão e expeli uma golfada de ar.

- Mãe, eu não sou quem tu pensas... estrago tudo. Bebi muito, dei cabo de tudo. Perdi a minha família...

- Não, Charley...

- Sim, sim, perdi. - A minha voz tremia. - Fui-me abaixo... A Catherine foi-se, mãe. Afastei-a... e Maria, nem sequer faço parte da vida dela... casou... eu nem estive presente... estou de fora, agora... estou de fora de tudo o que amei...

O meu peito arquejava.

- E tu... aquele último dia... nunca te devia ter deixado... nunca te pude dizer...

Baixei a cabeça de vergonha.

... - o quanto lamento... como estou tão... tão...

Não consegui dizer mais nada. Caí no chão, a soluçar descontroladamente, esvaziando-me em lamúrias. O quarto encolheu até restar apenas um calor atrás dos meus olhos. Não sei quanto tempo fiquei assim. Quando reencontrei a voz, era quase um murmúrio.

- Só queria que isto parasse, mãe... esta raiva, a culpa. É por isso que... quero morrer...

Ergui os olhos e, pela primeira vez, admiti a verdade.

- Desisti - suspirei.

- Não desistas - suspirou ela de volta.

Enterrei a cabeça. Não tenho vergonha de o dizer, enterrei a cabeça nos braços da minha mãe e as mãos dela envolveram o meu pescoço. Abraçámo-nos assim, por uns breves momentos, mas não consigo descrever por palavras o consolo que deles retirei. Só vos posso dizer que ainda agora anseio por ele.

- Eu não estive ao teu lado quando morreste, mãe.

- Tinhas coisas para fazer.

- Menti. Foi a pior mentira que alguma vez disse... Não foi por causa do trabalho. Entrei num jogo... um estúpido jogo... estava tão desesperado para agradar...

- Ao teu pai.

Anuiu suavemente.

E eu percebi que ela sempre o soube.

No outro lado do quarto, a mulher italiana apertou o robe. Apertava as mãos como se rezasse. Que trio mais estranho, com cada um de nós, nalguma altura das nossas vidas, a tentar ser amado pelo mesmo homem. Ainda podia ouvir as suas palavras, a tentar forçar em mim uma decisão: menino da mamã ou menino do papá, Chick? Como é que vai ser?

- Fiz a escolha errada - murmurei.

A minha mãe abanou a cabeça.

- Uma criança nunca devia ser obrigada a escolher.

A mulher italiana levantou-se. Limpou os olhos e compôs-se. Pousou os dedos na beira do toucador e empurrou duas coisas. A minha mãe fez-me sinal para avançar até conseguir ver para onde ela tinha estado a olhar.

Uma era uma fotografia de um jovem em uniforme de graduação. Depreendi que era o filho.

A outra era o meu cartão de basebol.

Pestanejou os olhos em frente ao espelho e viu os reflexos dos três, enquadrados como um retrato de família bizarro. Pela primeira

e única vez, tenho a certeza de que me viu.

- Perdonare - murmurou a mulher. E tudo à nossa volta desapareceu.

Chick Termina a Sua História

ALGUMA VEZ IDENTIFICOU a sua recordação de infância mais antiga? A minha é de quando tinha três anos. Era Verão e havia uma festança no parque perto de nossa casa, com balões e quiosques de algodão doce. Um grupo de tipos que tinha acabado uma corda-de-guerra rodeava a fonte pública.

Eu devia ter sede, porque a minha mãe levantou-me pelas axilas e levou-me para junto deles. Lembro-me como se meteu à frente de todos aqueles homens suados e de tronco nu, me segurou no peito e usou a mão livre para abrir a torneira. Disse-me ao ouvido “bebe a água, Charley” e eu inclinei-me para a frente, com os pés a abanar acima do chão, e bebi ruidosamente enquanto os homens esperavam que terminássemos. Ainda guardo a sensação do braço dela à minha volta. Ainda vejo o borbulhar da água. É a memória mais antiga que tenho, a de mãe e filho, um mundo em nós próprios.

Agora, no final deste último dia juntos, aconteceu o mesmo. Sentia o corpo partido e mal me podia mexer. Mas ela passou o braço pelo meu peito e de novo a senti a levar-me, com o ar a soprar no meu rosto. Só via escuridão, como se viajássemos por detrás de uma cortina. Depois a escuridão desapareceu e apareceram estrelas. Milhares delas. Ela estava a pousar-me no chão, em cima da relva molhada, devolvendo a minha alma arruinada a este mundo.

- Mãe... - tinha a garganta crua e precisava de engolir entre palavras. - Aquela mulher...? Estava a dizer o quê?

Baixou-me os ombros devagar.

- Perdoar.

- Perdoar a ela? Ao pai?

A minha cabeça tocou no chão. Senti sangue a escorrer nas têmporas.

- A ti mesmo - respondeu.

O meu corpo estava a trancar-se. Não conseguia mover as pernas ou os braços. Estava a escorregar para fora dali. Quanto tempo ainda tinha?

- Sim - disse eu, de raspão.

Ela pareceu confusa.

- Sim, foste uma boa mãe.

Levou a mão à boca para esconder um sorriso e pareceu inchar até rebentar.

- Vive - disse ela.

- Não, espera.

- Amo-te, Charley.

Acenou com os dedos. Eu chorava.

- Vou perder-te...

O seu rosto flutuou por cima do meu.

- Não podes perder a tua mãe, Charley. Estou mesmo aqui.

Um clarão de luz enorme obliterou a sua imagem.

- CHARLES BENETTO, ESTÁ A OUVIR-ME?

Senti um formigueiro nos membros.

- AGORA VAMOS MOVÊ-LO.

Queria puxá-la de volta.

- ESTÁ CONNOSCO, CHARLES?

- Eu e a minha mãe - balbuciei.

Senti um beijo macio na testa.

- A minha mãe e eu - corrigiu-me ela. E desapareceu.

Pisquei os olhos com força e vi o céu e as estrelas. Começaram a cair e a parecer maiores à medida que se aproximavam, redondas e brancas como bolas de basebol, e instintivamente estendi a palma da mão, como se aumentasse o tamanho da minha luva para as apanhar.

- ESPEREM. OLHEM PARA AS MÃOS DELE!

A voz suavizou-se.

- CHARLES?

Ficou ainda mais suave.

- Charles...? Então, vai muito bem, amigo. Volte para nós... EH!, RAPAZES!

Abanou a lanterna para os outros dois policiais. Era um jovem, como eu pensara.

Os Últimos Pensamentos de Chick

Bem, TAL COMO VOS DISSE ao princípio, não estou à espera que venham comigo até aqui. Nunca contei esta história, mas sempre esperei fazê-lo. Esperei por esta oportunidade e sinto-me feliz que tenha chegado, agora que está feito.

Esqueci-me de muitas coisas da minha vida, mas lembro-me de cada momento passado nessa altura com a minha mãe, das pessoas que fomos ver e das coisas de que falámos. Foi muito corriqueiro de várias maneiras, mas, tal como ela mesmo disse, podemos encontrar algo verdadeiramente importante num momento vulgar. Podem pensar que sou maluco e que imaginei essa cena toda. Mas eu acredito, do fundo da minha alma, que a minha mãe, algures entre este mundo e o próximo, me deu mais um dia, o dia que eu tanto desejava, e me disse tudo aquilo que vos contei.

E, se a minha mãe disse, eu acredito.

- O que provoca o eco? - desafiou-me ela uma vez.

A persistência do som depois da sua fonte ter parado.

- Quando se pode ouvir um eco?

Quando está silêncio e os outros sons são absorvidos. No silêncio, ainda consigo ouvir o eco da minha mãe. Sinto-me envergonhado por ter tentado acabar com a minha vida. É uma coisa tão preciosa. Não tinha ninguém para me ajudar a livrar-me do desespero, o que foi um erro. É preciso manter as pessoas próximas de nós. É preciso dar-lhe acesso ao nosso coração.

Quanto ao que se passou nos dois anos a seguir, há vários pormenores. A estada no hospital, o tratamento que recebi, os sítios onde estive. Por agora, digamos que tive muita sorte, a vários níveis. Estou vivo, não matei ninguém e tornei-me sóbrio desde então, mesmo que uns dias sejam melhores do que outros.

Pensei muito sobre o que se passou naquela noite. Acredito que a minha mãe me salvou a vida. Também acredito que se os nossos pais nos amarem, nos seguram a salvo sobre as águas revoltas. Por

vezes, isso implica que nunca saberemos pelo que passaram e talvez os tratemos com pouca gentileza, caso contrário nunca o faríamos.

Existe uma história atrás de tudo. Como uma determinada fotografia foi parar a uma parede. Como surgiu uma cicatriz no seu rosto. Às vezes, as histórias são simples e às vezes são duras e desoladoras. Mas, por detrás de todas as suas histórias, está a história da sua mãe, porque é na dela que a sua começa.

Portanto, esta foi a história da minha mãe.

E a minha.

Gostava de consertar as coisas com as pessoas que amo.

Epílogo

CHARLES “Chick” BENETTO morreu no mês passado, cinco anos depois da sua tentativa de suicídio e três depois do nosso encontro naquele sábado de manhã.

O funeral foi simples, com apenas algumas pessoas de família, incluindo a sua ex-mulher e vários amigos da sua infância em Pepperville Beach, que se lembravam de trepar a uma torre de água com Chick e de pintar os seus nomes no tanque com spray. Ninguém dos seus dias de baseball apareceu, embora os Piratas de Pittsburg tenham enviado um cartão de condolências.

O pai esteve lá. Ficou no fundo da igreja, um homem magro de ombros inclinados para a frente e cabelo branco e ralo. Vestia um fato castanho e tinha óculos escuros e saiu rapidamente depois da missa.

O motivo da sua morte foi um ataque repentino, uma embolia no cérebro que o matou quase instantaneamente. Os médicos especularam que os vasos sanguíneos tinham enfraquecido com o traumatismo craniano sofrido no acidente de automóvel. Tinha cinquenta e oito anos quando morreu. Todos concordaram que era novo de mais.

Quanto aos detalhes da sua “história”? Ao reunir informações para este relato, verifiquei praticamente todos. Houve, de facto, um acidente na rampa do acesso à auto-estrada naquela noite, onde um carro chocou contra a frente de um camião, caiu por uma ravina abaixo, destruiu um painel publicitário e projectou o condutor para o meio da erva.

Existiu, de facto, uma viúva chamada Rose Templeton, que morou na rua Lehigh, em Pepperville Beach e que morreu pouco depois do acidente. Também existiu uma Sra. Thelma Bradley, que faleceu pouco depois e cujo obituário no jornal local a identificava como “empregada doméstica reformada”.

Foi emitido um certificado de casamento em 1962, um ano depois do divórcio dos Benetto, em nome de um Leonardo Benetto e uma Gianna Tusicci, que confirmava um casamento anterior em Itália. Um

Leo Tusicci, presumivelmente seu filho, foi matriculado no Liceu de Collingswood no início dos anos sessenta. Não há outros registros dele.

E quanto a Pauline “Posey” Benetto? Morreu de um ataque cardíaco aos setenta e nove anos e os pormenores da sua vida condizem com os relatos destas páginas. O seu sentido de humor, calor humano e sabedoria maternal são confirmados pelos elementos da família que ainda são vivos. A sua fotografia ainda está pendurada no instituto de beleza onde trabalhou, vestida de smoking azul e brincos de argolas.

Aparentemente, os últimos anos de Chick Benetto trouxeram-lhe algum contentamento. Vendeu a casa da sua mãe em Pepperville Beach e reverteu a venda para a filha. Mudou-se para um apartamento perto dela e restabeleceram a relação, da qual fazia parte as “corridas aos donuts” de sábado de manhã, para pôr os acontecimentos da semana em dia, com café e bolos. Embora nunca se reconciliasse totalmente com Catherine Benetto, fizeram as pazes e conversavam com frequência.

Os seus dias de vendedor terminaram, mas Chick trabalhou em part-time em parques locais e associações recreativas, onde implementou uma regra para os jogos que organizava: toda a gente joga.

Uma semana antes do seu ataque, pressentiu que o seu tempo estava a chegar ao fim. Às pessoas à sua volta, disse: “Lembrem-se de mim nestes dias e não nos de antigamente.”

Foi enterrado numa campa perto da sua mãe.

Como havia um fantasma envolvido, pode achar que isto é uma história de fantasmas. Mas que família não os tem? Contar histórias sobre aqueles que perdemos impede-nos de os perdermos completamente.

Mesmo que Chick já tenha desaparecido, a sua história passa através dos outros. Passa através de mim. Não creio que ele fosse maluco e acredito que conseguiu mesmo mais um dia com a mãe. E um dia passado com alguém que amamos pode mudar tudo.

Eu sei. Também tive um dia assim, nas bancadas de um campo da Liga Menor, um dia para ouvir, amar, perdoar e ser perdoada. E para decidir, anos mais tarde, que este filho que agora espero se vai chamar orgulhosamente Charley.

O meu nome de casada é Maria Lang.

Mas antes disso era Maria Benetto.

Chick Benetto era o meu pai.

E, se o meu pai disse, eu acredito.

Agradecimentos

O autor gostaria de agradecer a Leslie Wells e Will Schwalbe pela edição deste livro; a Bob Miller pela fé e paciência; Ellen Archer, Jane Comins, Katie Wainright, Christine Ragasa, SallyAnne McCartin, Sarah Schaffer e Maha Khalil, pelo incansável apoio; Phil Rose, pela sua arte maravilhosa, e Miriam Wenger e David Lott, pelo olhar apurado. Agradeço especialmente a Kerri Alexander, que continua a tratar de tudo; a David Black, que me impingiu incontáveis jantares de frango, e, especialmente, a Janine, que ouviu esta história em manhãs de sossego, leu alto e lhe deu o seu primeiro sorriso. E, obviamente, sendo esta uma história de família, agradeço à minha família, aos que vieram antes de mim, depois de mim e aos que estão à minha volta.

FIM

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Sinopse](#)

[Sobre o Autor](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

